

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



O PAPEL DAS CONCEÇÕES PESSOAIS NAS REAÇÕES À
INFIDELIDADE

Diana Sofia Teixeira Marcos

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/
Núcleo de Psicoterapia Cognitiva-Comportamental e Integrativa)**

2014

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**O PAPEL DAS CONCEÇÕES PESSOAIS NAS REAÇÕES À
INFIDELIDADE**

Diana Sofia Teixeira Marcos

Dissertação Orientada pelo Professor Doutor João Manuel Moreira

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/
Núcleo de Psicoterapia Cognitiva-Comportamental e Integrativa)**

2014

Agradecimentos

Em primeiro lugar quero agradecer ao Prof. João Manuel Moreira pela constante disponibilidade para esclarecimentos, conselhos e sugestões. Por toda a paciência e compreensão durante todo este último ano, fica aqui um profundo e sentido obrigado.

Gostaria de agradecer também a todos os professores da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa por estes cinco anos de ensinamentos que me enriqueceram e permitiram crescer pessoal e intelectualmente.

Agradeço e dedico este trabalho aos meus pais e ao meu irmão por serem o meu porto de abrigo de todas as chegadas e partidas e a quem devo a oportunidade desta caminhada. Obrigado por terem mostrado sempre o vosso amor e apoio incondicional. Também ao meu namorado, pelo apoio incessante ao longo destes anos de presenças e ausências permanentes devido à distância, por todo o carinho, dedicação, amor e companheirismo. O meu muito obrigado por me proporcionarem tantos bons momentos e por me terem acompanhado diária e incansavelmente nesta batalha.

Agradeço também aos meus avós, tanto maternos como paternos por todo o apoio e carinho que sempre demonstraram. Em especial, agradeço à minha avó materna que nem por um dia deixou de me ligar para me incentivar e encorajar nesta caminhada, e de perguntar quando chegará ao momento de voltar para casa. O meu sincero obrigado pelo amor e dedicação constante!

Aos meus colegas da faculdade que de alguma forma contribuíram para tornar estes últimos cinco anos numa experiência única e inesquecível. Um sincero obrigado à Vanessa e à Maria que marcaram este percurso de forma muito especial.

Agradeço também aqueles que de alguma forma contribuíram para a concretização deste projeto.

Por fim, um agradecimento especial a todos os que tão gentilmente disponibilizaram o seu tempo para participar nesta investigação.

Resumo

O principal objetivo deste estudo passa por compreender como as concepções quanto às causas da infidelidade influenciam as reações à mesma. Adicionalmente pretende-se averiguar o papel do género, do estilo de vinculação, da classe socioeconómica, do posicionamento político e da religiosidade na determinação tanto das concepções como das reações à infidelidade. Uma amostra de 164 homens e 137 mulheres respondeu *online* a três questionários, nomeadamente o *Questionário das Concepções Pessoais Acerca da Infidelidade*, construído no âmbito deste estudo e no qual se solicitava aos sujeitos que avaliassem em que medida considerariam que cada um de um conjunto de causas contribuíram para a ocorrência da infidelidade descrita em cada um de três cenários. Após cada cenário era apresentado o *Questionário de Reações à Infidelidade do Parceiro* no qual era solicitado à pessoa que se imaginasse no lugar do parceiro da pessoa infiel e que considerasse em que grau sentiria cada uma das reações apresentadas. O desenvolvimento deste estudo permitiu concluir que as concepções acerca da infidelidade influenciam de forma significativa as reações à mesma. Verificou-se que as atribuições da infidelidade a traços ou a motivações internas do agente ativo e a características da relação primária motivam mais reações negativas (desvalorização, desilusão e hostilidade), reduzem a tendência para perdoar e aumentam a tendência para terminar a relação, enquanto as atribuições a características universais da natureza humana apresentam a tendência oposta, quer em relação às reações emocionais quer em relação às comportamentais. O estilo de vinculação e as variáveis demográficas apresentaram igualmente efeitos importantes.

Procedeu-se ainda a uma reflexão sobre as limitações do estudo e foram consideradas sugestões para futuras investigações neste âmbito.

Palavras-chave: reações à infidelidade, concepções pessoais, atribuição, vinculação.

Abstract

The main objective of this study was to understand how conceptions of the causes of infidelity influence reactions to it. Additionally we intended to investigate the role of gender, attachment style, socio-economic class, political positioning and religiosity in determining both conceptions and reactions to infidelity. A sample of 164 men and 137 women responded to three online questionnaires, including the *Questionário das Concepções Pessoais Acerca da Infidelidade* (Questionnaire of Personal Conceptions about Infidelity), constructed in this study and in which subjects were asked to rate the extent to which they consider that each of a set of causes contributed to the occurrence of infidelity described in each of three scenarios. After each scenario, the Questionnaire of Reaction to Infidelity was presented, in which persons were asked to imagine themselves in the place of the partner of the unfaithful person and to consider to what degree they would feel each of the reactions presented. Results pointed out that conceptions about infidelity significantly influence reactions to it. Attributions of infidelity to internal traits or motivations of the active agent and to characteristics of the primary relationship motivate more negative reactions (devaluation, disillusionment and hostility), reduce the tendency to forgive and increase the tendency to end the relationship, while attributions to universal features of human nature show the opposite trend, with regard to both emotional and behavioral reactions. Attachment style and demographic variables also showed significant effects.

Finally, we proceeded to a reflection of the limitations of the study and suggestions for future research in the field were also considered.

Keywords: reactions to infidelity, personal conceptions, attribution, attachment.

Índice Geral

Introdução.....	1
Parte I – Enquadramento Teórico.....	4
Capítulo 1 – A Infidelidade e os Seus Concomitantes	4
1.1. O conceito de infidelidade.....	4
1.2. Tipos de infidelidade.....	5
1.3. Fatores predisponentes à infidelidade	9
1.4. Reações à infidelidade.....	16
Capítulo 2 – O Papel das Concepções Pessoais nas Reações à Infidelidade.....	24
2.1. A Psicologia das Concepções Pessoais.....	24
2.2. As concepções pessoais acerca da infidelidade	25
2.3. O estilo de vinculação nas reações aos problemas relacionais	27
Parte II – Estudo Empírico	31
Capítulo 3 – Metodologia.....	31
3.2. Caracterização da amostra.....	34
3.3. Instrumentos	36
3.4. Procedimentos de recolha de dados	38
Capítulo 4 – Resultados.....	40
4.1. Dados obtidos através do Questionário de Concepções Pessoais acerca da Infidelidade (QCPI)	40
4.1.1. Análise Psicométrica.....	40
4.2. Dados obtidos através do questionário de Reações à Infidelidade do Parceiro... ..	49
4.2.1. Análise Psicométrica.....	49
4.3. Análise das relações entre variáveis	52
Capítulo 5 – Discussão	73
Capítulo 6- Conclusão	83
6.1. Limitações e sugestões para investigações futuras	84
Referências Bibliográficas.....	86

Índice de Quadros

Quadro 1. <i>Número e percentagem de participantes por estatuto relacional em cada sexo</i>	35
Quadro 2. <i>Itens das concepções para o cenário ISO do sexo masculino: Matriz dos componentes após rotação</i>	42
Quadro 3. <i>Itens das concepções para o cenário IE do sexo feminino: Matriz dos componentes após rotação</i>	44
Quadro 4. <i>Número do fator correspondente a cada interpretação por cenário e género</i>	46
Quadro 5. <i>Análise da consistência interna, através do alfa de Cronbach, para cada cenário do sexo masculino</i>	46
Quadro 6. <i>Análise da consistência interna, através do alfa de Cronbach, para cada cenário do sexo feminino</i>	48
Quadro 7. <i>Item das reações no cenário ISO para ambos os sexos: matriz de componentes após rotação</i>	50
Quadro 8. <i>Alfa de Cronbach das reações emocionais de cada cenário de ambos os sexos</i>	52
Quadro 9. <i>Correlações entre as concepções e as emoções no sexo feminino</i>	53
Quadro 10. <i>Correlações entre as concepções e as emoções no sexo masculino</i>	54
Quadro 11. <i>Correlações entre concepções e ações no sexo feminino</i>	57
Quadro 12. <i>Correlações entre concepções e ações no sexo masculino</i>	58
Quadro 13. <i>Correlações entre emoções e ações no sexo feminino</i>	59
Quadro 14. <i>Correlações entre emoções e ações no sexo masculino</i>	60
Quadro 15. <i>Correlações entre concepções e estilo de vinculação no sexo feminino</i>	62

Quadro 16. <i>Correlações entre concepções e estilo de vinculação no sexo masculino</i>	63
Quadro 17. <i>Correlações entre emoções e estilo de vinculação no sexo feminino</i>	64
Quadro 18. <i>Correlações entre emoções e estilo de vinculação no sexo masculino</i>	64
Quadro 19. <i>Correlações entre ações e o estilo de vinculação no sexo feminino</i>	65
Quadro 20. <i>Correlações entre ações e estilo de vinculação no sexo masculino</i>	66
Quadro 21. <i>Correlações entre concepções e classe socioeconómica, religiosidade e posicionamento político no sexo feminino</i>	67
Quadro 22. <i>Correlações entre concepções e classe socioeconómica, religiosidade e posicionamento político no sexo masculino</i>	68
Quadro 23. <i>Correlações entre emoções e classe socioeconómica, religiosidade e posicionamento político no sexo feminino</i>	70
Quadro 24. <i>Correlações entre emoções e classe socioeconómica, religiosidade e posicionamento político no sexo masculino</i>	70
Quadro 25. <i>Correlações entre ações e classe socioeconómica, religiosidade e posicionamento político no sexo feminino</i>	71
Quadro 26. <i>Correlações entre ações e classe socioeconómica, religiosidade e posicionamento político no sexo masculino</i>	72

Introdução

A infidelidade, definida por Glass (2002) como um envolvimento sexual, romântico ou como um envolvimento emocional que viola o compromisso de um relacionamento exclusivo, é apontada como o maior fator de transgressão no que se refere à exclusividade nas relações amorosas. A infidelidade foi durante muito tempo (e ainda parece ser) estigmatizada, em parte, devido às imposições sociais e culturais que a sobrecarregam de significados pejorativos. Baumann (2004) argumenta que a sociedade vive um momento em que a solidez dos relacionamentos está a ser dissolvida, o que transmite uma perspectiva de fragilidade dos laços humanos, marcada pela flexibilidade, pois encontram-se em constante e frenético movimento. Neste contexto, o amor passa também a ser vivenciado de forma mais insegura, com dúvidas acrescidas face ao contexto relacional, sendo a infidelidade um dos acontecimentos mais receados pelos membros de uma relação, uma vez que é considerada a principal ameaça à união do casal (Buss e Shackelford, 1997; Buss, 2002; Shackelford, Buss e Bennett, 2002).

Numa perspectiva evolutiva (Buss, Larsen, Westen e Semmelroth, 1992; Buss e Shackelford, 1997), a infidelidade sinaliza o desvio de recursos reprodutivos importantes para outra pessoa, enquanto numa perspectiva do modelo do investimento (Rusbult, 1980) a infidelidade reflete a falta de compromisso na relação. No entanto, muitas são as razões pelas quais homens e mulheres recorrem à infidelidade, nomeadamente por insatisfação na relação (Atkins, Baucom e Jacobson, 2001) curiosidade, desejo pela variedade sexual (Glass e Wright, 1992) etc., pelo que a tarefa de manter um relacionamento romântico saudável e plenamente satisfatório pode ser compreendida como uma tarefa altamente complexa, por envolver uma série de conflitos e desafios.

As difíceis consequências emocionais e relacionais experienciadas aquando de uma infidelidade têm vindo a ser destacadas na literatura (Sabini e Green, 2004; Shackelford, LeBlanc e Drass, 2000; Buss et al., 1992; Nannini e Meyers, 2000; Miller e Maner, 2008), constatando-se as mais variadas emoções e reações entre os parceiros que a vivenciam (Sousa, Santos e Almeida, 2009). Neste sentido, este tem sido considerado um tema polémico e complexo, não só pelas diversas repercussões que acarreta, como também pela dor experienciada, tanto a nível individual como relacional (Winek e Craven, 2003), uma vez as condições pré-estabelecidas moralmente são afetadas, como por exemplo, o contrato de exclusividade. Contudo, esta perceção da

transgressão das condições morais pode ser considerada com maior ou menor impacto dependendo da cultura, formação e valores que permeiam cada casal (Andrade, Mello e Dias, 2009). Com isto, salienta-se a importância das avaliações cognitivas que se fazem da situação, como por exemplo as atribuições que são conferidas ao comportamento infiel e que influenciam as reações do parceiro traído (Hall e Fincham, 2006).

A atribuição causal é uma tendência humana básica (Schneider, 1987) que reflete as concepções das pessoas acerca das situações que vivenciam. Desta forma, os significados atribuídos às causas da infidelidade e às motivações para a sua ocorrência podem ser os mais variados, sendo que cada pessoa irá vivenciar esta experiência de forma muito idiossincrática, uma vez que somos seres únicos, dotados de singularidades. Por sua vez, estas atribuições e a natureza das mesmas terão um papel importante na resposta do parceiro traído à infidelidade (Hall e Fincham, 2006).

No entanto, a investigação direcionada ao estudo do papel desempenhado pelas concepções quanto às causas da infidelidade na determinação das reações à mesma é ainda escassa, razão pela qual optou-se pela concretização de um estudo de natureza exploratória. Assim, espera-se que este estudo permita a obtenção de informação compreensiva acerca da relação entre as atribuições à infidelidade e as reações à mesma, constituindo-se assim o principal objetivo deste estudo. O segundo objetivo passa por analisar o papel desempenhado pelo género, o estilo de vinculação, a classe socioeconómica, o posicionamento político e a religiosidade na determinação das concepções e das reações à infidelidade.

No que concerne à organização dos conteúdos, o presente trabalho divide-se em duas partes. A parte I é composta pelos capítulos um e dois. O primeiro é dedicado ao enquadramento teórico, no qual é abordado o conceito de infidelidade, os tipos de infidelidade, os fatores que predispõem à infidelidade e as reações à sua ocorrência. O segundo capítulo centra-se na literatura acerca das concepções pessoais acerca da infidelidade, sendo primeiramente apresentada uma abordagem geral sobre a Psicologia das concepções pessoais. Por último, e também como parte integrante do segundo capítulo, encontra-se uma menção à importância do estilo de vinculação nas reações a problemas relacionais.

A parte II destina-se ao estudo empírico e encontra-se subdividida em quatro capítulos. O terceiro capítulo expõe os objetivos e hipóteses do estudo empírico e a respetiva metodologia e procedimento. O capítulo quatro refere-se à apresentação dos resultados, sendo o capítulo cinco destinado à discussão dos mesmos. Por fim, no

capítulo seis procede-se a uma síntese das principais conclusões e implicações do estudo, sendo ainda mencionadas as suas limitações e delineadas algumas diretrizes para investigações futuras neste âmbito.

Parte I – Enquadramento Teórico

Capítulo 1 – A Infidelidade e os Seus Concomitantes

1.1. O conceito de infidelidade

A infidelidade, fenómeno que assume extrema relevância no contexto das relações amorosas, tem vindo a adquirir evidência no âmbito da investigação devido às consequências devastadoras que acarreta. A definição operacional deste conceito é ainda um desafio, pois muitos autores variam na forma como definem a infidelidade, razão pela qual é possível encontrar diferentes definições na literatura (Afonso, 2011). Isto porque, enquanto alguns autores a definem tendo em conta apenas comportamentos de cariz sexual, como por exemplo «a infidelidade é um envolvimento de um indivíduo numa atividade sexual com outra pessoa, que não o parceiro da relação principal, enquanto se encontra envolvido numa relação de compromisso e exclusividade» (Lieberman, 1988), outros tendem a adotar um visão oposta atribuindo maior ênfase à componente emocional, como é o caso de Gibson (2008) que se refere ao termo de infidelidade como qualquer relacionamento extraconjugal e o define como “uma ligação entre um dos parceiros do sistema conjugal e uma outra pessoa fora desse sistema, ligação essa da qual o segundo parceiro é excluído”. Na perspetiva de McAnulty e Brineman (2007) a infidelidade é constituída por estas duas últimas componentes, tendendo assim a defini-la como “qualquer forma de intimidade emocional ou sexual com outra pessoa para além do parceiro primário”. Semelhantemente, Glass (2002) define-a como “um envolvimento sexual, romântico ou como um envolvimento emocional que viola regras básicas de exclusividade da relação”.

Segundo McAnulty e Brineman (2007) a dificuldade na operacionalização do termo parece estar associada não só à multiplicidade de perspetivas e definições traçadas, tendendo assim a ser um termo de carácter muito idiossincrático (Allen, Atkins, Baucom, Snyder, Gordon e Glass, 2005), mas também devido à natureza multidimensional da infidelidade (Mattingly, Wilson, Clark, Bequette e Weidler, 2010). Assim, os indivíduos que se encontram numa relação, ou não, podem diferir na sua definição de infidelidade, sendo que um parceiro pode considerar, um determinado comportamento, como um ato de infidelidade, ao passo que o outro pode não partilhar a mesma opinião (Viegas e Moreira, 2013). Não obstante, o tipo de relação em que os

indivíduos se inserem (casamento, namoro, coabitação, etc.), seja hetero ou homossexual, pode também ter regras distintas que influenciam a avaliação de um determinado comportamento como sendo um ato de infidelidade numa relação e não noutra (Blow e Hartnett, 2005a). Desta forma, constata-se que, da mesma forma que diversos autores têm concepções diferentes sobre o conceito, o mesmo pode acontecer com a generalidade das pessoas (Castro, Poeschl e Coimbra, 2010). Assim, embora a infidelidade tenha vindo a tornar-se alvo de inúmeros estudos, parecem existir ainda inconsistências no que concerne à sua definição, o que pode influenciar e determinar os resultados variáveis e por vezes contraditórios encontrados na literatura sobre o tema (Viegas e Moreira, 2013).

De forma a ultrapassar estas dificuldades conceptuais Blow e Hartnett (2005a), na sua revisão da literatura sobre o tema, sugeriram uma definição de infidelidade mais abrangente: “a infidelidade é um ato sexual e/ou emocional cometido por uma pessoa que está numa relação de compromisso, onde tal ato ocorre fora da relação primária e constitui uma violação de confiança e/ou a violação de um acordo de normas (explícitas ou implícitas) por um ou ambos os indivíduos nesse relacionamento em relação à exclusividade romântica/emocional ou sexual”.

Para além da insuficiência e incongruência na operacionalização do conceito, constata-se, nas várias definições supracitadas, a existência de diferentes tipos de infidelidade, nomeadamente sexual, emocional ou até ambas, sendo que estes diferentes tipos não são mutuamente exclusivos (Blow e Hartnett, 2005b).

O tópico seguinte pretenderá desenvolver esta temática no sentido de fomentar uma melhor compreensão acerca dos diferentes tipos de infidelidade propostos na literatura.

1.2. Tipos de infidelidade

As definições supramencionadas remetem-nos, então, para a existência de três principais tipos de infidelidade apontados pela literatura empírica, embora estes não sejam únicos, uma vez que a literatura clínica e de autoajuda nos apresenta também diversos tipos de infidelidade, que visam diferentes finalidades (Brown, 2001; Pittman, 1989, citado por Peluso, 2007). Apesar desta diversidade, o presente trabalho procurará salientar aqueles que parecem assumir um relevo significativo no âmbito da

investigação e literatura, tendo-se optado por classificar os tipos de infidelidades em função de dois grandes tipos de critérios: comportamentais e motivacionais.

1.2.1. Critérios comportamentais

Este critério abarca todos os tipos de infidelidade que são definidos em função dos comportamentos concretos direcionados a outra pessoa que não o parceiro da relação primária. Assim, segundo este critério, é possível distinguir entre a infidelidade sexual, emocional ou ambas.

A infidelidade sexual alude à atividade sexual com alguém que não o parceiro com quem é estabelecida uma relação com regras de exclusividade (Shackelford et al., 2000), envolvendo comportamentos como beijar, toques íntimos, sexo oral, ou quaisquer outros tipos de relações sexuais (Ahrndt, 2005).

Relativamente à infidelidade emocional, esta é definida pela formação de um vínculo emocional e afetivo com outra pessoa que não o parceiro com quem mantém a relação de exclusividade. Este tipo envolve um relacionamento que implica ações direcionadas à terceira pessoa, como por exemplo conversas íntimas, sentimentos de paixão, encontros marcados ou um encanto pelo outro (Almeida, Rodrigues e Silva, 2008), envolvendo ainda o investimento de recursos como o amor romântico, tempo, atenção (Buss e Shackelford, 1997), partilha, compreensão, companheirismo, respeito, etc. (Glass e Wright, 1992). Estas ações são consideradas como uma infidelidade, uma vez que consomem energia que devia ser orientada para a relação primária (Brown, 2001).

Segundo Buss, Larsen e Westen (1996), estes dois tipos de infidelidade, sexual e emocional, podem ocorrer simultaneamente, constituindo o terceiro tipo de infidelidade, ou independentemente uma da outra, isto é, um encontro sexual casual pode acontecer sem um envolvimento emocional e uma infidelidade emocional pode ocorrer na ausência de envolvimento sexual. As diferenças entre géneros, quanto à predominância dos tipos de infidelidade num sexo e não noutro, têm vindo também as ser demonstradas. No estudo de Fenigstein e Peltz (2002), constatou-se que a infidelidade sexual, sem envolvimento emocional, é mais aceitável nos homens, enquanto a infidelidade emocional, sem envolvimento sexual, é mais aceitável nas mulheres. Com isto, podemos considerar que a tendência dos homens para a prática da infidelidade sexual, comparativamente à emocional, pode estar relacionada com o facto de esta ser

uma tendência socialmente mais expectável face ao estereótipo de género masculino, uma vez que a sexualidade parece desempenhar um papel mais importante para os homens. Da mesma forma, a prática da infidelidade emocional nas mulheres parece ser congruente com os estereótipos de género feminino, pois socialmente é esperado que o envolvimento emocional seja mais valorizado pelas mulheres.

1.2.2. Critérios motivacionais

A teoria motivacional da infidelidade postula a existência de, por um lado, diferenças individuais na propensão dos indivíduos para infidelidade e, por outro, a presença de diferenças individuais na motivação para a infidelidade (Barta e Kiene, 2005). Neste tópico dedicarei a atenção à segunda componente (motivacional) sendo a primeira abordada noutra ponto mais adiante.

Assim, tendo em conta os tipos de infidelidade expostos no ponto anterior, torna-se importante não só conhecer que comportamentos lhes estão subjacentes, mas também compreender que motivações os impulsionam, uma vez que estas são consideradas fundamentais para a compreensão da ocorrência da infidelidade (Whisman, Gordon e Chatav, 2007). Alguns estudos (Feldman e Cauffman, 1999; Drigotas, Safstrom e Gentilia, 1999) foram levados a cabo sobre a perceção de causas (reais ou imaginárias) da infidelidade, emergindo como muito salientes questões relacionadas com a satisfação na relação primária. Assim, este fator tem sido evidenciado como uma das principais motivações para a prática da infidelidade, uma vez que motiva os elementos do casal a procurar a satisfação das suas necessidades noutra relação (Glass e Wright, 1985). A literatura aponta também para outras motivações, como o desejo pela variedade sexual (Glass e Wright, 1992), a incompatibilidade sexual com o parceiro da relação primária (Buunk, 1980), tendências para a experimentação (Ellis, 1973, cit. por Buunk, 1980) que podem representar o desejo de sair da rotina e procurar a novidade.

Segundo Thompson (1983), as motivações para a infidelidade podem ser agrupadas em dois tipos: motivos positivos (como crescimento pessoal, motivos humanísticos e expressivos, necessidade de variedade relacional e independência emocional) e motivos de *deficit* (relacionados com a insatisfação sentida na relação primária). Numa amostra de adolescentes e jovens adultos, Feldman e Cauffman (1999) apontaram que a atração sexual foi o motivo referido com maior frequência para a infidelidade; a ausência do parceiro surgiu como o segundo motivo mais referido,

seguindo-se o sentimento de incapacidade de resistir à oportunidade. O estudo de Brand, Markey, Mills e Hodges (2007) concluiu também que tanto os homens como as mulheres transmitem justificações semelhantes para o comportamento de infidelidade. Os homens revelam, por ordem decrescente de importância, predominantemente motivos como a atração pela outra pessoa, aborrecimento e infelicidade na relação atual, e o facto de a outra pessoa os fazer sentir atraentes. As mulheres referem motivos como a atração pela outra pessoa, infelicidade na relação atual, o facto de o outro as fazer sentir atraentes, aborrecimento na relação atual e o facto de a relação estar a terminar de qualquer maneira. De acordo com esta perspectiva, da existência de semelhanças entre homens e mulheres quanto às justificações para a infidelidade, está o estudo de Martins (2012), realizado em Portugal, que aponta que o aparecimento de uma oportunidade, o aborrecimento com a relação e a infelicidade com a relação são os motivos mais reportados pelos homens (por ordem decrescente), enquanto a infelicidade com a relação, o aborrecimento com a relação e o aparecimento de uma oportunidade são os mais referidos pelas mulheres.

Brown (2001) propôs um conjunto de cinco tipos de infidelidade, tendo cada um subjacente um tipo de motivação por parte do parceiro infiel. O primeiro tipo de infidelidade proposto pela autora é motivado pelo evitamento de conflitos. Os casais que o cometem são, frequentemente, simpáticos e nunca discutem, sendo vistos pelos seus amigos como um casal modelo. Este tipo de motivação refere-se à tendência dos indivíduos que compõem a relação para recearem que o conflito conduza ao abandono ou à perda de controlo, pelo que tendem a ver-se sem forma de se apoiarem mutuamente quando há um problema, não conseguindo, por isso, resolver as suas diferenças, o que pode resultar no desgaste da relação e conduzir à infidelidade.

O evitamento da intimidade constitui o segundo tipo de infidelidade e é praticado por casais que têm medo da intimidade, de se sentirem emocionalmente vulneráveis. Por esta razão, constroem barreiras bem altas entre si para se protegerem de se sentirem demasiado próximos, sendo as discussões (intensas e que podem escalar até à violência física) uma dessas barreiras e a infidelidade outra (sendo que habitualmente ambos os parceiros cometem infidelidade). Estes casais são o oposto dos casais que evitam os conflitos, pois tendem a lutar em vez de fugir.

O terceiro tipo de infidelidade é motivado pela dependência sexual de um dos elementos do casal, frequentemente o homem, que tende a dirigir-se para o sexo quando se sente sozinho, vazio, em sofrimento ou, de alguma forma, desconfortável. Os casais

que enfrentam este tipo de infidelidade vivem vidas praticamente separadas, apesar de o parceiro traído suportar geralmente o comportamento de dependência sexual do outro.

O eu dividido compõe o quarto tipo de infidelidade e prende-se com o facto de se estar farto de tentar fazer com que a relação primária funcione, pois o casal, geralmente, está junto há vinte ou mais anos. O casal é visto pelos amigos e colegas como responsável e seguro, e cada elemento da relação tende a ver o outro como controlador ou exigente. Habitualmente, pelo menos um dos parceiros, se não os dois, estão deprimidos. A infidelidade inicia-se quando alguém surge e agita a vida de um dos parceiros, resultando num envolvimento sério, longo e apaixonado. Uma vez completamente envolvido, o parceiro infiel inicia uma luta para escolher entre o elemento da relação primária ou o elemento com quem está a praticar a infidelidade, tentando decidir qual o melhor para si.

Por último, a infidelidade terminal tende a ser praticada por casais cujo estilo de relacionamento é o de fugir de questões difíceis e evitar o conflito. Este tipo de infidelidade é iniciado quando um elemento do casal considera que a relação se está a deteriorar, funcionando assim a infidelidade como um veículo para terminar a relação, uma vez que não é claro para o elemento que quer sair da relação quando ou como a terminar. Assim, a infidelidade é considerada o meio mais fácil para atingir esse fim.

Desta forma, constata-se que as motivações para a infidelidade são numerosas e variadas (McAnulty e Brineman, 2007), podendo ser influenciadas por diversas variáveis, quer sejam pessoais, interpessoais ou sociais. Assim, devido ao impacto negativo que a infidelidade pode ter sobre a estabilidade de uma relação (e.g. término da relação; Harris, 2002) e do bem-estar individual (e.g. confiança pessoal e sexual diminuída; Charny e Parnass, 1995, cit. por Martins, Pereira e Canavarro, 2014), a investigação tem procurado delinear possíveis fatores que possam colocar as pessoas em risco de praticar comportamentos de infidelidade.

1.3. Fatores predisponentes à infidelidade

A preocupação em compreender que fatores propiciam os comportamentos de infidelidade ocorrentes no seio das relações amorosas, sejam estas conjugais, de namoro, coabitação, de curta ou longa duração, e hetero ou homossexuais, parece motivar o desenvolvimento de estudos que permitam amplificar o conhecimento neste âmbito.

Segundo Viscott (1996, cit. por Almeida, 2007), existem tantos motivos que levam as pessoas a traírem os seus parceiros, quantos relacionamentos amorosos. Assim, a pesquisa realizada demonstra que os comportamentos de infidelidade podem ser determinados por diversos fatores como o género, o grau de satisfação com a relação, associado ao nível de compromisso presente na mesma, atitudes face à sexualidade, religiosidade, posicionamento político, normas sociais, características de personalidade, vinculação, nível de educação e experiências sexuais anteriores, o que remete para a existência e o contributo das diferenças individuais (referido no ponto anterior) na propensão à infidelidade.

De acordo com a literatura, os primeiros estudos desenvolvidos no âmbito da influência do género nos comportamentos de infidelidade, revelaram que os homens apresentam maior propensão para a infidelidade, comparativamente às mulheres (Wiederman e LaMar, 1998), tendo-se constatado uma diferença nos motivos que conduzem à ocorrência da mesma. A insatisfação com a relação, devido a fatores como a diminuição da partilha, empatia, cumplicidade e afeto, é um dos motivos mais reportados pelas mulheres, pelo que estas tendem a envolver-se emocionalmente com alguém fora da relação sem que haja relação sexual, o que parece ser coerente com o papel dos estereótipos femininos, mencionados previamente. Por outro lado, a natureza sexual é mais referida pelos homens, que são vistos como tendo maior propensão para relações sexuais sem envolvimento emocional fora da relação na qual estão envolvidos (Glass e Wright, 1985).

Nos seus estudos, Liu (2000) aponta que a qualidade da atividade sexual, componente subjacente à satisfação com a relação, parece também desempenhar um papel importante na predição da infidelidade, pelo que é expectável que o declínio da frequência da atividade sexual propicie, essencialmente nos homens, maiores probabilidades de incorrerem em comportamentos de infidelidade. Outro fator que pode também estar implícito na satisfação com a relação e que pode predizer a ocorrência da infidelidade é a duração da relação (Forste e Tanfer, 1996). As mulheres, quer estejam numa relação de namoro, conjugal ou de coabitação, apresentam mais probabilidades de cometer uma infidelidade quando estão envolvidas numa relação de longa duração. Em contrapartida, observou-se que nos homens casados a probabilidade de infidelidade diminui quanto mais longa for a relação (Liu, 2000), enquanto nos homens que se encontram numa relação de namoro a probabilidade de terem comportamentos sexuais

com outra pessoa que não a parceira aumenta quanto mais longa for a relação (Hansen, 1987).

No que concerne ao grau de compromisso com a relação primária, torna-se relevante salientar que este é considerado o preditor mais importante da infidelidade. Assim, quanto mais um indivíduo se sentir comprometido na relação, menores serão as probabilidades de desenvolver motivações ou comportamentos que o conduzam à infidelidade, pois os indivíduos mais comprometidos tendem a perspetivar a relação primária a longo-prazo, pelo que adotam uma postura consistente com essa expectativa. Por outro lado, um menor nível de compromisso aumentará a probabilidade de surgirem motivações impulsionadoras para a infidelidade (Afonso, 2011).

Apesar de o grau de compromisso investido na relação estar intimamente relacionado com a satisfação sentida nesta (McAnulty e Brineman, 2007), o nível de compromisso assume, comparativamente à satisfação, maior importância quando se trata de prever comportamentos de infidelidade. Na tentativa de explicar a importância do grau de compromisso na previsão da infidelidade, os investigadores têm recorrido ao modelo do investimento, que aponta que o nível de compromisso que o indivíduo sentirá na relação dependerá de três componentes, nomeadamente a satisfação, que corresponde àquilo que o indivíduo recebe da relação, a qualidade das alternativas, que se refere às expectativas relativamente à alternativa de ter outra (ou nenhuma) relação e os investimentos, que correspondem àquilo que o indivíduo perderá no caso de a relação terminar (Rusbult e Buunk, 1993). Deste modo, para além da satisfação também a qualidade das alternativas e os investimentos deverão estar relacionados com a probabilidade da ocorrência da infidelidade.

As atitudes relacionadas com a sexualidade poderão também exercer influência na ocorrência de comportamentos infieis, na medida em que atitudes permissivas poderão aumentar a probabilidade destes comportamentos ocorrerem (Treas e Giesen, 2000). Assim, indivíduos ou um casal com uma atitude restrita perante a sexualidade sustentam que as relações devem ser monogâmicas, considerando inaceitáveis os envolvimento sexuais fora do contexto da relação primária, pois acreditam que o sexo exige amor e que nunca deve ocorrer na ausência deste. Neste sentido, os indivíduos e casais com atitudes extremamente restritas acerca do tema revelam-se mais convencionais e conservadores relativamente às atitudes e comportamentos sexuais. Por outro lado, indivíduos com atitudes não restritas são mais propensos a perceberem o sexo e o amor como dois conceitos muito diferentes, pelo que tendem a ter relações mais abertas e,

normalmente, acreditam que as relações sexuais fora da relação primária são aceitáveis. Muitos destes indivíduos argumentam que o relacionamento sexual aberto melhora a qualidade sexual e a intimidade da relação primária, sendo as pessoas que adotam estas atitudes mais felizes e menos propensas a recorrer ao divórcio, comparativamente àqueles que mantêm atitudes mais restritas (Simpson e Gangestad, 1991). Estudos apontam que as atitudes permissivas são consideradas os melhores preditores do comportamento infiel nos homens (Hansen, 1987), pois estes tendem a ter atitudes mais permissivas relativamente ao sexo fora do contexto da relação de exclusividade (Lieberman, 1988; Thompson, 1984). Estas atitudes podem ser motivadas por outros fatores importantes, nomeadamente a religião, o posicionamento político e as normas sociais, com os quais o indivíduo se identifica e que moldam a sua forma de interpretar os contextos e as situações com que é confrontado. Neste sentido, a religião parece desempenhar um papel importante no que concerne à predisposição de comportamentos de infidelidade.

Os estudos apontam para uma maior incidência de comportamentos de infidelidade em indivíduos que reportam não ter afiliação religiosa, sendo que aqueles que reportam ter afiliação religiosa e que evidenciam uma forte ligação à sua religião apresentam menores probabilidades de se envolverem nestes comportamentos (Burdette, Ellison, Sherkat e Gore, 2007), tendendo a considerá-los como graves, algo que é expectável face à valorização da fidelidade amorosa na generalidade das religiões (Viegas e Moreira, 2013). Por outro lado, os estudos no âmbito da influência do posicionamento político sobre a infidelidade têm sido marcados pelas inconsistências nos seus resultados. No estudo de Viegas e Moreira (2013) os resultados apontam para o facto de quanto mais conservadores forem os indivíduos, mais tendem a considerar graves os comportamentos de infidelidade. Em contrapartida, no estudo de Janus e Janus (1993, cit. por Allen et al., 2005), constatou-se que os indivíduos com níveis extremos de conservadorismo e liberalismo tendem a adotar mais comportamentos de infidelidade, quando comparados com aqueles situados num nível intermédio.

No que concerne à influência das normas sociais, Buunk e Bakker (1995) apontam para a existência de dois tipos de normas que estão positivamente associados à disposição das pessoas para cometer a infidelidade. O primeiro tipo foi caracterizado por normas cautelares (*injunctive norms*) que se baseiam, essencialmente, em sanções do grupo quando um indivíduo adota um comportamento desviante dos padrões vigentes desse mesmo grupo. Assim, este fator refere-se à pressão social e à necessidade

de aprovação de pessoas significativas, nomeadamente do grupo onde se insere. Se os elementos do grupo considerarem correto incorrer em comportamentos de infidelidade, o indivíduo fá-lo-á, com vista a obter aprovação ou a não sofrer represálias sociais por parte desses membros. O segundo tipo denomina-se normas descritivas (*descriptive norms*) e, contrariamente às normas cautelares, não se baseia nos que os outros aprovam mas antes nos que os outros fazem, pois segundo Buunk (1994) os comportamentos de infidelidade dos outros podem ser uma fonte particularmente importante de informação. Muitas vezes, as pessoas não têm certeza sobre a prevalência ou adequação de certos comportamentos, pelo que, através do conhecimento dos comportamentos dos outros, tendem, igualmente, a adoptá-los. Ou seja, se muitos indivíduos do grupo executam um determinado comportamento, então é porque é correto fazê-lo.

Da mesma forma, o papel dos amigos, que parece estar implicitamente subjacente à influência da rede social, assume uma função importante, no sentido em que podem motivar, providenciar alibis, impedir, conspirar ou condenar a prática do comportamento infiel. Geralmente, os amigos são os mais procurados quando se procura opiniões ou conselhos relativamente a um assunto do foro íntimo, pelo que essas opiniões poderão ser determinantes para a realização, ou não, de uma determinada ação (Harrison, 2004).

Outros fatores que propiciam a ocorrência da infidelidade são as características de personalidade. Os investigadores recorreram ao modelo dos “Cinco Grandes Fatores” na tentativa de relacionar as cinco principais dimensões de personalidade, nomeadamente a Abertura à Experiência, Amabilidade, Conscienciosidade, Extroversão e Neuroticismo, com a ocorrência de comportamentos de infidelidade. Os estudos apontam que os indivíduos que referiram ter sido infiéis obtêm resultados superiores nas dimensões de Extroversão e de Abertura à Experiência e resultados baixos na dimensão de Conscienciosidade (Orzeck e Lung, 2005). Outros estudos nesta área apresentam resultados distintos, nos quais demonstram que os indivíduos que admitem ter sido infiéis têm resultados mais elevados na dimensão de Neuroticismo e resultados mais baixos na dimensão de Amabilidade (Barta e Kiene, 2005).

A vinculação¹, que tem sido alvo de crescente investigação no contexto dos relacionamentos amorosos e associada à satisfação nos mesmos (Brennan, Clark e Shaver, 1998; Dewitte e Houwer, 2008), é sugerida como sendo um fator importante na

¹ A teoria da vinculação será apresentada em detalhe mais adiante.

influência dos comportamentos de infidelidade. No entanto, a investigação sobre esta relação tem sido escassa (Blow e Hartnett, 2005b). Um dos estudos desenvolvidos (Bogaert e Sadava, 2002) aponta que os indivíduos com estilo de vinculação ansioso-ambivalente² (caracterizado por uma avaliação negativa do próprio e uma hipervalorização dos outros, levando ao desejo de manter os parceiros próximos, existindo hipervigilância a aspetos ligados à separação e um sentimento de incerteza quanto à presença e à disponibilidade dos parceiros; Bartholomew, 1990) são mais propensos a cometer a infidelidade, sendo este efeito mais predominante nas mulheres. Outro estudo (Allen e Baucom, 2004) revelou que, numa amostra de estudantes, os homens com estilo de vinculação evitante-desligado (que combina uma avaliação positiva do próprio com uma avaliação negativa dos outros, conduzindo ao desinteresse por relações próximas; Bartholomew, 1990), e as mulheres com um estilo de vinculação ansioso-ambivalente tendem a apresentar um maior número de parceiros fora do contexto da relação principal. No mesmo estudo, os autores apontam ainda que os indivíduos com um estilo de vinculação evitante-receoso (que se caracteriza por uma percepção negativa do próprio, como não merecedor dos cuidados dos outros, combinado com uma avaliação também negativa destes, como pessoas em quem não se pode confiar; Bartholomew, 1990) ou ansioso-ambivalente manifestam mais motivação para a infidelidade, e que os indivíduos com estilo de vinculação evitante-desligado revelam maiores capacidades para justificar o comportamento infiel, manifestando assim a sua necessidade de autonomia (e.g. espaço e liberdade) da relação principal.

O nível de educação dos indivíduos constitui outro componente que parece influenciar a ocorrência da infidelidade. Assim, Atkins et al. (2001) concluíram que os participantes com maior instrução revelam maiores probabilidades de se envolverem numa infidelidade sexual. Mais especificamente, constatou-se que as mulheres casadas com maiores níveis de instrução tendem a apresentar mais propensão para a infidelidade sexual. No entanto, tal só acontece quando o seu nível de instrução é superior ao do parceiro. Nas mulheres que se encontram numa relação de namoro ou coabitação verificou-se, igualmente, a existência de uma relação positiva e direta entre o nível educacional e a infidelidade, sugerindo assim que níveis educacionais elevados se encontram associados a atitudes mais permissivas face à sexualidade (Forste e Tanfer,

² Por vezes também designado como preocupado.

1996). Contudo, enquanto alguns estudos encontraram maior probabilidade de infidelidade entre os indivíduos com educação superior (Atkins et al., 2001; Buunk, 1980), outros encontraram resultados contrários (Choi, Catania e Dolcini, 1994) ou nenhuma relação significativa (Traeen, Holmen e Stigum, 2007).

A relação entre nível de educação e infidelidade poderá estar relacionada com o facto de os indivíduos com maior instrução obterem rendimentos financeiros mais elevados, podendo assim apresentar maior propensão para a independência. No estudo de Atkins et al. (2001), que analisou a relação entre o emprego e a ocorrência de infidelidade sexual, constatou-se que quando ambos os parceiros se encontram numa situação de desemprego, a incidência de uma infidelidade sexual é menor do que quando um dos parceiros tem emprego. Os autores explicam que esta relação pode ocorrer pelo facto de, no emprego, os parceiros estarem em contacto com outras pessoas, o que pode proporcionar oportunidades para a ocorrência de infidelidade.

Por último, Treas e Giesen (2000) sugerem que as experiências sexuais anteriores influenciam, de igual modo, a ocorrência da infidelidade, na medida em que as experiências sexuais anteriores ao início da relação principal se associam positivamente à infidelidade. Segundo Forste e Tanfer (1996) as mulheres casadas ou envolvidas numa relação de namoro que tenham tido quatro ou mais parceiros sexuais antes do início da relação principal apresentam maior propensão para a infidelidade. Também neste sentido aponta o estudo de Martins et al. (2014) que refere que a relação entre o número de parceiros sexuais e a ocorrência de infidelidade parece ser especialmente evidente entre as mulheres, ainda que estas, comparativamente aos homens, reportem menos parceiros sexuais.

Assim, tendo em conta a existência de diferentes tipos de infidelidade e de diferentes fatores que a influenciam, é possível considerar que o impacto da infidelidade possa variar em função dos motivos que a determinaram, uma vez que alguns autores (Phillips, 2010; Shackelford et al., 2002) apontam que as reações à mesma variam grandemente em função da sua natureza e do significado lhe é atribuído. Esta questão remete, então, para a importância das conceções pessoais nas reações à infidelidade, que será abordada mais adiante neste trabalho.

1.4. Reações à infidelidade

A investigação documenta uma gama de reações experienciadas pelo parceiro traído perante a situação de infidelidade. Neste sentido, podem surgir reações emocionais (resultantes do *appraisal*), entre elas a raiva, ciúme, angústia, ansiedade ou até satisfação, uma vez que a infidelidade tenderá, naturalmente, a ser interpretada como um acontecimento com consequências importantes para a relação. Haverão ainda, provavelmente, reações comportamentais como a violência, o término da relação, falar no assunto com o parceiro ou perdoar a infidelidade.

1.4.1. Reações emocionais

As emoções podem atuar como um processo mental que altera a forma como as pessoas veem o mundo, como constroem as decisões e como respondem ao ambiente (Gratch, Mao e Marsella, 2006). Deste modo, as emoções desempenham um papel crucial na mediação das relações sociais humanas, na medida em que transmitem informações acerca dos pensamentos e das intenções de cada um, coordenando essas interações (Keltner e Haidt, 2001, cit. por Lopes, Brackett, Nezleck, Schutz, Sellin e Salovey, 2004).

Segundo a teoria do *appraisal*, uma emoção é gerada em resposta a uma lembrança ou interpretação de algo percebido ou imaginado, ativando assim, processos fisiológicos, comportamentais e outras mudanças decorrentes do estado emocional. De acordo com esta teoria, o *appraisal* é assim considerado uma condição necessária e suficiente para a ocorrência da emoção (Lazarus, 1982). O *appraisal* é um processo pelo qual as pessoas avaliam a sua relação global com o meio ambiente, incluindo não apenas as condições atuais, mas os eventos que as conduziram ao estado atual, pois embora não seja um processo deliberativo, é informado por processos cognitivos e, em particular, por processos envolvidos na compreensão e interação com o meio ambiente (Gratch et al., 2006).

Desta forma, o processo emocional proposto por Lazarus (1991) envolve uma determinada relação da pessoa com o ambiente, onde ocorrem fluxos contínuos de ação e reação. Neste processo, a pessoa avalia a situação tendo em conta a sua importância para o alcance dos seus objetivos pessoais e em relação à significância dessa situação para o seu bem-estar pessoal, determinando se a situação é de alguma forma

ameaçadora ou benéfica. Esta avaliação ocorre, geralmente, de duas formas: uma avaliação primária que constitui uma avaliação do estímulo em termos do seu significado para o bem-estar do indivíduo, podendo a situação ou o ambiente ser positivo, negativo ou irrelevante; e uma avaliação secundária que é formada pela avaliação que o indivíduo faz dos seus recursos para lidar com a situação. Assim, enquanto a avaliação primária se refere à avaliação original do significado da situação, a avaliação secundária refere-se ao que pode ser feito para lidar com a mesma (Folkman e Lazarus, 1980).

Segundo Lazarus (2006), a noção de *appraisal* possibilita compreender a variedade de reações emocionais, propondo que determinados significados relacionais estarão sempre associados a determinadas emoções. Assim, tendo em conta que o processo de *appraisal* e o significado relacional atribuído a uma determinada situação são influenciados por características pessoais como crenças e recursos para lidar com a situação, assim como pela história da relação, que se refere ao que ocorreu no passado entre os elementos constituintes da mesma e às expectativas que esse passado evoca, é possível constatar a relevância do processo de *appraisal*, aquando de uma situação de infidelidade, na determinação das reações à mesma.

A infidelidade acarreta, frequentemente, consequências emocionais e interpessoais adversas (Feldman e Cauffman, 1999), produzindo um efeito devastador em ambos os sexos (Shackelford et al., 2002). A angústia, a depressão, a raiva, a humilhação, o choque e a ansiedade estão entre as experiências emocionais de quem se depara com uma infidelidade do parceiro (Shackelford et al., 2000; Buss et al., 1992). Estudos apontam para uma tendência semelhante entre homens e mulheres para reagir com estados emocionais negativos mais intensos à infidelidade sexual, embora as mulheres tendam a relatar níveis mais intensos de ciúme como resposta a ambos os tipos de infidelidade (DeSteno e Salovey, 1996).

Quando confrontados com a infidelidade de um parceiro, uma das emoções mais características é o ciúme. Esta surge como uma emoção profundamente negativa quando uma relação, considerada exclusiva, é ameaçada por um rival (Harris, 2004), sendo interpretada como uma estratégia para manter a exclusividade do parceiro. O ciúme pode exprimir-se de formas diferentes consoante o sexo (Weerth e Kalma, 1993). O ciúme sexual masculino é apontado como a maior causa de maus-tratos conjugais e de homicídios, em diversas culturas (Harris, 2004), sendo considerado uma das emoções mais prevalentes e destrutivas nos relacionamentos amorosos (Buunk e Hupka, 1987).

Para além disto, o ciúme nos homens é ainda marcado por outros concomitantes comportamentais, como por exemplo a maior tendência para se sentirem zangados consigo próprios, para se alcoolizarem ou consumirem estupefacientes ou ainda ameaçar, verbalmente, o rival. Contrariamente, as mulheres apresentam maior tendência para chorar, tornarem-se fisicamente mais atraentes para o parceiro infiel e motivar nele pensamentos de que a infidelidade não foi importante para ela (Shettel-Neuber, Bryson e Young, 1978; cit. por Nannini e Meyers, 2000).

Os sentimentos de raiva e a tendência para culpar o parceiro infiel são também comuns, em ambos os sexos, aquando de uma infidelidade sexual (Green e Sabini, 2006; Sabini e Green, 2004). As reações de raiva encontram-se geralmente associadas positivamente às atribuições de responsabilidade e de culpabilização a outra pessoa (Kuppens, Van Mechelen, Smits e Boeck, 2003). Nos homens, a raiva (associada ao ciúme) pode aumentar a propensão para atos de violência, geralmente sobre a parceira (Miller e Maner, 2008), conduzindo à ocorrência de violência doméstica e por vezes ao homicídio (Buss, 1991; Daly e Wilson, 1988). A agressão é assim, frequentemente, considerada pelos homens como uma forma de recuperar a honra que acreditam ter perdido com a infidelidade da parceira (Vandello e Cohen, 2003). Em contrapartida, os sentimentos de raiva motivados pela infidelidade sexual desencadeiam nas mulheres dúvidas acerca das suas qualidades enquanto parceiras (Bunnk e Dijkstra, 2004).

O estudo de Leeker e Carlozzi (2014) indica ainda que tanto homens como mulheres concordaram que a infidelidade sexual originaria mais sentimentos de raiva, enquanto a infidelidade emocional evocaria mais sentimentos de ciúme e de ansiedade. Apesar desta semelhança, as mulheres parecem apresentar níveis emocionais mais intensos do que os homens, pelo que, em resposta à infidelidade sexual, os seus sentimentos de humilhação seriam tão fortes quanto os de ansiedade e ciúme. No que concerne à infidelidade emocional, ambos os sexos apresentam maiores sentimentos de mágoa, embora nas mulheres estejam também presentes sentimentos de angústia (Buss et al., 1992), ciúme, raiva (Shackelford et al., 2000) e tristeza (Miller e Maner, 2008).

Ao longo da investigação, a tendência das mulheres para considerar a infidelidade emocional como sendo mais perturbadora, comparativamente à infidelidade sexual, tem sido evidenciada. Neste sentido, o modelo evolutivo tem procurado explicar esta tendência e aponta diferenças entre géneros quanto ao investimento parental como uma das possibilidades explicativas para a manifestação de maior perturbação emocional nos homens, aquando de uma infidelidade sexual, e maior perturbação emocional das

mulheres perante a infidelidade emocional. Os estudos realizados neste âmbito revelam que a maior perturbação emocional dos homens face à infidelidade sexual se prende com a necessidade de garantir a sua descendência, pois o facto de a parceira se relacionar sexualmente com outro indivíduo, motiva o levantamento de questões acerca da paternidade e a incerteza quanto à garantia de recursos a uma descendência que poderá não ser sua. Por outro lado, as mulheres, embora não levantem questões quanto à maternidade da descendência, manifestam maior preocupação face à infidelidade emocional, uma vez que esta motiva incertezas quanto à disponibilidade do parceiro para dar continuidade ao fornecimento de recursos a si e aos seus filhos. O envolvimento emocional do parceiro com outra pessoa pode então significar uma ameaça ao término dos recursos disponibilizados pelo mesmo, uma vez que este tenderá a dirigi-los à nova relação (Nannini e Meyers, 2000; Cann, Mangum e Wells, 2001).

Embora alguns estudos apontem para uma evidência contrária ao modelo evolutivo, nomeadamente os estudos de DeSteno, Bartlett, Braverman e Salovey (2002) e de Landolfi, Geher e Andrews (2007) que apontam para a existência de maior perturbação emocional, tanto nos homens como nas mulheres, à infidelidade sexual, comparativamente à infidelidade emocional, outros estudos (Buss et al., 1992; Buss et al., 1996; Buunk, Angleitner, Oubaid e Buss, 1996) têm demonstrado evidências e argumentos consistentes com a predição deste modelo. No entanto, torna-se importante salientar que os estudos consistentes com a teoria do modelo evolutivo se baseiam em metodologias de autorrelato e de escolha forçada, implicando a obrigação de os participantes escolherem apenas um tipo de infidelidade como predominantemente perturbador, o que suscita preocupação quanto à validade dos resultados e à capacidade de generalização dos mesmos.

Explicações alternativas ao modelo evolutivo têm motivado outros estudos (DeSteno e Salovey, 1996; Harris e Christenfeld, 1996) que argumentam que a desigualdade de reações entre géneros face à infidelidade sexual e emocional reflete um processo de aprendizagem dos indivíduos acerca da relação entre o sexo e o amor. Assim, esses estudos apontam que as mulheres, comparativamente aos homens, se sentem mais angustiadas perante a infidelidade emocional porque, para elas, este tipo de infidelidade atua como base para inferir que o parceiro também é sexualmente infiel. Os homens parecem ter aprendido uma relação oposta entre o sexo e o amor, pelo que tendem a sentir-se mais angustiados face a uma infidelidade sexual, uma vez que, do seu

ponto de vista, uma infidelidade desta natureza fornece uma base para deduzir que a parceira também é emocionalmente infiel.

Também Buunk (1995) procurou examinar quais as três respostas mais comuns à infidelidade sexual e concluiu que a primeira resposta dos participantes é de raiva, e engloba sentimentos de ter sido traído, enganado e tratado injustamente. A segunda resposta é de desapontamento, devido à imprevisibilidade do comportamento infiel do parceiro, o que geralmente suscita a sensação de que o início do novo envolvimento do parceiro representa o fim da relação principal ou a sensação de destruição da exclusividade e intimidade da relação. Em terceiro lugar surgem dúvidas do parceiro traído relativamente a si próprio, envolvendo sentimentos de inadequação que emergem devido à sensação de que não está a corresponder às expectativas do parceiro. Neste estudo não foram encontradas diferenças entre géneros quanto aos sentimentos de raiva. Porém, constatou-se que as mulheres, comparativamente aos homens, tendem a manifestar maiores sentimentos de desapontamento e dúvidas relativamente a si próprias enquanto parceiras. Outros estudos parecem confirmar esta tendência, pois apontam que, em resposta a uma situação desencadeadora de ciúme, os homens tendem a adotar estratégias para manter a sua autoestima (e.g. confrontar o rival), enquanto as mulheres exibem mais pensamentos de não serem suficientemente boas parceiras, tendendo a duvidar mais de si próprias (Buunk, 1982; White, 1981). Contrariamente, os homens, quando confrontados com a possibilidade de abandono por parte da parceira, não tendem a atribuir o abandono ao seu insucesso enquanto parceiros, evidenciando assim menores probabilidades de dúvidas face ao próprio (DeSteno e Salovey, 1996).

Na perspetiva de Parrott (1991) se a atenção do parceiro traído recair sobre o erro e a infidelidade do parceiro infiel, então predominarão sentimentos de mágoa e raiva, enquanto que, se a atenção recair sobre a sua própria inadequação pessoal, evidenciar-se-á mais depressão e ansiedade. Por fim, se a atenção for direcionada para a superioridade (qualidades) do rival, a inveja será mais predominante. O autor salienta, assim, o papel das atribuições relativas à infidelidade na determinação das reações à mesma, temática que será desenvolvida mais adiante neste trabalho.

Para além das reações emocionais, pode-se também falar em reações comportamentais, que poderão resultar das primeiras, uma vez que as emoções tendem a atuar como programas cognitivos superordenados que auxiliam na coordenação e regulação dos pensamentos e comportamentos (Cosmides e Tooby, 2000). Com isto, o tópico seguinte procura dar a conhecer de que forma as reações emocionais à

infidelidade e, em certa parte, a natureza da mesma (emocional ou sexual) determinam as ações levadas a cabo pelo parceiro traído.

1.4.2. Reações comportamentais

Geralmente, as reações comportamentais tendem a ser determinadas pelas reações emocionais, na medida em que sentimentos de raiva, frustração ou humilhação poderão despoletar comportamentos hostis que poderão resultar no término da relação, enquanto a presença de sentimentos de angústia poderá motivar o parceiro traído a tomar iniciativa para abordar o assunto, na tentativa de resolver o problema e perdoar a infidelidade.

Independentemente do tipo de infidelidade praticada, seja sexual, emocional ou ambas, esta atormenta muitos relacionamentos amorosos. Quando o elemento traído toma conhecimento da traição do parceiro, confronta-se com uma decisão muito importante: a de perdoar ou terminar a relação. Embora muitos fatores possam contribuir para esta tomada de decisão complexa, os estudos sugerem que a decisão pode depender significativamente da natureza da infidelidade praticada (Shackelford et al., 2002) e também do nível geral de satisfação com a relação, dos motivos atribuídos à infidelidade e do grau de conflito originado pela mesma (Buunk e Hupka, 1987).

Segundo Phillips (2010), a intensidade dos estados emocionais de indignação e insegurança deve também ser considerada aquando do momento de perdoar ou terminar o relacionamento, na medida em que a reação emocional de indignação deve motivar os indivíduos a terminar o relacionamento e desencorajar o perdão, enquanto os sentimentos de insegurança e ansiedade devem promover o perdão e a reconciliação. Na perspectiva de Brown (2001) o perdão remete para um processo que incorpora a compreensão das causas da infidelidade, reconhecimento da dor provocada e a renegociação da relação, pelo que a ocorrência de infidelidade nem sempre significa o fim da relação.

Os indivíduos que, apesar de estarem numa relação percecionada como insatisfatória, optam por se manter na relação após a infidelidade, fazem-no provavelmente porque as suas expectativas face ao parceiro são baixas, pelo que a infidelidade é percebida como “mais do mesmo”, não sendo por isso o suficiente para suscitar mudanças no contexto relacional. Por outro lado, os indivíduos que se encontram em relações mais satisfatórias constroem expectativas mais positivas acerca

do parceiro, razão pela qual as reações de desilusão podem ser sentidas com mais intensidade. Assim, quanto mais elevada for a satisfação com a relação, maior a tendência para a terminar aquando de uma infidelidade, por considerarem que a relação já não lhes é benéfica (Negash, Cui, Fincham e Pasley, 2014).

Os homens, comparativamente às mulheres, consideram mais difícil perdoar uma infidelidade sexual, o que os torna mais propensos ao término da relação após um ato de infidelidade deste tipo. Por outro lado, as mulheres consideram mais difícil perdoar uma infidelidade emocional, estando mais dispostas a terminar o relacionamento aquando de uma infidelidade desta natureza (Shackelford et al., 2002). Negash e colaboradores (2014) parecem contrariar esta tendência e apontam que tanto uma infidelidade de natureza sexual como emocional aumenta significativamente a probabilidade de as mulheres terminarem a relação. O estudo de Betzig (1989) sugere que o término da relação é mais provável após uma infidelidade por parte da parceira do que do parceiro, ao passo que Vaughn (2002) aponta que a probabilidade de terminar a relação após a infidelidade não se altera consoante o género. Esta ausência de diferenças pode resultar do facto de tanto os homens como as mulheres manifestarem atitudes semelhantes de desaprovação face à infidelidade do parceiro (Spanier e Margolis, 1983).

Para além destas reações comportamentais, Miller e Maner (2008) sugerem que, independentemente do tipo de infidelidade (emocional ou sexual), as mulheres tendem a reagir à infidelidade adotando comportamentos de procura de experiências de socialização compensatórias, procurando dedicar-se a outras relações próximas (e.g., amigos ou familiares) por considerarem que estas lhes proporcionam benefícios (e.g., recursos e proteção) semelhantes aos adquiridos na relação com o parceiro.

Apesar das consequências negativas atribuídas à infidelidade, Charny e Parnass (1995, cit. por Blow e Harnett, 2005a) sugerem que alguns dos casais que se confrontam com a infidelidade podem aumentar a qualidade da relação primária, na medida em que os seus membros podem tornar-se mais próximos e melhorar a sua assertividade. Estas mudanças positivas são possíveis, uma vez que são estabelecidas novas regras e é atribuída maior saliência ao contexto relacional, aumentando a consciência da importância da comunicação entre o casal (Olson, Russell, Higgins-Kessler e Miller, 2002). Deste modo, os casais que vivenciam a infidelidade podem, por vezes, obter resultados positivos na relação.

Posto isto, poderíamos questionar-nos acerca de possíveis fatores subjacentes a estas reações. Tendo em conta que as reações, tanto emocionais como comportamentais,

são conceptualizadas como resultado das avaliações e interpretações da situação (Ellsworth e Scherer, 2003), torna-se crucial compreender de que forma os parceiros traídos processam a situação de infidelidade, procurando averiguar que interpretações lhe são atribuídas e de que forma elas determinam as reações do parceiro traído.

Capítulo 2 – O Papel das Concepções Pessoais nas Reações à Infidelidade

2.1. A Psicologia das Concepções Pessoais

As pessoas veem o mundo através de moldes transparentes que criam e tentam ajustar às realidades do mundo. O ajuste pode nem sempre ser o adequado, porém sem tais moldes o mundo parece uma homogeneidade indiferenciada à qual não se consegue dar sentido. A esses padrões ou moldes construídos para dar sentido às realidades do universo, Kelly (1955) chamou constructos, com os quais o indivíduo antecipará e interpretará os eventos, salientando a noção de que o sistema de constructos de cada um é único e suscetível de ser reconstruído. Esta concepção está na origem de muitos trabalhos recentes acerca daquilo que se convencionou chamar as concepções pessoais.

O interesse pelo estudo das concepções baseia-se no pressuposto de que existe um substrato conceptual que assume um papel determinante no pensamento e na ação. Este substrato é de uma natureza essencialmente cognitiva e difere dos conceitos específicos, pelo que não diz respeito a objetos ou ações bem determinadas, mas antes constitui uma forma de os organizar, de ver o mundo, de pensar, não se reduzindo aos aspetos imediatamente observáveis do comportamento e não se revelando com facilidade, nem aos outros nem a nós mesmos. Estas concepções formam-se num processo simultaneamente individual (como resultado da elaboração sobre a nossa experiência) e social (como resultado do confronto das nossas elaborações com as dos outros). Mudanças profundas no sistema de concepções só se verificam perante abalos muito fortes, geradores de grandes desequilíbrios, pois a sua mudança constitui um processo difícil e penoso, em relação ao qual as pessoas oferecem uma resistência natural e, de certo modo, saudável (Ponte, 1992), uma vez que procuram preservar a sua visão do mundo.

As teorias cognitivas afirmam que as emoções e os comportamentos têm origem nas crenças (Oatley e Johnson-Laird, 2014). A influência de alguns pensamentos e crenças nos comportamentos e nas emoções parece ser evidente. Apesar de muitas vezes serem implícitas, tais crenças resultam frequentemente de conclusões formuladas pelas pessoas com base em dados ou evidências limitadas e do uso de tais conclusões como regras inquestionáveis e orientadoras do comportamento posterior. Tais regras (sejam elas racionais ou irracionais) acabam por fixar-se firmemente e por se tornarem parte integrante da perspectiva fenomenológica das pessoas, constituindo uma base para as

autoavaliações, para as exigências colocadas às outras pessoas e para as interpretações que se fazem do comportamento dos outros (Bernard, 1984).

A investigação no âmbito da teoria da atribuição aponta que a experiência emocional depende, em parte, da explicação que a pessoa atribui aos acontecimentos, pois os diferentes tipos de explicações concedidos às suas ações e às dos outros podem ter um grande impacto no seu bem-estar psicológico e emocional (Valins e Nisbett, 1972, cit. por Newman e Langer, 1981). Ao mesmo tempo, foi sugerido que os indivíduos, geralmente, se envolvem em muitas das suas interações diárias sem fazer atribuições e sem continuamente pensar ou procurar explicações para esses eventos (Langer, 1978, 1979, cit. por Newman e Langer, 1981). Apesar de este último aspeto poder ser verdade em muitos casos, foi sugerido que, quando as pessoas enfrentam uma grande mudança de vida, muitas vezes inesperada, como, por exemplo, o divórcio, é mais provável considerarem necessário o fornecimento de explicações para a ocorrência desse acontecimento, ainda que seja apenas para servir de justificação perante as pessoas que estão fora do contexto relacional. Muitas das pessoas que se confrontam com tais situações evidenciam mais propensão para fazer atribuições para si próprios ou ao cônjuge, pois é mais fácil culpar o outro do que olhar para um conjunto mais complexo de fatores interativos ou situacionais. É também provável que os sentimentos de culpa, desconforto e mágoa, muitas vezes associados à dissolução da relação, levem a avaliações negativas de si próprio ou do parceiro (Newman e Langer, 1981).

2.2. As conecções pessoais acerca da infidelidade

Considerando o forte impacto que a infidelidade geralmente tem, é expectável uma elevada tendência para a realização de atribuições à situação (Berscheid e Graziano, 1979, cit. por Buunk, 1984), atribuições essas que irão refletir as conecções de cada um face ao acontecimento. Assim, observa-se que foram desenvolvidos estudos no sentido de aplicar a teoria da atribuição às relações amorosas, com o intuito de compreender de que forma as pessoas interpretam e reagem ao comportamento do parceiro. Esses estudos estenderam-se também à temática da infidelidade. Por exemplo, Bradbury e Fincham (1990) desenvolveram um quadro de referência alusivo a atribuições conjugais, comportamento e satisfação na relação amorosa. Este quadro postula que, quando o comportamento de um elemento da relação é de baixa negatividade, o parceiro irá processá-lo (atribuir-lhe-á significado) automaticamente, ou

seja, inconscientemente. No entanto, quando esse comportamento não corresponde a estes critérios (baixa negatividade), como é o caso da infidelidade, o parceiro traído tenderá a desenvolver um processamento cognitivo mais refletido e controlado, de modo a realizar uma atribuição deliberada e cuidada quanto às causas desse comportamento.

A aplicação deste quadro de referência ao contexto da infidelidade aponta no sentido de uma propensão do parceiro traído para realizar atribuições relativas ao comportamento infiel do parceiro, sendo que a natureza dessas atribuições irá influenciar a sua reação à infidelidade. Assim, foi observado que as atribuições internas, globais e estáveis (por exemplo, "*o meu parceiro traiu-me porque não é de confiança, ele/ela não vai mudar*") aumentam a propensão para reagir negativamente (por exemplo, terminar a relação). Em contrapartida, as atribuições externas, específicas e instáveis (por exemplo, "*o meu parceiro só me traiu porque se confrontou com uma situação stressante, não vai voltar a acontecer*") podem tornar mais provável a reconciliação. Desta forma, conclui-se que, enquanto o primeiro tipo de atribuições, promotoras de maior conflito, parecem tornar mais prováveis comportamentos relacionais destrutivos (terminar a relação), as do segundo tipo, consideradas mais benéficas, parecem impulsionar comportamentos relacionais construtivos (perdão/reconciliação; Hall e Fincham, 2006).

No que concerne à influência das atribuições sobre as reações emocionais, os resultados apontam que, aquando de uma infidelidade de natureza emocional, os elementos traídos tendem a assumir mais responsabilidade pela infidelidade do parceiro, possivelmente como forma de demonstrar a crença de que a sua própria indisponibilidade emocional motivou o seu parceiro procurar conforto emocional noutra pessoa. Assim, o parceiro traído, ao reconhecer que pode ter contribuído para a ocorrência da infidelidade emocional, tenderá a sentir-se menos perturbado com a situação. Quando a componente sexual é adicionada à componente emocional os indivíduos mostram-se menos dispostos a assumir a responsabilidade pela sua ocorrência (Nannini e Meyers, 2000). Outros estudos revelam que atribuições à atração do parceiro por outra pessoa (rival) desencadeiam mais sentimentos de baixa autoestima (Barr, 1985, cit. por Bauerle, Amirklan e Hupka, 2002), enquanto que as atribuições a causas externas à relação primária (circunstâncias contextuais) minimizam o impacto emocional resultante do comportamento infiel (Buunk, 1984) e as atribuições a motivações sexuais do parceiro provocam mais ciúme (White, 1981). As atribuições a características do parceiro infiel parecem ser as que motivam mais raiva (Heider, 1944).

Atendendo à escassez de atenção que tem sido direcionada a esta temática, a investigação salienta a pertinência do desenvolvimento de estudos neste âmbito, com vista a identificar outras facetas das concepções/atribuições relativas às causas da infidelidade e de que forma elas determinam as reações à mesma. Deste modo, o presente estudo pretende contribuir para um maior conhecimento e compreensão da relação entre estas variáveis. Para além desta relação, ponderou-se também fatores capazes de influenciar a formação das concepções/atribuições e, através delas, influenciar as reações à infidelidade. O estilo de vinculação pareceu-nos um dos fatores que seria pertinente considerar.

2.3. O estilo de vinculação nas reações aos problemas relacionais

Os comportamentos de vinculação e os laços afetivos são uma necessidade inerente a qualquer ser humano, pelo que estão presentes e ativos ao longo de todo o ciclo de vida. Ao longo do seu desenvolvimento, o indivíduo é confrontado com tarefas e desafios que exigirão a sua adaptação e que lhe permitirão progredir para estádios de desenvolvimento cada vez mais diferenciados e complexos. Assim, o laço estabelecido pela vinculação permitirá ao indivíduo sentir-se seguro para explorar o ambiente em segurança, a partir da base segura que é a figura de vinculação, sendo que, em períodos de *stress* e perigo, o indivíduo sentirá necessidade de se aproximar dessa figura. Estes elementos básicos da relação de vinculação estabelecida durante o período da infância serão incorporados nas relações com os pares ao longo da adolescência e começo da vida adulta, sendo mais tarde transferidos para uma relação romântica (Crowell e Waters, 1994), uma vez que o amor romântico pode, igualmente, ser conceptualizado como um processo de vinculação (Hazan e Shaver, 1987).

Desta forma, Hazan e Shaver (1987) recorreram ao esquema de três categorias, utilizado por Ainsworth, Blehar, Waters e Wall (1978) para descrever a vinculação infantil, e apontaram que os três principais estilos de vinculação identificados nesse período, nomeadamente seguro, evitante e ansioso-ambivalente, estão igualmente presentes no amor romântico adulto. A continuidade destes estilos de vinculação na idade adulta parece ser explicada pela persistência dos modelos internos de trabalho (*Internal Working Models*; Feeney e Noller, 1990; Bowlby, 1973/1975), definidos como um conjunto de representações mentais sobre si próprio, os outros e o mundo, que

ajudam o indivíduo a dar significado aos acontecimentos, antever o futuro e elaborar planos.

Vários estudos (Weiss, 1975, Parkes, 1972, Glick, Weiss e Parkes, 1974 cit por Berman e Sperling, 1994) revelam que as reações do indivíduo adulto a situações de separação da figura de vinculação (e.g. divórcio, morte) são semelhantes às encontradas por Bowlby (1973/1975) na infância, nomeadamente reações de protesto, desespero, ansiedade ou raiva. Tanto o envolvimento emocional como o sexual, fora do contexto da relação primária, podem violar a expectativa de exclusividade do parceiro e ser percebidos como uma quebra de confiança e um ataque ao sistema de vinculação, pondo em causa o papel fundamental das relações de vinculação no sentimento de segurança e conseqüentemente na estabilidade emocional do indivíduo adulto (Weiss, 1999). Contudo, é importante notar que indivíduos com diferentes padrões de vinculação se comportarão de modo diferente, uma vez que pensam e sentem de forma distinta (Collins e Read, 1990), pelo que a resposta a uma situação de ameaça à relação dependerá das diferenças individuais na forma de interpretar e de responder (Pietromonaco, Greenwood e Barrett, 2004). Assim, a teoria da vinculação aplicada às relações adultas facilita a compreensão das diferentes respostas à infidelidade e aponta para a diferenciação entre os modelos internos de trabalho de cada um na adaptação dos seus pensamentos, sentimentos e comportamentos (Pietromonaco et al., 2004).

Segundo Bretherton e Munholland (1999), os indivíduos inseguros tendem a processar a informação negativamente, enquanto os indivíduos seguros a processam de forma positiva, influenciados pelas experiências positivas e satisfatórias com as figuras de vinculação. Quando, numa relação, ocorrem violações de confiança, os indivíduos seguros apresentam maior propensão para, abertamente, comunicar com o parceiro, adotando estratégias de negociação e não percebendo o conflito como uma ameaça para a relação (Kobak e Duemmler, 1994; cit. por Pietromonaco et al., 2004). As relações amorosas destes indivíduos tendem a ser mais duradoras (Hazan e Shaver, 1987), uma vez que apresentam estratégias de *coping* mais construtivas, tendendo a reagir com menos sentimentos negativos e procurando avaliar a situação como algo não catastrófico, uma vez que não associam o comportamento, que conduziu à quebra da confiança, à personalidade do parceiro (Kobak e Duemmler, 1994; cit. por Pietromonaco et al., 2004).

Por outro lado, os indivíduos ansiosos-ambivalentes manifestam menor confiança nos parceiros, recordam-se mais facilmente de memórias negativas, associadas a

quebras de confiança anteriores, e tendem a optar pelo término da relação quando a confiança é transgredida. Geralmente, estes indivíduos percebem o conflito como uma ameaça para a relação, o que desencadeia preocupações acerca do possível abandono por parte do parceiro ou acerca da responsividade do parceiro às suas necessidades, conduzindo à hiperativação do sistema de vinculação (Kobak e Duemmler, 1994; cit. por Pietromonaco et al., 2004). A prestação de cuidados é caracterizada pela ansiedade, inconsistência, intrusividade e dúvidas sobre a qualidade dos cuidados providenciados (Simpson, 1990). A falta de confiança, aliada à necessidade de proximidade, faz com que se tornem excessivamente envolvidos, mas que, ao mesmo tempo, dificilmente sejam considerados uma base segura (Platts, Tyson e Mason, 2002). Este padrão dá também origem a uma postura pouco assertiva, tanto por déficit como por excesso de comportamentos de procura e prestação de cuidados (Lamela, Figueiredo e Bastos, 2010). Os indivíduos com estilo de vinculação ansioso-ambivalente manifestam maior perturbação emocional durante os conflitos, exibindo ansiedade, raiva e hostilidade face aos parceiros (Simpson, Rholes e Phillips, 1996) com os quais têm dificuldades em lidar nesse contexto (Creasey e Hesson-McInnis, 2001). Todos os conflitos são percebidos como ameaçadores para a relação e para o *self*, e são amplificados e experienciados com tristeza e desespero. Homens e mulheres com este estilo de vinculação tendem, após o conflito, a perceber os parceiros e a relação de forma menos positiva em termos de amor, compromisso, respeito mútuo, abertura e apoio (Simpson et al., 1996). O afeto negativo do companheiro contribui para corroborar ruminatórias e pensamentos autodepreciativos, causados pela raiva sentida perante a figura de vinculação (Davis, Shaver e Vernon, 2003).

Os indivíduos evitantes apresentam menor investimento nas relações, percebem a intimidade como ameaçadora, minoram a necessidade de proximidade, valorizam a independência e autossuficiência e receiam depender do outro e da relação (Feeney e Noller, 1996; Hazan e Shaver, 1987), evidenciando maior propensão para se distanciarem dos parceiros. Este padrão é também caracterizado por baixa empatia, pouca abertura e incapacidade para reconhecer com eficácia os sinais de mal-estar do outro, pelo que os cuidados prestados ao parceiro são pouco sensíveis e raramente contingentes às pistas de procura de cuidado por parte deste, resultando num padrão de indisponibilidade e fraca responsividade (Mikulincer, 1998). Por outro lado, a sua procura de cuidados no contexto da relação íntima reflete pouca confiança nas

capacidades do parceiro para proporcionar resposta às suas necessidades (Mikulincer e Shaver, 2007).

Estas diferenças entre os estilos de vinculação diferenciam-se ainda em função do género. Segundo Simpson, Rholes e Nelligan (1992), os homens com estilo de vinculação evitante fornecem menos conforto e apoio emocional no caso de as suas parceiras expressarem tristeza. Estes indivíduos tendem a tornar-se mais hábeis em minimizar o seu envolvimento psicológico e emocional em situações de ansiedade ou conflito (Main, Kaplan e Cassidy, 1985), o que parece ser facilitado pelo papel de género masculino, uma vez que se espera que os homens tendam a ser emocionalmente mais distantes. Em contrapartida, as mulheres com estilo de vinculação ansioso-ambivalente evidenciam maior perturbação emocional quando dos conflitos na relação amorosa, o que parece ser consistente com o papel de género feminino, nomeadamente com a importância atribuída pelas mulheres aos sentimentos e às relações.

A vinculação na vida adulta envolve assim múltiplos e complexos sistemas de regulação comportamental, emocional e das relações interpessoais (Feeney, 2008). Desta forma, conclui-se que a teoria da vinculação permite compreender de que forma os diferentes padrões de vinculação se manifestam na qualidade da intimidade e de que maneira os indivíduos divergem uns dos outros na forma como interpretam as experiências dessas relações, sendo que as diferenças no estilo de vinculação poderão refletir diferentes experiências de regulação emocional interpessoal.

Ainda que as investigações supramencionadas iluminem alguns pontos explicativos acerca das reações à infidelidade e de alguns fatores que podem facilitar a sua ocorrência, observou-se que os estudos no âmbito das conceções e das atribuições relativas à infidelidade têm sido relativamente escassos. Por este motivo, o presente estudo pretende aprofundar esta temática. Serão também consideradas outras variáveis (estilo de vinculação, classe socioeconómica, posicionamento político e religiosidade) que têm sido relacionadas com a ocorrência da infidelidade. Pretende-se compreender se tanto as conceções relativas às causas da infidelidade como as reações à mesma variam em função destas variáveis.

Parte II – Estudo Empírico

Capítulo 3 – Metodologia

3.1. Objetivos e Hipóteses

A presente investigação pretende compreender em que medida as concepções acerca da infidelidade influenciam as reações à mesma, sendo as concepções operacionalizadas através da avaliação das atribuições quanto às causas da infidelidade. Da mesma forma, pretende-se conhecer as diferenças, quer nas concepções quer nas reações, em função do género, do estilo de vinculação, da classe socioeconómica, do posicionamento político e da religiosidade.

Apoiando-nos, sempre que possível, na literatura, foram colocadas as seguintes hipóteses:

1. As atribuições associadas a características do parceiro infiel propiciarão, em ambos os sexos, reações de hostilidade, uma vez que o parceiro será percecionado como responsável pela infidelidade. A literatura demonstra que as reações de raiva se encontram geralmente associadas positivamente às atribuições de responsabilidade e de culpabilização a outra pessoa (Kuppens et al., 2003).
2. As atribuições a características da natureza humana motivarão, em ambos os sexos, menos reações de hostilidade e de desapontamento, uma vez que serão percecionadas como incontroláveis e inevitáveis.
3. As atribuições a características da relação primária provocarão, em ambos os sexos, mais reações de desvalorização, pois a esta atribuição tendem a estar subjacentes atribuições de responsabilidade ao parceiro traído (e.g. os sentimentos do parceiro infiel poderão ter diminuído por considerar que o parceiro traído não era suficientemente atraente).
4. As atribuições a características universais do género (e.g. homem, mulher), propiciarão, em ambos os sexos, mais reações de hostilidade, uma vez que o parceiro traído se percecionará como não pertencendo ao grupo social cujas características são responsáveis pela infidelidade. A literatura demonstra que,

geralmente, o *outgroup* motiva reações de maior hostilidade em situações de conflito (Halevy, Weisel e Bornstein, 2011).

5. As atribuições a características da terceira pessoa (pessoa com quem o parceiro foi infiel) motivarão, em ambos os sexos, reações de hostilidade, uma vez que a responsabilidade pela ocorrência da infidelidade será atribuída a outro indivíduo (terceira pessoa; Kuppens et al., 2003).
6. As atribuições a características da terceira pessoa motivarão também, em ambos os sexos, reações de desvalorização, pois o parceiro traído, ao comparar-se com a terceira pessoa, poderá sentir-se inferiorizado.
7. As reações de hostilidade, motivadas pelas atribuições a traços ou motivações internas do agente ativo e a características da terceira pessoa, motivarão em ambos os sexos:
 - a. Menos tendência para perdoar a infidelidade
 - b. Mais tendência para terminar a relação.
8. As reações de desapontamento aumentarão a tendência para falar no assunto. A literatura aponta que as reações de desapontamento são motivadas pela imprevisibilidade do comportamento infiel e pela violação de expectativas previamente construídas pelo elemento traído (Buunk, 1995). A imprevisibilidade do comportamento pode motivar a necessidade do parceiro traído em procurar, junto do parceiro infiel, justificações para a ocorrência da infidelidade.
9. Os indivíduos com um estilo de vinculação evitante tenderão a atribuir a infidelidade do parceiro a características universais da natureza humana, uma vez que têm uma visão mais negativa da espécie humana.
10. Espera-se que os indivíduos com estilo de vinculação evitante evidenciem menos reações de desilusão e mais satisfação face à infidelidade, uma vez que tendem a manifestar mais propensão para se distanciarem dos parceiros.

11. Os indivíduos com um estilo de vinculação preocupado tenderão a atribuir a infidelidade a:
 - a. Traços ou motivações internas do parceiro infiel, uma vez que tendem a perceber os parceiros de forma menos positiva, tendendo assim a esperarem comportamentos menos positivos destes em relação a si.
 - b. Características da relação, pois tendem, igualmente, a perceber a relação e a si próprios de forma menos positiva.
12. Espera-se que os indivíduos com estilo de vinculação preocupado evidenciem mais reações de desvalorização e desilusão face à infidelidade, pois tendem muitas vezes a manter ilusões positivas face à relação e ao parceiro.
13. Os indivíduos com um posicionamento político mais à direita atribuirão a infidelidade a traços ou motivações internas do parceiro infiel devido à maior tendência para responsabilizarem as pessoas pelos seus atos.
14. Os indivíduos com um posicionamento político mais à direita evidenciarão mais reações de desilusão, pois esperam que o relacionamento seja exclusivo e respeitado pelo parceiro.
15. Os indivíduos com um posicionamento político mais à direita, por defenderem os valores tradicionais e por penalizarem mais os comportamentos desviantes, estarão mais propensos a:
 - a. Não perdoar a infidelidade.
 - b. Não falar sobre o assunto.
 - c. Terminar a relação.
16. Os indivíduos com um posicionamento político mais à esquerda atribuirão a infidelidade a características universais da natureza humana, pois tendem a adotar uma perspetiva mais tolerante e aceitante face aos outros e às suas ações.

17. Espera-se que os indivíduos com um posicionamento político mais à esquerda reajam à infidelidade com menos hostilidade e desapontamento, pelo mesmo motivo apontado na hipótese anterior.
18. Os indivíduos com um posicionamento mais religioso tenderão a evidenciar mais reações de desilusão, uma vez que acreditam que relação é um compromisso sério, que não pode ser alvo de desrespeito, pelo que esperam que o parceiro aja em concordância com esses valores.
19. Os indivíduos com um posicionamento mais religioso, por acreditarem que um relacionamento deve ser sério e mantido para toda a vida tendem a procurar a reconciliação, pelo que é esperado que apresentem:
 - a. Mais propensão para falar no assunto.
 - b. Mais propensão para perdoar a infidelidade.
 - c. Menos propensão para terminar a relação.

3.2. Caracterização da amostra

A amostra do presente estudo foi constituída por 301 sujeitos, dos quais 137 pertenciam ao sexo feminino (45.5%) e 164 (54.5%) ao sexo masculino. Os sujeitos do sexo feminino apresentavam idades compreendidas entre os 18 e os 44 anos ($M= 23,26$; $DP= 5,14$); no sexo masculino variavam entre os 18 e os 56 anos ($M= 24,93$; $DP= 7,76$).

Relativamente ao estatuto relacional dos participantes, foi possível constatar que no sexo feminino a grande maioria (54%) namorava com alguém ou não estava numa relação (32,8%) e o mesmo se verificava no sexo masculino, 37,2% e 41,5% respetivamente. A distribuição dos participantes por estatuto relacional pode ser consultada no Quadro 1.

Quadro 1

Número e percentagem de participantes por estatuto relacional em cada sexo

	Feminino		Masculino	
	N	%	N	%
Casado	1	0,7	11	6,7
Noivo	3	2,2	1	0,6
Divorciado	3	2,2	3	1,8
Namora com Alguém	74	54,0	61	37,2
Vive em União de Facto	10	7,7	9	5,5
Não está atualmente envolvido com ninguém	45	32,8	68	41,5
Nunca teve uma relação amorosa	5	3,6	20	12,2

É importante salientar que as categorias presentes no Quadro 1 não são mutuamente exclusivas, sendo que uma pessoa pode ser divorciada e estar a namorar com alguém ou viver em união de facto, pelo que é expectável que a soma das percentagens seja superior a 100%.

A classe socioeconómica foi avaliada numa escala de tipo *Likert* de cinco pontos: 1 - *classe baixa*; 2- *classe média-baixa*; 3 - *classe média*; 4 - *classe média-alta*; 5 - *classe alta*. Verificou-se que no sexo feminino a grande maioria (52,6%) se insere na Classe Média e Classe Média-Baixa (31,4%), sendo que 0,7% se encontram na Classe Alta, 6,6% na Classe Média-Alta e 8,8% na Classe Baixa. No sexo masculino constatou-se, igualmente, que a grande maioria (51,8%) se insere na Classe Média e Classe Média-Baixa (29,9%), sendo que 14,6% se encontram na Classe Média-Alta e 3,7% na Classe Baixa.

Quanto à religiosidade, foi avaliada de acordo com uma escala de tipo *Likert* de sete pontos, sendo que o ponto mínimo da escala correspondia a 1= *nada religioso* e o ponto máximo correspondia a 7= *extremamente religioso*. O sexo feminino obteve uma média de 3,05 (DP= 0,77) e o sexo masculino uma média de 2,59 (DP=1,65). Por fim, quanto ao posicionamento político, foi também avaliado de acordo com uma escala de tipo *Likert* de sete pontos, sendo que o ponto mínimo da escala correspondia a 1=

Esquerda e o ponto máximo correspondia a 7= *Direita*. Obteve-se uma média de 3,80 (DP=1,28) para o sexo feminino e de 3,94 (DP=1,31) para o sexo masculino.

3.3. Instrumentos

No momento prévio ao preenchimento dos instrumentos, foi solicitado aos participantes que indicassem os dados sociodemográficos apresentados na secção anterior.

3.3.1. Questionário das Concepções Pessoais acerca da Infidelidade (QCPI)

Tendo em conta que um dos objetivos principais do presente estudo passa por compreender a influência das concepções quanto às causas da infidelidade nas reações à mesma, este instrumento foi criado no âmbito desta investigação de modo a avaliar as concepções dos participantes quanto aos fatores que conduzem à infidelidade.

Neste instrumento constam três cenários que remetem para situações de infidelidade, nomeadamente um cenário de Infidelidade Sexual Ocasional (Cenário ISO), um cenário de Infidelidade Emocional (Cenário IE) e um cenário de Infidelidade Sexual Continuada (Cenário ISC). Os cenários foram apresentados por ordem aleatória, utilizando uma funcionalidade da plataforma *Qualtrics*. Seguidamente solicitava-se aos participantes para avaliarem, através de um conjunto de 18 itens, em que medida consideravam que cada um dos aspetos indicados teria provavelmente contribuído para o comportamento de infidelidade descrito no cenário apresentado. Alguns exemplos de itens são “*Devia haver alguns desentendimentos entre o Virgílio e a mulher*”, “*O Virgílio deve ser uma pessoa que não tem valores morais*”, “*A Mónica deve ser uma pessoa muito atraente*”, “*Estas coisas acontecem, não é possível evitar*”, “*O Virgílio já não deve sentir-se atraído pela mulher*”. Por uma questão de simplicidade na apresentação dos itens, designar-se-á em algumas tabelas o agente ativo (parceiro infiel) pela letra A e à outra pessoa (pessoa com quem é praticada a infidelidade) será atribuída a letra O. A avaliação decorria mediante uma escala de tipo *Likert* de cinco pontos (0 - *Não deve ter contribuído nada*; 1- *Deve ter contribuído pouco*; 2 - *Deve ter contribuído moderadamente*; 3 - *Deve ter contribuído muito* e 4 - *Deve ter sido completamente determinante*). Os itens remetiam para aspetos das concepções pessoais dos participantes

acerca das causas predisponentes para a infidelidade. Foram construídos com base em atribuições em concepções teóricas prévias quanto a tipos de atribuições que poderiam ser encontrados (ver hipóteses). Os cenários e respetivos itens eram apresentados em duas versões (masculina e feminina). As únicas diferenças entre as versões eram no género das palavras e no nome das personagens. Todos os cenários e itens pressupunham uma relação heterossexual.

3.3.2. Questionário de Reações à Infidelidade do Parceiro

Com o intuito de relacionar as reações à infidelidade com as concepções acerca da mesma, recorreu-se a um questionário construído com base num conjunto de itens desenvolvido e utilizado em duas investigações realizadas na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (Moreira e Baptista, 2006; Silva, Santos e Baptista, 2006; citado por Farinha, 2010). Este consiste numa lista de 35 itens indicando emoções passíveis de serem sentidas face a uma situação de infidelidade. Os participantes teriam que imaginar-se no lugar do parceiro da personagem principal do cenário apresentado no QCPI e avaliar o grau de intensidade com que julgavam que sentiriam cada emoção. A classificação era feita mediante uma escala de tipo *Likert*, de nove pontos, variando entre 0 (“*Eu nunca sentiria esta emoção*”; sublinhado no original) e 8 (“*Eu ficaria consumido por esta emoção*”), sendo o 4 correspondente a uma posição intermédia (“*Eu sentiria esta emoção moderadamente*”).

No fim do questionário eram apresentadas três questões que remetiam para possíveis ações do parceiro traído, nomeadamente perdoar o comportamento descrito, terminar a relação por causa desse comportamento e falar no assunto com o parceiro infiel. As respostas eram atribuídas de acordo com uma escala de tipo *Likert* de cinco pontos (0 - *Não, de certeza*; 1 - *Pouco provável*; 2 - *Talvez*; 3 - *Muito provável*; 4 - *Sim, de certeza*).

3.3.4. Experiências em Relações Próximas – Versão Reduzida (ERP-VR)

O ERP-VR corresponde à adaptação portuguesa do *Experiences in Close Relationships*, originalmente desenvolvido por Brennan, Clark e Shaver (1998) e traduzido e adaptado por Moreira, Lind, Santos, Moreira, Gomes, Justo, Oliveira, Filipe e Faustino (2006). É um instrumento de autorrelato que visa avaliar as duas principais

dimensões subjacentes às diferenças individuais no estilo de vinculação adulta, o Evitamento e a Preocupação.

O questionário original é constituído por 36 itens e encontra-se dividido em duas escalas, Evitamento e Preocupação, cada uma composta por 18 itens. Neste estudo foi utilizada uma versão reduzida do questionário original, constituída por 12 itens, dos quais 6 avaliam a dimensão Preocupação e os restantes 6 a dimensão Evitamento, sendo que três itens desta última dimensão são de cotação invertida. Estes itens foram selecionados de entre o conjunto de itens da versão original através de análises fatoriais realizadas com os dados recolhidos aquando da tradução e adaptação do instrumento para a população portuguesa (Moreira et al., 2006).

Em ambas as versões, completa e reduzida, os itens encontram-se distribuídos intercalada e sistematicamente, sendo que os números ímpares correspondem à dimensão Evitamento e os números pares à dimensão Preocupação. A avaliação decorre mediante uma escala de tipo *Likert* de sete pontos, iniciando-se no 1 (*Discordo Fortemente*) e terminando no 7 (*Concordo Fortemente*), sendo que o 4 corresponde a uma posição intermédia (*Neutro/misto*).

Nas instruções pede-se ao indivíduo que avalie o grau em que cada afirmação descreve os seus sentimentos típicos nas relações, quer sejam passadas ou presentes, e apela para que as pessoas reflitam sobre a forma como geralmente se sentem nessas relações.

Relativamente à consistência interna das escalas da versão reduzida, foram obtidos em estudos anteriores (Afonso, 2011; Fontinha, 2009; Leal, 2009; Vilhena, 2010) alfas entre .68 e .87 para a dimensão Preocupação e entre .55 e .81 para a dimensão Evitação.

No presente estudo foi obtido um alfa de .72 para a dimensão Preocupação e de .84 para a dimensão Evitamento.

3.4. Procedimentos de recolha de dados

A recolha de dados para a elaboração do presente estudo foi realizada através da plataforma *online Qualtrics*. A amostra foi reunida através da divulgação do *link* da plataforma via e-mail e redes sociais. O questionário esteve ativo pelo período de, aproximadamente, um mês (entre Janeiro e Fevereiro de 2014).

Aquando do momento de acesso ao *link*, era apresentado ao participante o termo de consentimento informado (ver Anexo A), onde era fornecida informação acerca do propósito do estudo, da participação anónima e voluntária, da confidencialidade das respostas e da possibilidade de abandonar a participação a qualquer momento, se assim o desejasse.

Seguidamente, e após aceitarem participar voluntariamente na investigação, os participantes iniciavam o preenchimento dos instrumentos, sendo inicialmente solicitados alguns dados sociodemográficos, seguidos do Questionário das Conceções Pessoais acerca da Infidelidade e do Questionário de Reações à Infidelidade do Parceiro. Estes dois últimos questionários eram apresentados por três vezes, juntamente com cada cenário. Em cada uma era solicitado que ao participante que se imaginasse no lugar do parceiro traído nesse cenário e que avaliasse em que grau achava que sentiria cada uma das emoções apresentadas. Os três conjuntos constituídos pelo cenário e pelos dois questionários eram apresentados por ordem aleatória. No final, era apresentado o questionário Experiência de Relações Próximas - Versão Reduzida.

Optou-se por tornar todas as perguntas de resposta obrigatória, de forma a evitar a existência de dados omissos, pelo que, quando o participante não respondia a uma pergunta, não poderia prosseguir para o questionário seguinte, sendo indicadas quais as perguntas às quais não tinha respondido.

Para a realização da análise estatística dos dados foi utilizado o *software* estatístico *IBM SPSS Statistics* (versão 22 para o *Windows*).

Capítulo 4 – Resultados

4.1. Dados obtidos através do Questionário de Concepções Pessoais acerca da Infidelidade (QCPI)

4.1.1. Análise Psicométrica

Procedeu-se a uma análise em componentes principais, seguida de uma rotação Varimax, com o objetivo de averiguar que fatores emergiriam de entre os 18 itens apresentados após cada cenário. Para determinar o número de fatores foi utilizado o teste do “cotovelo” (gráfico de valores próprios). Este teste baseia-se no pressuposto de que à medida que a variância comum vai sendo extraída, os fatores vão explicando uma proporção menor, até que exista apenas variância específica e aleatória. Este processo verifica-se num gráfico que apresenta um ponto que faz de “cotovelo” (Moreira, 1999). Na Figura 1 apresenta-se, a título de exemplo, a “curva do cotovelo” correspondente às concepções no cenário ISO do sexo masculino. As restantes figuras, respetivas aos restantes cenários de ambos os sexos encontram-se em anexo (sexo masculino ver Figura B.1 e B.2 do Anexo B; sexo feminino ver Figura C.1, C.2 e C.3 do Anexo C).

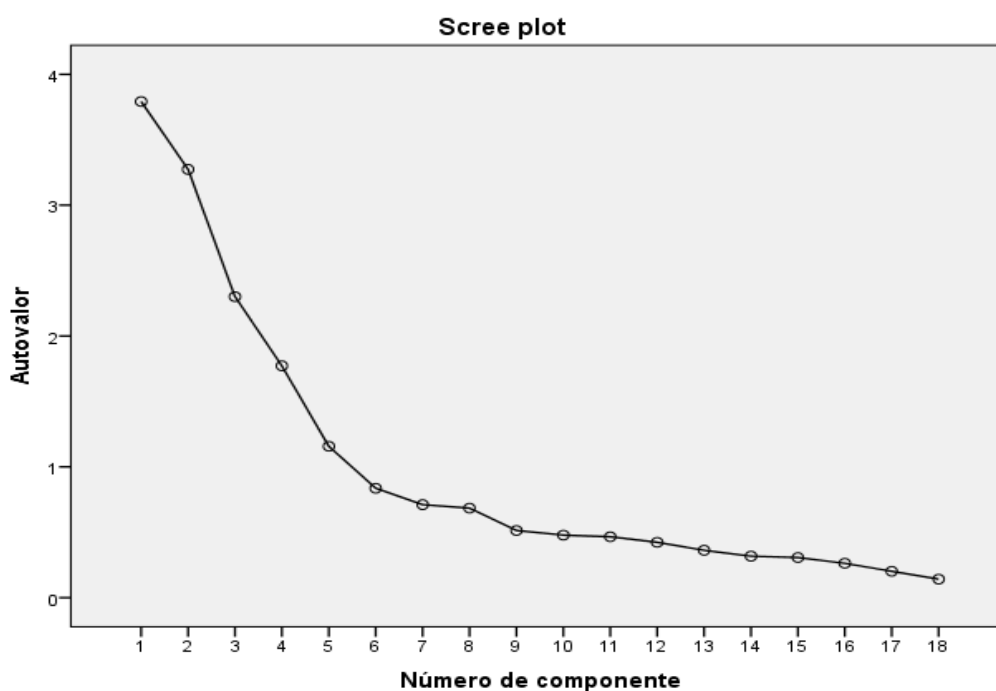


Figura 1. Gráfico dos valores próprios correspondente às concepções no cenário ISO do sexo masculino.

A representação gráfica dos resultados sugere, neste cenário, a existência de cinco fatores, tendo-se estes revelado idênticos nos três cenários de ambos os sexos. Assim,

através da análise dos gráficos de valores próprios de cada sexo e cenário, identificou-se, no sexo masculino, cinco fatores para os cenários de Infidelidade Sexual Ocasional (ISO) e Infidelidade Emocional (IE), e quatro fatores para o cenário de Infidelidade Sexual Continuada (ISC). No cenário IE o quinto fator, referente a atribuições alusivas a variáveis específicas da relação entre o parceiro infiel e a pessoa com quem foi cometida a infidelidade foi eliminado, uma vez que era composto por apenas um item (*Deve ter-se criado uma química forte entre a A. e o O.*), o que faz emergir questões acerca da consistência do fator, pelo que é expectável que os resultados daí emergentes não sejam suficientemente significativos para a realização de uma análise consistente. No que concerne ao sexo feminino, foram identificados quatro fatores para os cenários ISO e ISC, e cinco fatores para o cenário IE. Estes fatores explicam, nas seis análises, entre 28,64% e 69,17% da variância dos resultados.

No entanto, apesar do número distinto de fatores emergentes entre cenários do mesmo sexo, notou-se que estes se assemelham, divergindo apenas na ordem pela qual surgem em cada cenário. Observou-se ainda, em ambos os sexos, que nos cenários em que existem cinco fatores, o quinto fator aponta para uma divisão de outros fatores que aparecem agregados nos cenários em se identificaram apenas quatro fatores. Assim, tendo em conta a semelhança dos fatores entre cenários, apresentar-se-á, no Quadro 2, a título de exemplo, a saturação dos itens das conceções no cenário ISO do sexo masculino, sendo o mesmo procedimento adotado para o cenário IE do sexo feminino no Quadro 3. Os quadros respetivos às saturações dos itens dos restantes cenários de cada sexo encontram-se em anexo (sexo masculino ver Quadros D.1 e D.2 do Anexo D; sexo feminino ver Quadros E.1 e E.2 do Anexo E). Os valores salientados a negrito representam as saturações iguais ou superiores a .60. A decisão de reconhecer apenas saturações iguais ou superiores a este valor ocorreu como forma de assegurar que cada item emerge apenas num fator, sendo que saturações inferiores poderão decompor a variância dos itens entre dois ou mais fatores. Os valores identificados a sublinhado representam os itens, selecionados pelo alfa de Cronbach (explicado mais adiante), que integraram o somatório de cada fator.

Quadro 2

Itens das concepções para o cenário ISO do sexo masculino: Matriz dos componentes após rotação

	Masculino				
	1	2	3	4	5
1. Deve ter-se criado uma química forte entre a A e o O.	,28	-,07	-,04	,55	,03
2. A A. deve ter algumas necessidades que não estão a ser satisfeitas no seu casamento.	,69	-,16	,23	,28	-,08
3. As mulheres deixam-se levar facilmente por estas situações.	,12	,15	,90	,04	,08
4. O marido da A. não tomou precauções para que a situação fosse evitada.	,61	-,15	,27	,04	,10
5. As mulheres têm uma tendência muito forte para se envolver neste género de situações.	,02	,18	,92	,06	,01
6. A A. deve ter grande tendência para se envolver neste género de situações.	,05	,69	,38	,15	-,02
7. Devia haver alguns desentendimentos entre a A. e o marido.	,81	,16	-,15	,09	,06
8. Estas situações fazem, inevitavelmente, parte da natureza humana.	,03	-,15	,14	,16	,85
9. A A. deve ser uma pessoa irresponsável.	,07	,83	,17	-,10	-,14
10. As mulheres não conseguem controlar-se quando um homem se mostra disponível.	,03	,29	,71	-,16	,12
11. A A. deve ser uma pessoa que não tem valores morais.	,14	,82	,11	-,13	-,11
12. O O. deve ser uma pessoa muito atraente.	-,02	-,01	,07	,84	,09
13. As circunstâncias em que a A. se encontrou foram fortes demais.	,12	,03	,01	,53	,47

(Quadro continua)

Quadro 2 (continuação)

	Masculino				
	1	2	3	4	5
14. A A. deve ter dificuldade em se autocontrolar.	-,17	<u>,80</u>	,09	,12	-,03
15. O O. devia ter algo que fosse especialmente atraente para a A.	,04	,07	-,05	<u>,84</u>	,09
16. A A. já não deve sentir-se atraída pelo marido.	<u>,77</u>	,25	-,11	-,07	-,15
17. Estas coisas acontecem, não é possível evitar.	,04	-,11	,04	,07	<u>,90</u>
18. A A. deve estar saturada da rotina da sua vida.	<u>,74</u>	-,01	,08	,09	,18

Nota. Designar-se-á em algumas tabelas o agente ativo (parceiro infiel) pela letra A e à outra pessoa (pessoa com quem é praticada a infidelidade) será atribuída a letra O.

Através da análise do Quadro 2, verifica-se que o primeiro fator é caracterizado por atribuições a características da relação primária (e.g. “*Devia haver alguns desentendimentos entre a A. e o marido*”) que englobam também atribuições de responsabilidade ao parceiro traído (“*O marido da A. não tomou precauções para que a situação fosse evitada*”). O segundo fator é composto por atribuições a traços ou motivações internas do agente ativo (parceiro infiel; e.g. “*A A. deve ter grande tendência para se envolver neste género de situações*”). As atribuições a características universais do género (e.g. “*As mulheres têm uma tendência muito forte para se envolver neste género de situações*”) compõem o terceiro fator. O quarto fator integra atribuições a características da terceira pessoa (pessoa com quem o parceiro cometeu a infidelidade; e.g. “*O O. deve ser uma pessoa muito atraente*”). Por último, o quinto fator é constituído por atribuições a características universais da natureza humana (e.g. “*Estas situações fazem, inevitavelmente, parte da natureza humana*”). Nos cenários IE e ISC (Quadros D.1 e D.2 do Anexo D), o segundo e terceiro fatores (atribuições a traços ou motivações internas do agente ativo e atribuições a características universais do género, respetivamente) emergem agregados, razão pela qual se constata a existência de quatro fatores nesses cenários e cinco fatores no cenário ISO.

Quadro 3

Itens das concepções para o cenário IE do sexo feminino: Matriz dos componentes após rotação

	Feminino				
	1	2	3	4	5
1. Deve ter-se criado uma química forte entre o A. e a O.	,14	-,03	-,28	<u>,75</u>	-,28
2. O A. deve ter algumas necessidades que não estão a ser satisfeitas no seu casamento.	,37	<u>,72</u>	-,19	-,06	-,12
3. Os homens deixam-se levar facilmente por estas situações.	<u>,90</u>	,10	,17	-,12	-,03
4. A mulher do A. não tomou precauções para que a situação fosse evitada.	,54	,45	-,13	,16	,02
5. Os homens têm uma tendência muito forte para se envolver neste género de situações.	<u>,85</u>	,07	,28	-,03	,08
6. O A. deve ter grande tendência para se envolver neste género de situações.	,59	,18	,39	-,08	-,04
7. Devia haver alguns desentendimentos entre o A. e a mulher.	,05	<u>,85</u>	,10	,05	,03
8. Estas situações fazem, inevitavelmente, parte da natureza humana.	,09	-,11	-,16	-,04	<u>,82</u>
9. O A. deve ser uma pessoa irresponsável.	,35	,12	<u>,70</u>	,00	-,21
10. Os homens não conseguem controlar-se quando uma mulher se mostra disponível.	<u>,78</u>	,04	,37	,15	,01
11. O A. deve ser uma pessoa que não tem valores morais.	,25	,17	<u>,75</u>	,05	-,19
12. A O. deve ser uma pessoa muito atraente.	,01	,18	,20	<u>,76</u>	,09
13. As circunstâncias em que o A. se encontrou foram fortes demais.	-,15	,27	,21	,48	,39

(Quadro continua)

Quadro 3 (continuação)

	Feminino				
	1	2	3	4	5
14. O A. deve ter dificuldade em se autocontrolar.	,24	,06	<u>,80</u>	,08	-,01
15. A O. devia ter algo que fosse especialmente atraente para o A.	-,08	,10	,05	<u>,70</u>	,30
16. O A. já não deve sentir-se atraído pela mulher.	,13	<u>,73</u>	,26	,31	-,01
17. Estas coisas acontecem, não é possível evitar.	-,01	,00	-,17	,23	<u>,82</u>
18. O A. deve estar saturado da rotina da sua vida.	,01	<u>,77</u>	,33	,14	-,03

No que concerne à distribuição dos fatores pelo sexo feminino, constata-se que o primeiro fator aponta para atribuições a características universais do género (e.g. “*Os homens têm uma tendência muito forte para se envolver neste género de situações*”). O segundo fator alude a atribuições associadas a características da relação primária (e.g. “*Devia haver alguns desentendimentos entre o A. e a mulher*”). O terceiro fator refere-se a atribuições a traços ou motivações internas do agente ativo (e.g. “*O A. deve ser uma pessoa que não tem valores morais*”). As atribuições a características da terceira pessoa (e.g. “*A O. deve ser uma pessoa muito atraente*”) compõem o quarto fator. Por fim, as atribuições a características universais da natureza humana constituem o quinto fator (e.g. “*Estas coisas acontecem, não é possível evitar*”). À semelhança do que sucede no sexo masculino, constata-se uma divisão de fatores, sendo que, enquanto no atual cenário o primeiro fator (atribuições a características universais do género) emerge só, no cenário ISO (Quadro E.1 do Anexo E) este encontra-se agregado ao fator alusivo a atribuições a traços ou motivações internas do agente ativo e no cenário ISC (Quadro E.2 do Anexo E) encontra-se associado a características universais da natureza humana, o que, uma vez mais, justifica a existência de quatro fatores nos cenários ISO e ISC, e cinco fatores neste. O Quadro 4 pretende clarificar a compreensão da distribuição dos fatores por cada fator de cada sexo e cenário.

Quadro 4

Número do fator correspondente a cada interpretação por cenário e gênero

	Feminino			Masculino		
	ISO	IE	ISC	ISO	IE	ISC
Natureza Humana	3	5	3	5	3	3
Gênero	1	1	3	3	1	1
Agente ativo	1	3	1	2	1	1
Relação primária	2	2	2	1	2	2
Caract.3ª pessoa	4	4	4	4	4	4

Nota. Deve ler-se, por exemplo: no sexo feminino as atribuições a características universais da natureza humana surgem no fator 3 para o cenário ISO, enquanto no mesmo cenário do sexo masculino localizam-se no fator 5.

A consistência interna do conjunto de itens (com saturação igual ou superior a .60) selecionados para cada fator foi apurada, para ambos os sexos, através do coeficiente de alfa de Cronbach, como apresentado nos Quadros 5 e 6. Nos respectivos quadros, encontram-se também identificados os itens cuja eliminação faria aumentar o alfa.

Quadro 5

Análise da consistência interna, através do alfa de Cronbach, de cada cenário do sexo masculino

Cen.	Fatores	Alfa	Números dos itens sugeridos para exclusão
ISO	Relação primária	.79	-
ISO	Agente ativo	.84	-
ISO	Gênero	.87	10
ISO	Características da 3ª pessoa	.78	-
ISO	Natureza humana	.83	-

(Quadro continua)

Quadro 5 (continuação)

Cen.	Fatores	Alfa	Números dos itens sugeridos para exclusão
IE	Género / Agente ativo	.91	-
IE	Relação primária	.71	-
IE	Natureza humana	.69	-
IE	Características da 3ª pessoa	.53	-
ISC	Género /Agente ativo	.89	-
ISC	Relação primária	.80	-
ISC	Natureza humana	.76	-
ISC	Características da 3ª pessoa	.64	-

Através do Quadro 5 é possível constatar que a versão masculina do questionário apresenta boa consistência interna, uma vez que a maioria dos coeficientes alfa são superiores a .75. Contudo, alguns fatores no cenário IE, nomeadamente referentes a características da relação primária, a características universais da natureza humana e características da terceira pessoa, e estes dois últimos no cenário ISC, exibem resultados modestos. Quanto às recomendações do critério do alfa para a eliminação de itens, estas foram seguidas apenas se não resultassem em conjuntos de itens excessivamente homogéneos no seu conteúdo e, conseqüentemente, não representativos do fator. De modo a evitar uma explicação extensiva e exaustiva dos itens cuja eliminação era recomendada e das razões pelas quais foram mantidos ou excluídos, sugere-se (a) a consulta do Quadro 5 para verificar quais os itens cuja eliminação era recomendada, (b) a consulta do Quadro 2 (e também do Quadro D.1 e D.2 do Anexo D) para verificar quais os itens que efetivamente constaram no somatório dos fatores (salientados a sublinhado), sendo assim possível observar que itens foram mantidos e eliminados.

Quadro 6

Análise da consistência interna, através do alfa de Cronbach, para cada cenário do sexo feminino

Cen.	Fatores	Alfa	Números dos itens sugeridos para exclusão
ISO	Gênero / Agente ativo	.85	-
ISO	Relação primária	.72	-
ISO	Natureza humana	.61	-
ISO	Características da 3ª pessoa	.88	1
IE	Gênero	.90	-
IE	Relação primária	.82	2
IE	Agente ativo	.81	-
IE	Características da 3ª pessoa	.65	-
IE	Natureza humana	.69	-
ISC	Agente ativo	.87	-
ISC	Relação primária	.83	4
ISC	Gênero / Natureza humana	.75	8 e 17
ISC	Características da 3ª pessoa	.80	1 e 13

Constata-se, através do Quadro 6, que à semelhança da versão masculina, a versão feminina apresenta bons indicadores de consistência interna. No entanto, alguns fatores, nomeadamente referentes a atribuições a características universais da natureza humana e a características da relação primária no cenário ISO, a atribuições a características universais da natureza humana e a características da terceira pessoa no cenário IE, apresentaram valores modestos. O procedimento para a eliminação dos itens, em função do alfa, foi idêntico ao utilizado no sexo masculino (consultar Quadro 3, e Quadro E.1 e E.2 do Anexo E).

4.2. Dados obtidos através do Questionário de Reações à Infidelidade do Parceiro

4.2.1. Análise Psicométrica

Procedeu-se a uma análise em componentes principais, seguida de uma rotação Varimax, com o objetivo de averiguar que fatores emergiriam de entre as 35 emoções apresentadas após cada cenário. Com recurso à “curva do cotovelo” (gráfico de valores próprios) de cada cenário, de ambos os sexos, (sexo masculino ver Figura F.1, F.2 e F.3 do Anexo F; sexo feminino ver Figura G.1, G.2 e G.3 do Anexo G), identificou-se quatro fatores, sendo estes muito idênticos nos seis cenários. Apenas no cenário ISO do sexo feminino se constatou a existência de cinco fatores, sendo que o quarto e quinto fatores correspondiam a uma divisão do quarto fator identificado nos outros cenários, isto é, os itens que nos restantes cenários emergiram unidos no quarto fator, dividiram-se neste cenário, acrescentando assim mais um fator. Neste sentido, com o intuito de simplificar a análise dos resultados, optou-se por forçar a junção dos fatores quatro e cinco, perfazendo assim um total de quatro fatores também neste cenário. Os fatores explicavam, nas seis análises realizadas, entre 43,85 e 68,20% da variância.

Atendendo à semelhança entre fatores, apresentar-se-á, no Quadro 7, a título de exemplo, a saturação dos itens das reações no cenário ISO para ambos os sexos. Os quadros respetivos às saturações dos itens dos restantes cenários encontram-se em anexo (Quadros H.1 e H.2 do Anexo H). Os valores salientados a negrito e a sublinhado refletem os critérios estabelecidos para os Quadros 2 e 3. Para o somatório dos fatores, foram apenas selecionados os itens com saturação igual ou superior a .60 que emergiam no mesmo fator nos seis cenários e aqueles que, de entre estes, não foram sugeridos para eliminação pelo alfa.

Torna-se importante salientar que, no Quadro 7, a reação *Satisfeita* do sexo feminino, não se encontra a negrito visto que, ao contrário do que se observa no quarto fator dos restantes cenários, não atinge uma saturação de .60, porém encontra-se sublinha, uma vez que foi incluída no seu somatório devido à união do quarto fator com o quinto (no qual obteve uma saturação de .80).

Quadro 7

Item das reações no cenário ISO para ambos os sexos: matriz de componentes após rotação

	Feminino				Masculino			
	1	2	3	4	1	2	3	4
Abalada	,42	,67	,08	-,06	,44	,71	,03	-,05
Aflita	,62	,32	,19	,19	,77	,12	,17	,08
Agressiva	,29	,27	,78	-,01	,21	,23	,85	,01
Alegre	,09	,13	,04	,75	,11	-,11	,03	,93
Amargurada	,50	,47	,35	-,06	,56	,54	,27	-,02
Chocada	,25	,74	,16	,02	,20	,72	,06	-,07
Chorosa	,53	,56	,00	-,03	,68	,33	,11	,04
Ciumenta	,36	,62	,09	,07	,34	,59	,33	,08
Com ódio	,28	,35	,75	-,08	,28	,26	,82	,01
Com vontade de matar	,31	,01	,66	,16	,32	-,06	,73	-,03
Contente	,12	,01	,09	,35	,12	-,10	,04	,92
Deprimida	,64	,48	,09	-,10	,69	,43	,12	-,04
Desamparada	,78	,41	,05	,02	,79	,32	,05	,00
Desapontada	,23	,72	,17	-,04	,11	,84	,12	-,11
Desesperada	,72	,35	,25	,16	,78	,16	,23	,03
Desiludida	,16	,79	,11	-,19	,14	,83	,13	-,15
Encantada	,09	,04	,03	,73	,06	-,14	,15	,73
Enganada	,22	,79	,14	-,06	,20	,79	,17	-,16
Feliz	,00	-,26	,00	,46	-,07	-,09	-,05	,79

(Quadro continua)

Quadro 7 (continuação)

	Feminino				Masculino			
	1	2	3	4	1	2	3	4
Inadequada	.71	,10	,36	,20	.76	,07	,21	,06
Incompetente	.73	,06	,29	,15	.77	,08	,29	,02
Indesejada	.76	,30	,13	-,02	.71	,28	,06	,04
Infeliz	,55	,53	,21	-,12	,57	.62	,05	-,05
Inferior	.80	,24	,19	,02	.75	,24	,26	,01
Insignificante	.76	,22	,24	-,01	.83	,18	,17	-,02
Isolada	.75	,20	,13	,09	.86	,14	,10	,01
Pasmada	,29	.68	,06	,04	,43	.60	,03	,02
Rancorosa	,23	,14	.81	-,02	,36	,38	.69	,05
Rejeitada	.73	,42	,10	,00	.70	,35	,10	-,02
Satisfeita	-,10	-,16	-,09	.50	,10	-,10	,03	.94
Sem Valor	.82	,16	,29	,02	.80	-,02	,33	-,04
Serena	-,16	-,38	-,21	,27	-,08	,02	-,08	,33
Traída	,16	.75	,27	,01	,09	.65	,33	-,20
Vazia	.72	,28	,19	-,04	.68	,25	,29	,00
Vingativa	,15	,18	.86	,06	,25	,21	.86	,02

Atendendo à semelhança de fatores constatada nos seis cenários, verifica-se que o primeiro fator engloba reações de desvalorização (abreviado de ora avante como Desval.), sendo caracterizado por itens como *inferior*, *indesejada(o)*, *deprimida(o)*, *incompetente*, *sem valor*, *desesperada(o)*, *isolada(o)*, *inadequada(o)*, *vazia(o)*, *insignificante* e *desamparada(o)*. O segundo fator aponta para reações de desilusão (Desil.), sendo composto por itens como *desapontada(o)*, *enganada(o)*, *desiludida(o)*, e *traída(o)*. As reações de hostilidade (Hostil.), identificadas no terceiro fator, aglomeram

itens como *rancorosa(o)*, *agressiva(o)*, *vingativa(o)* e *com ódio*. Por último, o quarto fator remete para reações de satisfação (Satisf.) e é composto pelos itens *alegre* e *satisfeita(o)*.

A consistência interna dos conjuntos de itens em cada cenário foi apurada, para ambos os sexos, através do coeficiente de alfa de Cronbach, apresentado no Quadro 8.

Quadro 8

Alfa de Cronbach das reações emocionais de cada cenário de ambos os sexos

Cenário	Masculino				Feminino			
	Desval.	Desil.	Hostil.	Satisf.	Desval.	Desil.	Hostil.	Satisf.
ISO	.95	.91	.93	.99	.95	.88	.90	.14
IE	.94	.89	.95	.85	.95	.91	.92	.96
ISC	.94	.93	.92	.72	.95	.88	.91	.41

Verifica-se, nos três cenários de cada sexo, a existência de elevados indicadores de consistência interna, à exceção do quarto fator (Satisf.) dos cenários ISO (.14) e ISC (.41) do sexo feminino. No entanto, o facto de este fator remeter para reações à infidelidade pouco esperadas, optou-se, apesar das fracas consistências identificadas, por o incluir devido à possível emergência de resultados interessantes.

No sexo masculino, foi sugerida, em todos os cenários, a eliminação de um item (*chocado*) que integra o fator correspondente às reações de desilusão. Tendo em conta que a eliminação deste item não tornaria o fator excessivamente homogéneo, nem baixaria o alfa excessivamente (no sexo feminino), decidiu-se eliminar este item em todos os cenários de ambos os sexos. O mesmo procedimento foi implementado, também em todos os cenários de ambos os sexos, para um item (*com vontade de matar*) do fator alusivo às reações de hostilidade, pois foi igualmente recomendada a sua eliminação em todos os cenários do sexo masculino.

4.3. Análise das relações entre variáveis

As variáveis correspondentes aos somatórios dos itens seleccionados em cada fator foram utilizadas para operacionalizar as concepções de infidelidade e as reações emocionais à mesma, e são a base da análise das relações entre estas e destas com as

variáveis de estilo de vinculação, classe socioeconômica, religiosidade e posicionamento político. As correlações entre as variáveis foram exploradas com recurso ao coeficiente de *Pearson*.

4.3.1. Correlações entre concepções e emoções

Quadro 9

Correlações entre as concepções e as emoções no sexo feminino

Cen.	Fatores	Desval.	Desil.	Hostil.	Satisf.
ISO	Género /Agente ativo	.33**	.38**	.39**	.13
ISO	Relação primária	.33**	.31**	.29**	.05
ISO	Natureza humana	-.18*	-.36**	-.16	.12
ISO	Características 3ª pessoa	.08	.12	-.06	.09
IE	Género	.26**	.25**	.38**	.01
IE	Relação primária	.20*	.26**	.21*	.08
IE	Agente ativo	.27**	.34**	.42**	.07
IE	Características 3ª pessoa	.11	.17	-.06	.04
IE	Natureza humana	-.05	-.19*	-.07	.06
ISC	Agente ativo	.21*	.19*	.36**	.09
ISC	Relação primária	.26**	.20*	.22*	-.13
ISC	Género / Natureza humana	.03	-.07	.11	.09
ISC	Características 3ª pessoa	.22**	.08	.08	.10

Nota. * - $p < .05$, ** - $p < .01$

Através do Quadro 9 constata-se, nos três cenários, que as mulheres, ao atribuírem a infidelidade a traços ou motivações internas do agente ativo e a características da relação primária tendem, significativamente, a sentir mais reações de desvalorização, desilusão e hostilidade, estando esta última reação e a atribuição a traços ou motivações internas do agente ativo de acordo com a primeira hipótese colocada. A atribuição a características da relação primária e a emergência de reações de desvalorização é também coerente com a terceira hipótese colocada. As atribuições

relativas às características universais do género estão também significativamente correlacionadas com estas reações (desvalorização, desilusão e hostilidade) nos cenários ISO e IE. A mesma tendência não verifica no cenário ISC, possivelmente pelo facto de, neste cenário, esta atribuição estar agregada a atribuições relativas a características da natureza humana, que tendem a reduzir as reações emocionais negativas. No que concerne à atribuição de características universais da natureza humana, as mulheres sentem, no cenário ISO, significativamente menos reações de desvalorização e desilusão, sentindo também menos desilusão no cenário IE, confirmando, nestes cenários, a segunda hipótese que aponta para a redução das reações de desapontamento quando a infidelidade é atribuída a características universais da natureza humana. Relativamente à redução das reações de hostilidade, também referida na segunda hipótese, não se verifica, em nenhum cenário, a existência correlações negativas e significativas com atribuições a características universais da natureza humana, pelo que poderá dizer-se que a hipótese foi apenas parcialmente confirmada, na medida em que as atribuições a características universais da natureza humana reduzem apenas as reações de desapontamento. As atribuições relativas a características da terceira pessoa encontram-se, no cenário ISC, positivamente associadas, a um nível significativo, com reações de desvalorização, sendo que nos restantes cenários não apresentam valores significativos, verificando-se assim que a sexta hipótese colocada é confirmada apenas no cenário ISC. As reações de hostilidade não se relacionam significativamente com esta atribuição, o que refuta a (quinta) hipótese. As reações de satisfação não se correlacionam a um nível significativo, em nenhum cenário, com nenhum tipo de conceção.

Quadro 10

Correlações entre as conceções e as emoções no sexo masculino

Cen.	Fatores	Desval.	Desil.	Hostil.	Satisf.
ISO	Relação primária	.13	.03	.06	.19*
ISO	Agente ativo	.05	.28**	.27**	.03
ISO	Género	.09	.08	.30**	.21**
ISO	Características 3ª pessoa	.25**	.26**	.21**	.01

(Quadro continua)

Quadro 10 (continuação)

Cen.	Fatores	Desval.	Desil.	Hostil.	Satisf.
ISO	Natureza humana	.06	-.13	.09	.17*
IE	Género / Agente ativo	.10	.16*	.28**	.23**
IE	Relação primária	.22**	.05	.10	.08
IE	Natureza humana	.10	-.01	.06	.14
IE	Características 3ª pessoa	.36**	.19*	.17*	-.07
ISC	Género / Agente ativo	.18*	.16*	.38**	.07
ISC	Relação primária	.23**	.07	-.03	-.03
ISC	Natureza humana	.17*	-.23**	.10	.08
ISC	Características 3ª pessoa	.26**	.15	.18*	-.05

Nota. * - $p < .05$, ** - $p < .01$

Tendo em conta a análise do Quadro 10, verifica-se que os homens que atribuem a infidelidade da parceira a características da relação primária tendem a sentir, de forma significativa, mais reações de desvalorização nos cenários IE e ISC, o que é congruente com a terceira hipótese. No cenário ISO não se verificou a mesma tendência. Quando a infidelidade é atribuída a traços ou motivações internas do agente ativo, constata-se a existência de reações de desilusão e hostilidade nos três cenários. A associação entre esta atribuição e as reações de hostilidade confirma a primeira hipótese. Ainda para esta atribuição, no cenário IE, estas reações (desilusão e hostilidade) são acompanhadas por reações de satisfação e por reações de desvalorização no cenário ISC. Correlacionadas, positiva e significativamente, com as reações de hostilidade e de satisfação estão as atribuições referentes a características universais do género no cenário ISO, verificando-se a mesma tendência no cenário IE, embora neste último cenário acresça a reação de desilusão. No cenário ISC a atribuição a características universais do género relaciona-se positivamente, a um nível significativo, com as reações de desvalorização, desilusão e hostilidade. A relação entre esta atribuição e as reações de hostilidade vai no sentido da quarta hipótese.

As atribuições relativas a características da terceira pessoa encontram-se também correlacionadas significativamente, nos cenários ISO e IE, com estas reações (desvalorização, desilusão e hostilidade). À exceção da reação de desilusão, que não

emerge no cenário ISC, verifica-se uma correlação significativa entre a atribuição a características da terceira pessoa e as reações de desvalorização e hostilidade, verificando-se assim, nos três cenários, a confirmação das hipóteses cinco e seis. Por fim, a atribuição a características universais da natureza humana encontra-se, no cenário ISO, positiva e significativamente associada a reações de satisfação, e a reações de desvalorização no cenário ISC, encontrando-se negativa e significativamente associada a reações de desilusão desse mesmo cenário. Assim, constata-se que a segunda hipótese foi confirmada parcialmente, na medida em que se confirmou apenas no cenário ISC. Relativamente à redução das reações de hostilidade (também esperada na segunda hipótese) não se verificou, em nenhum cenário, resultados significativos.

Tendo em conta estes resultados, observa-se que as atribuições a características da relação primária e a traços ou motivações internas do agente ativo tendem a motivar reações mais negativas, sobretudo nas mulheres, enquanto as atribuições a características da terceira pessoa estão também associadas a reações negativas, porém sobretudo nos homens. Em contrapartida, as atribuições a características universais da natureza humana tendem a diminuir a ocorrência de reações negativas, especialmente nas mulheres. Apenas no sexo masculino se observam correlações com as reações de satisfação, predominantemente associadas a atribuições a características universais do género.

4.3.2. Correlações entre concepções e ações

Quanto às tendências de ação das mulheres, verifica-se, no Quadro 11, que no cenário ISO, as atribuições a características universais do género e a traços ou motivações internas do agente ativo, reduzem significativamente a probabilidade de perdoar a infidelidade, aumentando de forma significativa a probabilidade de terminar a relação. No cenário IE, a atribuição a traços ou motivações internas do agente ativo diminui significativamente a probabilidade de perdoar a infidelidade, embora não se verifiquem resultados significativos quanto à tendência para terminar a relação ou falar no assunto. No cenário ISC, esta atribuição (a traços ou motivações internas do agente ativo) apresenta uma propensão contrária, na medida em que aumenta significativamente a probabilidade de perdoar, embora não se evidenciem resultados significativos quanto à probabilidade para terminar a relação.

Quadro 11

Correlações entre concepções e ações no sexo feminino

Cen.	Fatores	Perdoar	Terminar	Falar no Assunto
ISO	Género/ Agente ativo	-.21*	.19*	.04
ISO	Relação primária	-.30**	.31**	.16
ISO	Natureza humana	.29**	-.31**	-.21*
ISO	Características 3ª pessoa	.21*	-.22*	-.15
IE	Género	-.07	.12	-.12
IE	Relação primária	.01	.09	.13
IE	Agente ativo	-.18*	.15	-.12
IE	Características 3ª pessoa	-.05	.13	.03
IE	Natureza humana	.14	.04	.08
ISC	Agente ativo	-.13	.23**	.02
ISC	Relação primária	-.19*	.23**	.00
ISC	Género / Natureza humana	.25**	-.12	-.17*
ISC	Características 3ª pessoa	.19*	-.12	-.14

Nota. * - $p < .05$, ** - $p < .01$

No cenário ISO, quando a infidelidade é atribuída a características universais da natureza humana, as mulheres apresentam probabilidades significativamente maiores de perdoar a infidelidade e menores probabilidades de terminar a relação. Para além disto, esta atribuição (a características universais da natureza humana) encontra-se ainda, neste cenário, negativa e significativamente associada à probabilidade de falar no assunto.

As atribuições a características da terceira pessoa, no cenário ISO, aumentam significativamente a probabilidade de perdoar a infidelidade e diminuem a probabilidade de terminar a relação. No cenário ISC, esta atribuição aumenta também a probabilidade de perdoar, embora não se evidenciem resultados significativos quanto à tendência para terminar. Observa-se ainda que, nos cenários ISO e ISC, a atribuição a características da relação primária reduz, significativamente, a probabilidade de perdoar a infidelidade e aumenta, de forma significativa, a probabilidade de terminar a relação.

Quadro 12

Correlações entre concepções e ações no sexo masculino

Cen.	Fatores	Perdoar	Terminar	Falar no Assunto
ISO	Relação primária	-.00	.07	-.13
ISO	Agente ativo	-.29**	.26**	.17*
ISO	Género	-.12	.10	-.04
ISO	Características 3ª pessoa	.09	-.03	.06
ISO	Natureza humana	.09	-.13	-.08
IE	Género/Agente ativo	-.18*	.10	-.12
IE	Relação primária	.02	-.06	-.05
IE	Natureza humana	.06	-.05	-.19*
IE	Características 3ª pessoa	-.02	.01	-.03
ISC	Género/Agente ativo	-.29**	.29**	.06
ISC	Relação primária	.04	-.05	.00
ISC	Natureza humana	.34**	-.27**	-.20**
ISC	Características 3ª pessoa	.17*	-.18*	-.07

Nota. * - $p < .05$, ** - $p < .01$

No que concerne ao sexo masculino, no cenário ISO as atribuições a traços ou motivações internas do agente ativo encontram-se negativa e significativamente associadas à probabilidade de perdoar a infidelidade e positivamente associadas à probabilidade de terminar a relação e falar no assunto. Esta atribuição apresenta-se também, no cenário IE, associada de forma negativa e significativa à probabilidade de perdoar a infidelidade, embora não evidencie resultados significativos quanto à probabilidade de terminar a relação ou falar no assunto. Ainda neste cenário, esta atribuição surge agregada à atribuição a características universais do género, sugerindo assim que a atribuição da infidelidade a estas variáveis diminuirá, também, significativamente a probabilidade de a perdoar. Contudo, estas duas atribuições (a traços ou motivações internas do agente ativo e a características universais do género) encontram-se também, no cenário ISC, agregadas e negativa e significativamente

associadas à probabilidade de perdoar a infidelidade, aumentando de forma significativa a probabilidade de terminar a relação. Consta-se, ainda, que as atribuições a características universais da natureza humana se encontram, no cenário IE, negativa e significativamente associadas à probabilidade de falar no assunto, sendo esta conclusão idêntica para o cenário ISC, embora neste cenário se verifique, também associadas a esta atribuição (a características universais da natureza humana), correlações negativas no que concerne à probabilidade de terminar a relação e correlações positivas e significativas associadas à probabilidade de perdoar a infidelidade. Por fim, as atribuições a características da terceira pessoa apresentam resultados significativos apenas no cenário ISC, no qual se observa uma elevada probabilidade de perdoar a infidelidade e reduzida probabilidade de terminar a relação.

Desta forma, observa-se que as atribuições a traços ou motivações internas do agente ativo tenderão a motivar menos o perdão e mais o término da relação, sobretudo nos homens, enquanto nas mulheres esta tendência é predominantemente motivada por atribuições a características da relação primária. Por outro lado, as atribuições a características universais da natureza humana encontram-se associadas à maior tendência para perdoar a infidelidade e menor tendência para terminar a relação, sendo esta mais observável nas mulheres. Também as atribuições a características da terceira pessoa aumentam a probabilidade de perdoar a infidelidade, essencialmente nas mulheres.

4.3.3. Correlações entre emoções e ações

Quadro 13

Correlações entre emoções e ações no sexo feminino

	Perdoar			Terminar			Falar no assunto		
	ISO	IE	ISC	ISO	IE	ISC	ISO	IE	ISC
Desval.	-.26**	-.26**	-.25**	.29**	.30**	.27**	.06	.12	.03
Desil.	-.43**	-.36**	-.41**	.44**	.35**	.48**	.30**	.28**	.21*
Hostil.	-.42**	-.33**	-.34**	.41**	.37**	.47**	.13	.12	.10
Satisf.	.09	.03	.32**	-.07	.03	-.22*	-.09	-.01	-.24**

Nota. * - $p < .05$, ** - $p < .01$

É possível observar, no Quadro 13, que nas mulheres as reações de desilusão, hostilidade e desvalorização (em menor grau esta última) encontram-se, nos três cenários, negativa e significativamente associadas à probabilidade de perdoar a infidelidade, estando relacionadas positivamente e a um nível significativo com a probabilidade de terminar a relação. A relação entre as reações de hostilidade e a menor tendência para perdoar a infidelidade e maior tendência para terminar a relação é congruente com as duas alíneas da sétima hipótese. Apenas a reação de desilusão se encontra associada positiva e significativamente à probabilidade de falar no assunto, confirmando, nos três cenários, a oitava hipótese. As reações de satisfação relacionam-se, no cenário ISC, de forma positiva e significativa com a probabilidade de perdoar a infidelidade e encontram-se negativamente associadas à probabilidade de terminar a relação e falar no assunto.

Quadro 14

Correlações entre emoções e ações no sexo masculino

	Perdoar			Terminar			Falar no assunto		
	ISO	IE	ISC	ISO	IE	ISC	ISO	IE	ISC
Desval.	.08	-.09	.13	.00	.15	-.13	-.05	.04	-.07
Desil.	-.12	-.42**	-.16*	.25**	.33**	.17*	.32**	.25**	.25**
Hostil.	-.12	-.26**	-.08	.23**	.23**	.11	.08	.09	.04
Satisf.	-.03	.09	.13	.07	.01	.01	-.28**	-.11	-.12

Nota. * - $p < .05$, ** - $p < .01$

Através da análise do Quadro 14, constata-se que, nos homens, ao contrário das mulheres, as reações de desvalorização não se encontram, em nenhum cenário, relacionadas com a probabilidade de perdoar, de terminar a relação ou de falar no assunto. Quanto às reações de desilusão verifica-se que, à exceção do cenário ISO, tornam a probabilidade de perdoar a infidelidade significativamente menor, aumentando, positiva e significativamente, nos três cenários, a probabilidade de terminar a relação e falar no assunto. A relação entre as reações de desilusão e a probabilidade de falar no assunto vai no sentido da oitava hipótese, sendo esta confirmada nos três cenários. No que concerne às reações de hostilidade, verifica-se que, no cenário IE, estas reduzem significativamente a probabilidade de perdoar o

comportamento infiel, não se verificando relações significativas para o cenário ISO e ISC. Nos cenários ISO e IE, esta reação aumenta positivamente, a um nível significativo, a probabilidade de terminar a relação, não se relacionando, de forma significativa, em nenhum cenário, com a probabilidade de falar no assunto. Assim, verifica-se que a sétima hipótese foi confirmada parcialmente, na medida em que, no que concerne à relação entre reações de hostilidade e a tendência para terminar a relação, esta foi suportada apenas nos cenários ISO e IE, enquanto a relação entre estas reações (hostilidade) e a menor tendência para perdoar foi suportada apenas no cenário IE. Por fim, as reações de satisfação não se encontram, em nenhum cenário, significativamente relacionadas com a probabilidade de perdoar ou terminar a relação, estando apenas negativamente relacionadas, no cenário ISO, com a probabilidade de falar no assunto.

Através destes resultados, observa-se que o padrão de resultados no sexo masculino é semelhante, apesar de ligeiramente mais fraco, ao obtido no sexo feminino, notando-se que, nos homens, as reações de desvalorização não relacionaram significativamente com nenhuma tendência de ação. Em ambos os sexos as reações de desilusão aumentam a tendência para falar no assunto. À semelhança do que sucedeu no sexo feminino, as reações de satisfação estão associadas, no sexo masculino, à menor probabilidade de falar no assunto, mas agora no cenário ISO em vez do cenário ISC.

4.3.4. Correlações entre concepções e estilo de vinculação

Constata-se, no Quadro 15, que nos três cenários, as mulheres que atribuem a infidelidade do parceiro a características universais do género, tendem a apresentar, de forma significativa, um estilo de vinculação preocupado. As atribuições a traços ou motivações internas do agente ativo relacionam-se também com este estilo de vinculação, à exceção de no cenário IE. Também associadas ao estilo de vinculação preocupado estão, nos cenários ISO e IE, as atribuições a características da relação primária e, nos cenários IE e ISC, a características da terceira pessoa. Associadas ao estilo de vinculação evitante, encontram-se apenas, cenários ISO e ISC, as atribuições a características universais da natureza humana, o que confirma, embora parcialmente por se ter verificado em apenas dois cenários, a hipótese colocada neste sentido. A estas atribuições estão associadas, no último cenário, as atribuições a características

universais do gênero, observando-se uma dupla correlação desta atribuição, na medida em que se relaciona significativamente com ambos os estilos de vinculação.

Quadro 15

Correlações entre concepções e estilo de vinculação no sexo feminino

Cen.	Fatores	Preocupação	Evitamento
ISO	Gênero/ Agente ativo	.32**	.01
ISO	Relação primária	.25**	-.05
ISO	Natureza humana	-.04	.29**
ISO	Características 3ª pessoa	.12	.10
IE	Gênero	.27**	.10
IE	Relação primária	.22*	-.06
IE	Agente ativo	.12	.07
IE	Características 3ª pessoa	.21*	-.03
IE	Natureza humana	.09	.13
ISC	Agente ativo	.26**	.04
ISC	Relação primária	.12	-.02
ISC	Gênero / Natureza humana	.19*	.26**
ISC	Características 3ª pessoa	.27**	.01

Nota. * - $p < .05$, ** - $p < .01$

No sexo masculino observa-se, no Quadro 16, que nos cenários ISO e ISC, as atribuições a características universais do gênero, à qual estão agregadas as atribuições a traços ou motivações internas do agente ativo no último cenário, estão associadas positiva e significativamente ao estilo de vinculação preocupado, enquanto no cenário IE encontram-se relacionadas com o estilo de vinculação evitante. A hipótese (11a) referente à relação entre atribuições a traços ou motivações internas do agente ativo e o estilo de vinculação preocupado, é apoiada apenas no cenário ISC. A hipótese (11b) alusiva à relação entre o estilo de vinculação preocupado e a atribuição da infidelidade a características da relação primária não se confirmou em nenhum cenário. Os estilos de vinculação evitante demonstram, nos três cenários, correlações positivas e significativas

com a atribuição a características universais da natureza humana, o que confirma a nona hipótese.

Quadro 16

Correlações entre concepções e estilo de vinculação no sexo masculino

Cen.	Fatores	Preocupação	Evitamento
ISO	Relação primária	.10	.07
ISO	Agente ativo	.05	-.02
ISO	Género	.21**	.13
ISO	Características 3ª pessoa	.22**	.07
ISO	Natureza humana	.09	.29**
IE	Género/ Agente ativo	.15	.17*
IE	Relação primária	.15	.06
IE	Natureza humana	.09	.21**
IE	Características 3ª pessoa	.16*	.07
ISC	Género /Agente ativo	.18*	.10
ISC	Relação primária	.10	.03
ISC	Natureza humana	.13	.21**
ISC	Características 3ª pessoa	.13	.01

Nota. * - $p < .05$, ** - $p < .01$

Deste modo, conclui-se que as atribuições a características universais da natureza humana se encontram mais associadas ao estilo de vinculação evitante, sobretudo nos homens. Em contrapartida, as atribuições a características da relação primária associam-se ao estilo de vinculação preocupado, apenas nas mulheres. A este último estilo de vinculação estão também associadas, em ambos os sexos, atribuições a características da terceira pessoa, embora em cenários distintos. As atribuições a traços ou motivações internas do agente ativo e a características universais do género relacionam-se, igualmente, com o estilo de vinculação preocupado, predominantemente nas mulheres.

4.3.5. Correlações entre emoções e estilo de vinculação

Quadro 17

Correlações entre emoções e estilo de vinculação no sexo feminino

	Preocupação			Evitamento		
	ISO	IE	ISC	ISO	IE	ISC
Desval.	.40**	.48**	.45**	-.07	-.09	-.11
Desil.	.27**	.30**	.27**	-.20*	-.20*	-.13
Hostil.	.26**	.22**	.26**	.04	.04	.07
Satisf.	.06	-.10	.03	.19*	.15	.07

Nota. * - $p < .05$, ** - $p < .01$

A análise do Quadro 17 permite concluir que as mulheres com estilo de vinculação preocupado apresentam, nos três cenários, mais reações de desvalorização, desilusão e hostilidade, o que suporta a hipótese colocada neste sentido. As reações de satisfação não apresentam correlações significativas com esta dimensão. No que diz respeito ao estilo de vinculação evitante, observa-se que apenas as reações de desilusão se encontram, nos cenários ISO e IE, negativa e significativamente relacionadas esta dimensão, o que confirma a décima hipótese. Também a suportar esta hipótese, embora apenas no cenário ISO, está a correlação positiva e significativa entre as reações de satisfação e o estilo de vinculação evitante.

Quadro 18

Correlações entre emoções e estilo de vinculação no sexo masculino

	Preocupação			Evitamento		
	ISO	IE	ISC	ISO	IE	ISC
Desval.	.39**	.35**	.39**	.00	.04	-.01
Desil.	.29**	.33**	.27**	-.25**	-.11	-.22**
Hostil.	.39**	.36**	.41**	.03	.14	.04
Satisf.	.03	-.06	-.16*	.21**	.21**	.15

Nota. * - $p < .05$, ** - $p < .01$

Mediante a análise do Quadro 18, verifica-se que, à semelhança das mulheres, os homens com estilo de vinculação preocupado apresentam, nos três cenários, mais reações de desvalorização, desilusão e hostilidade, evidenciando ainda, apenas no cenário ISC, de forma significativa, menores reações de satisfação. Com isto, constata-se a confirmação da hipótese relativa à relação entre reações de desvalorização e desilusão e este estilo de vinculação. Também à semelhança das mulheres, os homens evitantes apresentam, significativamente, menores reações de desilusão nos cenários ISO e ISC, e mais reações de satisfação, nos cenários ISO e IE, o que confirma, embora apenas em alguns cenários, a hipótese referente à relação entre este estilo de vinculação e a tendência para menos reações de desilusão e mais reações de satisfação.

Resumidamente, estes resultados demonstram que, ambos os sexos com estilo de vinculação preocupado, reagem semelhantemente no que concerne a reações de desvalorização, desilusão e hostilidade, embora as mulheres tendam a manifestar resultados superiores nas reações de desvalorização, enquanto os homens apresentam resultados superiores nas reações de hostilidade. A satisfação está negativa e significativamente associada a este estilo de vinculação nos homens. Quanto ao estilo de vinculação evitante, este é igualmente bastante semelhante entre sexos, na medida em que ambos apresentam significativamente menos reações de desilusão, embora em cenários diferentes. As reações de satisfação associam-se positivamente a esta dimensão, sobretudo nos homens.

4.3.6. Correlações entre ações e estilo de vinculação

Quadro 19

Correlações entre ações e o estilo de vinculação no sexo feminino

	Preocupação			Evitamento		
	ISO	IE	ISC	ISO	IE	ISC
Perdoar	.03	.09	-.07	.05	-.12	.10
Terminar	-.00	-.10	.06	-.10	.05	.01
Falar no assunto	-.01	-.04	-.02	-.31**	-.31**	-.23**

Nota. * - $p < .05$, ** - $p < .01$

Constata-se que, nas mulheres, o estilo de vinculação preocupado não se relaciona significativamente com nenhuma tendência de ação. Relativamente ao estilo de vinculação evitante, observa-se que este encontra-se relacionado, nos três cenários, apenas com a tendência negativa e significativa para falar no assunto.

Quadro 20

Correlações entre ações e estilo de vinculação no sexo masculino

	Preocupação			Evitamento		
	ISO	IE	ISC	ISO	IE	ISC
Perdoar	.11	-.09	.03	.02	.03	.08
Terminar	-.03	.03	.00	-.13	.07	-.03
Falar no assunto	.00	.07	.08	-.23**	-.17*	-.13

Nota. * - $p < .05$, ** - $p < .01$

À semelhança das mulheres, verifica-se que, nos homens, o estilo de vinculação preocupado não se relaciona de forma significativa com nenhuma tendência de ação. No que concerne ao estilo de vinculação evitante, constata-se, apenas nos cenários ISO e IE, uma relação negativa e significativa com a probabilidade de falar no assunto.

Neste sentido, conclui-se que o estilo de vinculação preocupado não se relaciona, em nenhum género, com as tendências de ação. No que diz respeito ao estilo de vinculação evitante, verifica-se apenas a relação negativa e significativamente com a tendência para falar no assunto, predominantemente nas mulheres.

4.3.7. Correlações entre concepções e classe socioeconómica, religiosidade e posicionamento político

Quadro 21

Correlações entre concepções e classe socioeconómica, religiosidade e posicionamento político no sexo feminino

Cen.	Fatores	Classe socioeconómica	Religiosidade	Posição política
ISO	Género/ Agente ativo	-.10	.26**	.01
ISO	Relação primária	.04	-.01	-.01
ISO	Natureza humana	-.04	-.03	.04
ISO	Características 3ª pessoa	-.15	-.03	-.02
IE	Género	-.04	.13	.01
IE	Relação primária	-.02	.08	-.04
IE	Agente ativo	-.19*	.20*	.01
IE	Características 3ª pessoa	-.01	-.15	-.08
IE	Natureza humana	.02	-.19*	-.05
ISC	Agente ativo	-.04	.12	-.09
ISC	Relação primária	-.06	-.06	-.05
ISC	Género / Natureza humana	-.14	.12	.04
ISC	Características 3ª pessoa	-.12	.02	.07

Nota. * - $p < .05$, ** - $p < .01$

A análise do Quadro 21 revela que, no que concerne à classe socioeconómica, apenas se verificaram resultados significativos no cenário IE, constatando-se que as mulheres com classe socioeconómica baixa tendem a atribuir mais a infidelidade a traços ou motivações internas do agente ativo. Quanto à religiosidade, observou-se que as mulheres com mais religiosidade atribuem, no cenário ISO, a infidelidade a características universais do género e a traços ou motivações internas do agente ativo, estando esta última atribuição, igualmente, relacionada com maior religiosidade no cenário IE. Também neste cenário notou-se que, quanto maior for o nível de religiosidade, menor será a probabilidade de atribuir a infidelidade a características

universais da natureza humana. O posicionamento político não se relaciona de forma significativa com as atribuições, o que tende a rejeitar tanto a hipótese acerca da relação entre o posicionamento político mais à direita e as atribuições a traços ou motivações internas do agente ativo, como a hipótese relativa à relação entre o posicionamento político mais à esquerda e as atribuições a características universais da natureza humana.

Quadro 22

Correlações entre concepções e classe socioeconómica, religiosidade e posicionamento político no sexo masculino

Cen.	Fatores	Classe socioeconómica	Religiosidade	Posição política
ISO	Relação primária	.02	.21**	.04
ISO	Agente ativo	-.11	.12	.24**
ISO	Género	.08	.20**	.12
ISO	Características 3ª pessoa	.06	-.05	-.01
ISO	Natureza humana	-.03	.03	.19*
IE	Género / Agente ativo	.02	.24**	.13
IE	Relação primária	-.15	.20**	.02
IE	Natureza humana	.06	-.01	.07
IE	Características 3ª pessoa	.04	-.00	.08
ISC	Género /Agente ativo	-.01	.09	.20*
ISC	Relação primária	-.01	.03	.14
ISC	Natureza humana	.07	.01	.05
ISC	Características 3ª pessoa	.02	-.01	-.03

Nota. * - $p < .05$, ** - $p < .01$

Como evidenciado no Quadro 22, nos homens a classe socioeconómica não se relaciona de forma significativa com as atribuições à infidelidade. No que concerne à religiosidade, verifica-se que os homens mais religiosos tendem a atribuir, nos cenários ISO e IE, a infidelidade a características da relação primária e a características

universais do género, sendo que no cenário IE, esta última atribuição surge agregada as atribuições a traços ou motivações internas do agente ativo, o poderá indicar que a maior religiosidade propicia, igualmente, atribuições desta natureza. Os homens com um posicionamento político mais à direita tendem a atribuir, no cenário ISO, a infidelidade traços ou motivações internas do agente ativo e a características universais da natureza humana. No cenário ISC, este posicionamento político encontra-se associado à atribuição a características universais do género e a traços ou motivações internas do agente ativo. Com isto, conclui-se que a hipótese referente à relação entre o posicionamento político mais à direita e as atribuições a traços ou motivações internas do agente ativo é confirmada apenas nos cenários ISO e ISC. À semelhança das mulheres, a hipótese relativa à relação entre o posicionamento político mais à esquerda e as atribuições a características universais da natureza humana não foi confirmada.

Os resultados revelam que as atribuições a traços ou motivações internas do agente ativo se encontram associadas a uma classe socioeconómica mais baixa apenas no cenário IE do sexo feminino, sendo que no sexo oposto não se verificam resultados significativos. Também a maior religiosidade está relacionada com a atribuição da infidelidade a traços ou motivações internas do agente ativo, sobretudo nas mulheres. Em contrapartida, nos homens, a maior religiosidade encontra-se relacionada com a maior atribuição a características da relação primária e a características universais do género. O posicionamento político à direita encontra-se relacionado com as atribuições a traços ou motivações internas do agente ativo, apenas no sexo masculino.

4.3.8. Correlações entre emoções e classe socioeconómica, religiosidade e posicionamento político

No que concerne às mulheres, observa-se, no Quadro 23, que o posicionamento político, não se relaciona significativamente, em nenhum cenário, com as reações emocionais, o que contradiz tanto a hipótese alusiva à relação entre o posicionamento político mais à direita e as reações de desilusão, como a hipótese referente à relação entre o posicionamento político mais à esquerda e as menores reações de desilusão e hostilidade. Quanto mais elevada for a classe socioeconómica e o nível de religiosidade, no cenário ISC, maior a tendência para reações de desvalorização.

Quadro 23

Correlações entre emoções e classe socioeconómica, religiosidade e posicionamento político no sexo feminino

	Classe socioeconómica			Religiosidade			Posição política		
	ISO	IE	ISC	ISO	IE	ISC	ISO	IE	ISC
Desval.	.14	.15	.17*	.15	.11	.17*	-.00	.01	-.06
Desil.	.02	-.02	.07	.14	.15	.05	-.07	.01	-.15
Hostil.	.10	.00	.01	.00	.08	-.03	-.08	.10	-.15
Satisf.	-.01	.01	-.05	.07	.10	.02	.03	-.00	.06

Nota. * - $p < .05$, ** - $p < .01$

Quadro 24

Correlações entre emoções e classe socioeconómica, religiosidade e posicionamento político no sexo masculino

	Classe socioeconómica			Religiosidade			Posição política		
	ISO	IE	ISC	ISO	IE	ISC	ISO	IE	ISC
Desval.	.11	.12	.12	.10	-.03	.07	.05	.08	-.07
Desil.	.04	.08	.03	.01	-.01	.02	-.03	-.04	-.05
Hostil.	.04	.06	.07	.01	-.03	-.02	.05	.04	.04
Satisf.	.02	.07	-.03	.18*	.22**	.20*	.09	.05	.05

Nota. * - $p < .05$, ** - $p < .01$

No que concerne ao sexo masculino, verifica-se que a classe socioeconómica e o posicionamento político não se relacionam significativamente com as reações emocionais, o que, à semelhança das mulheres, contradiz ambas as hipóteses colocadas (hipótese alusiva à relação entre o posicionamento político mais à direita e as reações de desilusão, e a hipótese referente à relação entre o posicionamento político mais à esquerda e as menores reações de desilusão e hostilidade). Constata-se apenas, nos três cenários, que quanto maior o nível de religiosidade, maior a probabilidade de os homens

reagirem com satisfação à infidelidade, o que contraria a hipótese referente à relação entre a maior religiosidade e as reações de desilusão.

Com isto, observa-se que, em ambos os sexos, o posicionamento político não se relaciona significativamente com as reações emocionais. Tanto a classe socioeconómica mais elevada como a religiosidade, se relacionam, apenas nas mulheres, com as reações de desvalorização, embora somente no cenário ISC. Contrariamente, os homens com maior religiosidade evidenciam mais reações de satisfação em todos os cenários.

4.3.9. Correlações entre ações e classe socioeconómica, religiosidade e posicionamento político

Quadro 25

Correlações entre ações e classe socioeconómica, religiosidade e posicionamento político no sexo feminino

	Classe socioeconómica			Religiosidade			Posição política		
	ISO	IE	ISC	ISO	IE	ISC	ISO	IE	ISC
Perdoar	-.11	.09	-.12	.01	.02	.05	.09	.08	.25**
Terminar	.18*	.09	.14	-.04	.03	-.02	-.13	-.04	-.20*
Falar no assunto	.06	.16	-.04	-.02	-.09	-.06	-.11	-.03	-.13

Nota. * - $p < .05$, ** - $p < .01$

No que concerne às mulheres, observa-se que a classe socioeconómica elevada motiva, apenas no cenário ISO, o término a relação. A religiosidade não se relaciona significativamente com nenhuma tendência de ação, não suportando assim a hipótese acerca da relação entre um posicionamento mais religioso e a maior propensão para falar no assunto e perdoar a infidelidade, e menor propensão para terminar a relação. No âmbito do posicionamento político, observa-se que, apenas no cenário ISC, as mulheres com uma posição política mais à direita apresentam mais probabilidades de perdoar a infidelidade e menos probabilidades de terminar a relação. Esta tendência contraria a hipótese referente à relação entre o posicionamento político mais direita e a maior probabilidade para terminar a relação e menor probabilidade de perdoar a infidelidade ou falar no assunto.

Quadro 26

Correlações entre ações e classe socioeconómica, religiosidade e posicionamento político no sexo masculino

	Classe socioeconómica			Religiosidade			Posição política		
	ISO	IE	ISC	ISO	IE	ISC	ISO	IE	ISC
Perdoar	.01	.05	.11	-.02	.04	.15	-.18*	-.04	-.20*
Terminar	-.03	.04	.00	-.04	-.07	-.11	.12	.05	.19*
Falar no assunto	-.09	-.09	-.04	-.06	-.02	-.10	.02	.04	.07

Nota. * - $p < .05$, ** - $p < .01$

É possível observar que, nos homens, a classe socioeconómica e a religiosidade não se encontram significativamente associadas, em nenhum cenário, a nenhuma tendência de ação. Assim, conclui-se que a hipótese acerca da relação entre um posicionamento mais religioso e a maior propensão para falar no assunto e perdoar a infidelidade, e menor propensão para terminar a relação, não foi suportada. No que concerne ao posicionamento político, constata-se, no cenário ISO, que os homens com uma posição política mais à direita apresentaram menos probabilidades de perdoar a infidelidade. No cenário ISC observa-se que o posicionamento político mais à direita diminui a probabilidade de perdoar e aumenta a probabilidade de terminar a relação. Os resultados relativos ao posicionamento político à direita, confirmam a hipótese referente à relação a esta posição política e a menor tendência para perdoar a infidelidade e falar no assunto e a maior tendência para terminar a relação.

Assim, verifica-se que, apenas no sexo feminino, a classe socioeconómica mais elevada motiva, no cenário ISO, a tendência para terminar a relação. A religiosidade não se relaciona, em ambos os sexos, com nenhuma tendência de ação. Quanto ao posicionamento político observa-se que, enquanto nas mulheres um posicionamento político mais à direita aumenta, no cenário ISC, a tendência para a perdoar a infidelidade e reduz a tendência para terminar a relação, nos homens o mesmo posicionamento político reduz, nos cenários ISO e ISC, a probabilidade de perdoar a infidelidade e aumenta, no cenário ISC, a probabilidade de terminar a relação.

Capítulo 5 – Discussão

Os objetivos desta investigação passavam (a) por compreender o papel das concepções quanto às causas da infidelidade nas reações à mesma e, (b) averiguar qual o papel desempenhado pelo género, o estilo de vinculação, a classe socioeconómica, o posicionamento político e a religiosidade na determinação das concepções e das reações à infidelidade. Estes objetivos foram cumpridos e permitiram testar as hipóteses desta investigação.

Antes de proceder à discussão dos resultados, considera-se pertinente relembrar sucintamente os fatores que resultaram da análise em componentes principais, seguida de uma rotação Varimax, no Questionário de Concepções Pessoais acerca da Infidelidade. Foram obtidos cinco fatores, referentes às atribuições a traços ou motivações internas do agente ativo, a características da relação primária, a características universais de género, a características universais da natureza humana e a características da terceira pessoa. Em alguns cenários observou-se a existência de cinco fatores e quatro outros, sendo que nos casos em que verificavam quatro fatores, constatou-se a agregação de dois fatores que emergiam separados nos cenários em que se identificaram cinco fatores.

Relativamente ao Questionário de Reações à Infidelidade do Parceiro, surgiram, também como resultado de uma análise idêntica à utilizada no questionário anterior, quatro fatores (desvalorização, desilusão, hostilidade e satisfação) distribuídos de igual forma em ambos os géneros. A emergência destes fatores motivou-nos a considerar a possível conjugação entre estes e a teoria cognitiva-experiencial que aponta para a tendência das pessoas para desenvolverem teorias implícitas sobre a realidade, que assumem um papel organizador da informação e orientador do comportamento (Epstein, 1990). Segundo este autor, a teoria pessoal que os seres humanos desenvolvem sobre a realidade é composta por quatro postulados. Destes, o primeiro postulado, correspondente ao grau em que o mundo é visto pelo indivíduo como malévolo ou benigno, pode relacionar-se com as reações de satisfação. O segundo postulado, referente ao grau em que o mundo é considerado como inteligível e dotado de significado, poderá relacionar-se com as reações de desilusão, no sentido em que estas podem facilmente surgir quando o indivíduo é confrontado com a possibilidade de o mundo não ser tão previsível, controlável e justo como pressunha. O terceiro postulado, relativo ao grau em que os outros são vistos de forma positiva vs. negativa,

encontrar-se-á relacionado com as reações de hostilidade pelo facto de as pessoas atribuírem as ações e atitudes do outro às suas características negativas. Por fim, o quarto postulado, referente ao modo como o *self* é visto, poderá relacionar-se com as reações de desvalorização. Assim, esta teoria pode ajudar-nos a compreender a razão para a emergência dos quatro fatores das reações emocionais e a sua relação com a teoria pessoal que o elemento traído formula acerca da infidelidade, reflexo das suas teorias mais gerais acerca de si próprio, dos outros e do mundo.

De seguida, procedeu-se a uma análise das relações entre os fatores emergentes em ambos os questionários anteriores, das conceções e reações, relacionando-os também com outras variáveis como o estilo de vinculação, a religiosidade, a classe socioeconómica e o posicionamento político. Torna-se relevante chamar a atenção para o facto de os resultados por vezes variarem em função do tipo de cenário, pelo que se procederá a comentários gerais, com vista a evitar uma abordagem confusa e exaustiva.

No âmbito das reações, quer emocionais quer comportamentais, motivadas pela infidelidade, as primeiras parecem, em certa medida, determinar a ocorrência das segundas, tendo-se constatado que as reações emocionais mais negativas, nomeadamente a desvalorização, hostilidade e desilusão reduzem, nos três cenários do sexo feminino, a probabilidade de perdoar a infidelidade e aumentam a probabilidade para terminar a relação. A relação entre as reações de hostilidade e a menor tendência para perdoar a infidelidade e maior tendência para terminar a relação suporta a hipótese colocada nesse sentido. A última reação (desilusão) encontra-se também associada à tendência para falar no assunto, o que suporta a hipótese referente a essa relação. Este efeito pode ocorrer, segundo Buunk (1995), devido à imprevisibilidade do comportamento infiel, e à possível violação de expectativas previamente construídas pelo elemento traído, podendo assim esta reação comportamental constituir uma necessidade do parceiro traído em procurar, junto do parceiro infiel, justificações para a ocorrência da infidelidade.

No sexo masculino a tendência é semelhante, constatando-se apenas uma redução nos valores das reações de hostilidade e no facto de as reações de desvalorização terem-se tornado não significativas. O facto de se ter observado uma diferença, entre géneros, no que concerne às reações de desvalorização, pode dever-se ao facto de enquanto as mulheres exibem mais pensamentos de não serem suficientemente boas parceiras, tendendo assim a duvidar mais de si próprias e desencadeando sentimentos de desvalorização, os homens tendem a adotar estratégias que visam manter a sua

autoestima (e.g. confrontar o rival), não tendendo por isso a atribuir o abandono da parceira ao seu insucesso enquanto parceiros, reagindo com menores sentimentos de desvalorização (Buunk, 1982; White, 1981; DeSteno e Salovey, 1996). No entanto, e à semelhança do sexo feminino, tanto a desilusão como a hostilidade aumentam, nos três cenários, a propensão para terminar a relação, evidenciando assim a tendência dos homens para valorizarem igualmente a infidelidade emocional, manifestando dificuldades em a perdoar.

Desta forma, os resultados obtidos em ambos os géneros parecem contrariar os estudos que têm demonstrado evidências a favor do modelo evolutivo (Buss et al., 1996; Buss et al., 1992; Buunk et al., 1996) que aponta para uma maior importância atribuída pelos homens à infidelidade sexual e pelas mulheres à infidelidade emocional. Em contrapartida, os resultados parecem suportar os estudos de DeSteno et al., (2002) e Landolfi et al., (2007) que apontam para a semelhança nas reações dos homens e das mulheres relativamente à infidelidade emocional. Os resultados sugerem ainda que as reações semelhantes entre géneros são também evidenciadas face a uma infidelidade de natureza sexual.

Surpreendentemente, constatou-se a existência de reações de satisfação face à infidelidade, embora esta reação tenha evidenciado uma média de resultados muito próxima do mínimo da escala, o que significa que estas reações foram assinaladas por um número de participantes muito reduzido. Estes resultados parecem estar de acordo com o estudo de Widmer, Treas e Newcomb, (1998) que aponta que as pessoas tendem a reagir negativamente à infidelidade, por a considerarem imoral e socialmente repreensível. No sexo feminino, as reações de satisfação aumentam a tendência para perdoar a infidelidade e reduzem a probabilidade de terminar a relação e falar no assunto, enquanto no sexo masculino reduzem apenas a probabilidade de falar no assunto. Este efeito (entre reações de satisfação e menor probabilidade de não falar no assunto), verificada em ambos os sexos, pode significar que os elementos traídos, por se sentirem satisfeitos com a infidelidade, tendem a não procurar alterar a situação e portanto a considerar desnecessária a abordagem da sua ocorrência.

Mediante estes resultados, coloca-se agora a questão sobre a influência das concepções relativas às causas da infidelidade na determinação destas reações. Assim, constatou-se que a emergência de reações de hostilidade se encontra, sobretudo nas mulheres, associada ao facto o parceiro traído atribuir a infidelidade a traços ou motivações internas do agente ativo, o que confirma a primeira hipótese. Estes

resultados são congruentes com o estudo de Kuppens et al. (2003) que aponta para uma associação positiva entre a reação de hostilidade e a atribuição de responsabilidade a outro, sendo esta atribuição considerada uma componente motivadora específica da hostilidade. Além disto, esta atribuição tende, igualmente, a motivar outras reações negativas como desvalorização e desilusão. O estudo de Tahiro e Frazier (2003) que alude à relação entre a atribuição ao outro e as emoções negativas, parece também ser suportado por estes resultados. A associação entre a primeira atribuição (a traços ou motivações internas do agente ativo) e as reações de desilusão pode ocorrer devido à percepção de que os traços ou motivações internas do parceiro infiel são dificilmente mutáveis e incontroláveis (Tahiro e Frazier, 2003), podendo isto ser igualmente considerado face à atribuição a características universais do género. A esta atribuição estão também associadas reações de hostilidade, o que pode ser explicado com recurso ao estudo de Halevy et al. (2011) que aponta para a existência de reações de natureza face a um *outgroup* aquando de situações de conflitos, o que confirma a hipótese elaborada neste sentido. Para ambas as atribuições, verificou-se que as reações de hostilidade apresentam, geralmente, valores mais elevados comparativamente às restantes, o que pode também ser motivado pelo facto de a responsabilidade ser atribuída ao parceiro ou a um grupo. Estas atribuições (a traços ou motivações internas do agente ativo e a características universais do género) reduzem a probabilidade de perdoar a infidelidade e aumentam a probabilidade para terminar a relação, o que poderá ocorrer devido ao facto de as reações de hostilidade (motivadas por estas atribuições) dificultarem a flexibilidade do parceiro traído para perdoar.

Apenas nos homens se constata a presença de reações de satisfação, predominantemente associadas a atribuições a características universais do género, o que pode significar que os homens se sentem mais satisfeitos ao perceberem que a infidelidade não é praticada apenas pelos membros do seu género a quem, segundo os estudos de Allen e Baucom (2004) e Atkins et al. (2001), esta tende a ser predominantemente atribuída. Assim, os homens concebem que o sexo oposto evidencia também essa tendência e estabelecem assim a possibilidade de igualdade entre géneros no que respeita à prática da infidelidade.

À atribuição a características da relação primária encontram-se associadas, predominantemente nas mulheres, reações de desvalorização, estando por isso em concordância com a hipótese colocada neste sentido. Além disto, verifica-se, apenas no sexo feminino, que estas atribuições se associam também a reações de desilusão e

hostilidade. Estes resultados podem, possivelmente, ser motivados pelo facto de esta atribuição englobar atribuições de responsabilidade ao parceiro traído, na medida em que este pode ser considerado responsável por não ter cuidado o suficiente da relação. A tendência para este efeito ser predominante no sexo feminino pode ser ainda explicada pela tendência de, geralmente, as mulheres serem consideradas as principais responsáveis pela manutenção da relação, o que pode originar sentimentos de maior responsabilidade para com a mesma. Estas reações podem assim estar associadas ao facto de as mulheres sentirem o peso da responsabilidade em zelar pela relação, pelo que, se considerarem que a infidelidade foi motivada por insatisfação na relação primária, a mulher sentir-se-á desvalorizada por sentir que as suas capacidades enquanto companheira não foram suficientes. Isto, por sua vez, poderá motivar sentimentos de desilusão por considerar que a sua função enquanto cuidadora da relação falhou. A relação entre esta atribuição (a características da relação primária) e as reações de hostilidade pode ser entendida como uma reação à desvalorização sentida da parte do parceiro. Apenas no sexo masculino se constata reações de satisfação associadas a esta atribuição, o que poderá refletir a preferência por uma relação de menor envolvimento, pelo que o elemento traído sentir-se-á confortável no caso de a parceira procurar maior proximidade com outra pessoa.

Esta atribuição (a características da relação primária) exhibe, apenas no sexo feminino, uma redução da tendência para perdoar a infidelidade e a aumento da tendência para terminar a relação, o que pode estar associado ao facto de esta atribuição desencadear reações de hostilidade que facilmente aumentam a propensão para terminar a relação, como constatado previamente. Esta tendência (redução da probabilidade para perdoar a infidelidade e a aumento da probabilidade para terminar a relação) poderá ser motivada por sentimentos de autodesqualificação quanto à sua capacidade (do parceiro traído) para fomentar uma maior satisfação no contexto relacional, o que pode motivar a sensação de que o esforço para o melhorar não valerá a pena, pelo que o término da relação pode, possivelmente, ser considerado a melhor opção. A tendência para este efeito ser predominantemente visível nos cenários de infidelidade sexual, pode sugerir uma vez mais que, ao contrário do que é apontado nos estudos de Buss, et al. (1996), Buss, et al. (1992) e Buunk, et al. (1996), que as mulheres tendem também a sentir-se perturbadas perante a infidelidade sexual.

No que concerne às atribuições a características da terceira pessoa, estas tendem a motivar, predominantemente no sexo masculino, reações de desilusão, desvalorização e

hostilidade, sendo que as duas últimas reações vão no sentido da quinta e sexta hipóteses relativas à relação entre esta atribuição e as reações de hostilidade, e de desvalorização respetivamente. A explicação para este efeito poderá residir, possivelmente, na tendência de o parceiro traído estabelecer comparações entre si e a terceira pessoa, podendo isto despertar sentimentos de inferioridade, de auto desqualificação e inutilidade ao perceber o outro com tendo melhores qualidades. Assim, ao perceber a terceira pessoa de forma mais positiva e a si mesmo de forma mais negativa, poderá colocar em causa as suas qualidades enquanto parceiro e pode transmitir a sensação de maior vulnerabilidade nas relações (de ser facilmente abandonado pelos parceiros), tendendo por isso a sentirem-se com mais raiva devido ao receio em transmitir esta vulnerabilidade a outros potenciais rivais (Buss, 2002).

Estas atribuições (a características da terceira pessoa) tendem a aumentar, sobretudo nas mulheres, a probabilidade de perdoar a infidelidade e reduzem a probabilidade de terminar a relação. Este efeito pode significar que, para as mulheres, esta atribuição desresponsabiliza o parceiro da ocorrência da infidelidade, tornando assim mais provável o perdão e menos provável o término da relação.

Relativamente às atribuições a características universais da natureza humana, estas diminuem, sobretudo no cenário ISO do sexo feminino, as reações negativas (desvalorização e desilusão), confirmando parcialmente a segunda hipótese, uma vez que não se evidenciaram resultados significativos quanto às reações de hostilidade (presentes na mesma hipótese). Este resultado parece ir no sentido do estudo de Tashiro e Berscheid (2001, cit. por Tashiro e Frazier, 2003) e Buunk (1984) que apontam que as atribuições deste tipo encontram-se associadas a um grau de sofrimento reduzido. A explicação para este efeito pode estar no facto de a responsabilidade não ser diretamente atribuída a traços ou motivações internas do parceiro ou a características de universais do género, mas antes a tendências naturais e universais da natureza humana, sendo estas percebidas como inevitáveis e incontroláveis. O facto de a redução de tais reações ocorrer apenas numa situação de infidelidade sexual ocasional pode, possivelmente, ser explicada pela ideia de que situação ocasional é mais justificável e aceitável como sendo um erro casual da natureza humana, ao passo que nos restantes cenários, que remetem para o envolvimento emocional e para o envolvimento sexual prolongado, podem requerer justificações mais complexas, na medida em que tendem a implicar uma ação mais deliberada do agente ativo, uma vez que são mais prolongadas no tempo.

Estas atribuições (a características universais da natureza humana), aumentam, sobretudo nas mulheres, a tendência para perdoar a infidelidade e reduzem a propensão para terminar a relação. Este fenómeno poderá ser explicado com recurso à justificação previamente fornecida para a relação entre esta atribuição e a redução das reações negativas, nomeadamente devido à inexistência de uma atribuição direta de responsabilidade ao parceiro, nem a um *outgroup* específico, podendo assim haver uma desculpabilização do comportamento do parceiro, uma vez que foi atribuído a forças naturais. Assim, o comportamento é percecionado como inevitável e incontrolável, o que poderá facilitar a tendência para perdoar.

Os resultados acima discutidos parecem confirmar a noção de que a decisão de terminar ou não a relação após a ocorrência de uma infidelidade depende, em grande parte, da natureza da mesma (Hall e Fincham, 2013; Shackelford et al., 2002) e das atribuições a ela fornecidas, na medida em que, tal como supramencionado, uma infidelidade percecionada como motivada por traços ou motivações internas do agente ativo suscitará mais reações emocionais negativas (desvalorização, desilusão e hostilidade) e aumentará as probabilidades de resultar no término na relação, ao passo que uma infidelidade percecionada como resultante de aspetos que desresponsabilizam o parceiro (por exemplo, características universais da natureza humana) tenderá a reduzir tanto as reações emocionais negativas como a probabilidade de terminar a relação, aumentando a probabilidade de perdoar. Desta forma, uma vez compreendida a importância das conceções quanto às causas da infidelidade na determinação das reações à mesma, discutir-se-á o papel do estilo de vinculação, da classe socioeconómica, do posicionamento político e da religiosidade na determinação dessas conceções e reações.

Neste sentido, constatou-se, tal como hipotetizado, embora predominantemente no sexo masculino, que os indivíduos com um estilo de vinculação evitante atribuem a infidelidade a características universais da natureza humana, podendo este efeito dever-se ao facto de estes indivíduos apresentarem uma visão mais negativa e pessimista acerca da espécie humana (Collins e Read, 1990). Ambos os géneros com este estilo de vinculação tendem a reagir à infidelidade com menos desilusão e mais satisfação, o que suporta a hipótese colocada neste sentido. Esta tendência pode significar que estes indivíduos ao preferirem o evitamento da intimidade e preservarem a sua autonomia, sentem menor desilusão e maior satisfação ao perceberem que o parceiro se encontra mais distante, física e emocionalmente. Esta preferência pelo distanciamento parece

suportar o facto de os indivíduos com este estilo de vinculação, em ambos os sexos, apresentarem uma menor probabilidade para falar no assunto, o que pode refletir a capacidade para tornarem-se mais hábeis em minimizar o seu envolvimento psicológico e emocional em situações de conflito (Main et al., 1985) devido ao desconforto sentido face à relação de proximidade e de intimidade que as relações com as figuras significativas podem implicar (Fonseca, Soares e Martins, 2006).

Comparativamente, como hipotetizado, os indivíduos com um estilo de vinculação preocupado, sobretudo as mulheres, tendem a atribuir a infidelidade a traços ou motivações internas do parceiro, o que pode refletir a tendência para esperarem comportamentos menos positivos dos outros em relação a si, uma vez que os percecionam como pouco seguros e confiáveis (Bogaert e Sadava, 2002; Hazan e Shaver, 1994). Apenas as mulheres com este estilo de vinculação atribuem também a infidelidade a características da relação primária. Este efeito pode significar que estas tendem a percecionar-se a si próprias (uma vez que esta atribuição engloba também o papel do elemento traído enquanto responsável pela infidelidade) e ao contexto relacional de forma menos positiva (Simpson et al., 1996), podendo assim pôr em causa tanto a relação como as suas competências enquanto parceiras. Esta tendência apoia, embora parcialmente pelo facto de ser observada apenas no sexo feminino, a hipótese relativa à relação entre este estilo de vinculação e a atribuição a características da relação primária.

Os indivíduos de ambos os sexos com este estilo de vinculação manifestam, face aos três tipos de infidelidade, mais reações de desvalorização, desilusão e hostilidade. A relação entre este estilo de vinculação e as duas primeiras reações confirma a hipótese colocada nesse sentido. A explicação para este efeito poderá residir no facto de os indivíduos com este estilo de vinculação criarem mais ilusões positivas acerca da relação. Assim, estes tendem a manifestar maior perturbação emocional durante os conflitos relacionais, tendendo a exhibir ansiedade, raiva e hostilidade face aos parceiros (Simpson et al., 1996). Curiosamente, observou-se ainda que as reações de desvalorização nas mulheres são mais elevadas, enquanto as reações de hostilidade são mais elevadas nos homens, o que parece suportar o estudo de Shettel-Neuber, Bryson e Young (1978, cit. por Nannini e Meyers, 2000) que aponta para mais reações de hostilidade nos homens e mais angústia e mágoa nas mulheres.

No que concerne à classe socioeconómica, à religiosidade e ao posicionamento político, observou-se, sobretudo nas mulheres, que quanto mais elevada for a classe

socioeconómica, menor a tendência para atribuir a infidelidade a traços ou motivações internas do agente ativo. Esta relação suscita dificuldades relativamente à elaboração de uma explicação admissível acerca das possíveis motivações que lhe estão subjacentes, pelo que se considera pertinente o desenvolvimento de estudos futuros que visem compreender este efeito. Verificou-se ainda que, também predominantemente nas mulheres, a classe socioeconómica mais elevada encontra-se associada a reações de desvalorização, podendo este resultado estar associado a expectativas mais elevadas dos indivíduos desta classe socioeconómica para manter uma relação baseada no romantismo e na atração, em detrimento dos aspetos mais práticos da relação.

Também nas mulheres, a maior religiosidade encontra-se associada à maior tendência para atribuir a infidelidade a traços ou motivações internas do agente ativo, o que poderá estar relacionado com o julgamento moral que estes indivíduos tendem a realizar dos outros, uma vez que os ensinamentos teológicos ressaltam a importância dos relacionamentos e da fidelidade e da proibição da infidelidade (Atkins e Kessel, 2008) por consideram o compromisso relacional como algo importante. Este efeito pode ainda refletir a tendência das mulheres, comparativamente aos homens, para realizarem um julgamento moral mais negativo do parceiro, na medida em que atribuem-lhe mais responsabilidade e culpabilização pela ocorrência da infidelidade. Nos homens, quanto mais elevada for a religiosidade, maior a probabilidade de atribuírem a infidelidade a características da relação primária e a características universais do género, observando-se com isto que, enquanto nas mulheres a maior religiosidade encontra-se associada à responsabilização e culpabilização do parceiro, nos homens a maior religiosidade surge associada à desresponsabilização e desculpabilização da parceira. No entanto, seria esperado que o efeito da religiosidade fosse semelhante nos dois sexos e não completamente o oposto, pelo que se considera pertinente desenvolver estudos que pretendam compreender esta tendência. Para tal aconselha-se uma análise mais aprofundada dos diversos tipos de religiosidade (intrínseca, extrínseca, autónoma, controlada, etc.), além da comparação de indivíduos com maior e menor religiosidade.

A maior religiosidade encontra-se, nas mulheres, associada a mais reações de desvalorização, o que suporta, ainda que parcialmente, uma vez que o mesmo não se verifica no sexo masculino, a hipótese colocada nesse sentido. Este resultado pode significar que as mulheres mais religiosas, por considerarem o envolvimento numa relação como algo muito sério e que deve, por isso, ser respeitado e valorizado, esperam que o parceiro honre esses princípios, podendo assim sentirem-se mais desrespeitadas e

desvalorizadas com a infidelidade. Curiosamente, nos homens a maior religiosidade motiva mais reações de satisfação. Este efeito é deveras surpreendente e motiva-nos a questionar os fundamentos subjacentes a estas reações, pelo que se considera pertinente desenvolver, em maior detalhe, um estudo que procure aprofundar e compreender este fenómeno.

No que respeita à influência do posicionamento político, verificou-se que um posicionamento mais à direita motiva atribuições a traços ou motivações internas do agente ativo, o que suporta, ainda que parcialmente, uma vez que se constata apenas no sexo masculino, a hipótese colocada nesse sentido. A explicação para este efeito poderá residir no facto de este tipo de posicionamento político se orientar por valores de conservadorismo e ao mesmo tempo de autoritarismo, na medida em que, por um lado, é socialmente esperado que as mulheres não pratiquem infidelidades (conservadorismo), mas por outro, existe a tendência para as responsabilizar e culpabilizar pelo seu comportamento (autoritarismo). Neste sentido, constatou-se que os homens com um posicionamento político de direita apresentam mais tendência para terminar a relação e menor tendência para perdoar a infidelidade, o que suporta, embora parcialmente (por evidenciar-se apenas nos homens), a hipótese colocada neste sentido. Nas mulheres, o mesmo posicionamento político aumenta a probabilidade para perdoar e reduz a probabilidade de terminar a relação. Estes efeitos poderão refletir a existência de um padrão duplo, na medida em que, enquanto os homens parecem adotar uma postura mais autoritária e menos tolerante e benevolente face à infidelidade das mulheres, o que acaba por determinar o término da relação por considerarem o comportamento da parceira repreensível, as mulheres parecem expressar uma atitude mais transigente face à infidelidade dos homens, motivando assim o perdão e a reconciliação, possivelmente pelo facto de a infidelidade do sexo oposto ser mais expectável e tolerável.

Capítulo 6- Conclusão

A presente investigação revela dados importantes no preenchimento da escassez empírica acerca da compreensão da relação entre as concepções acerca das causas da infidelidade e as reações à mesma, sustentando a pertinência deste estudo. Fornece, assim, informações úteis acerca da forma como os indivíduos reagem à infidelidade e de quais as variáveis que podem assumir um papel relevante na influência dessas reações, pois atendendo ao impacto que a infidelidade tem nos relacionamentos, torna-se essencial compreender que fatores explicam a associação entre a ocorrência de infidelidade e as reações por ela desencadeadas.

No que concerne às variáveis que poderão, por sua vez, influenciar as concepções acerca das causas da infidelidade e também as reações, constatou-se que o estilo de vinculação evidencia uma importante influência nas concepções quanto às causas da infidelidade e nas reações à mesma. A classe socioeconômica, o posicionamento político e a religiosidade evidenciaram uma menor influência, quer nas concepções, quer nas reações, pelo que se considera pertinente desenvolver estudos futuros neste âmbito tendo em conta estas variáveis, uma vez que, da mesma forma que assumem relevância enquanto predisponentes à infidelidade, assume-se que estas variáveis possam também desempenhar um papel importante na determinação das concepções quanto às causas da infidelidade e nas reações provocadas.

Quanto às implicações deste estudo podemos considerar que o conhecimento das vicissitudes das atribuições à infidelidade pode potenciar um maior *insight* acerca das concepções do indivíduo face ao parceiro e à relação e da forma como essas irão influenciar a forma como reage à infidelidade. Este aspeto é relevante, pois cada elemento do casal poderá ter concepções distintas quanto às regras de exclusividade que compõem a relação, pelo que enquanto um dos elementos pode perceber a infidelidade como natural e admissível, o outro elemento pode considerá-la como imoral e intolerável. Assim, este estudo possibilita ao clínico antecipar as reações a uma infidelidade em função do que se sabe acerca do papel das concepções sobre as causas da infidelidade na determinação dessas reações. Com isto, a intervenção psicoterapêutica poderá passar pelo confronto do cliente com a possibilidade de concepções desajustadas, procurando substituí-las por outras mais adaptativas. A mudança conceptual pode ser realizada através da promoção de estratégias cognitivas como a ampliação de consciência e a reestruturação cognitiva. Assim, procede-se à consciencialização das

próprias concepções, procurando que a pessoa identifique possíveis disfunções na interpretação da situação, podendo esta ser, muitas vezes, distorcida, por vários motivos. Seguidamente, poder-se-á promover a identificação de outras possíveis justificações para o comportamento do parceiro infiel, fomentando assim outras formas de perceber e lidar com a situação através da familiarização com novas concepções, com vista a atenuar o sofrimento suscitado por possíveis concepções desadaptativas. Deste modo, torna-se importante prosseguir na identificação de concepções e outras variáveis que podem assumir uma função relevante nas respostas à infidelidade, procurando com isto adequar os procedimentos terapêuticos em função dessas variáveis.

6.1. Limitações e sugestões para investigações futuras

A primeira limitação refere-se ao elevado tempo despendido (aproximadamente 30 minutos) pelos participantes para responderem aos questionários, uma vez que foram confrontados com 3 cenários imaginários alusivos a diferentes tipos de infidelidade. Para cada cenário foi solicitado o preenchimento do Questionário das Concepções Pessoais acerca da Infidelidade (composto por 18 itens) e o Questionário das Reações à Infidelidade (composto por 35 emoções). Os estudos futuros devem procurar colmatar esta limitação através do recurso a um menor conjunto de itens que compõem os instrumentos, particularmente no questionário das reações emocionais. Deve ainda ter-se em consideração que o estudo foi divulgado *online*, sendo por isso totalmente composto por instrumentos de autorrelato, os quais implicam algumas desvantagens, nomeadamente ao nível do grau de sinceridade dos participantes nas respostas aos mesmos, podendo assim haver respostas ao acaso, e a suscetibilidade a distorções e enviesamentos. Com vista a ultrapassar esta limitação sugere-se, em investigações futuras, a diversificação da natureza dos instrumentos.

A limitação anterior levanta a questão da impossibilidade de generalização dos resultados, constituindo assim a segunda limitação do estudo. Este impedimento deve-se também ao facto de a amostra ser constituída por diversas faixas etárias e estatutos relacionais, não tendo estes sido alvo de uma análise diferenciada devido à limitação do tempo para a realização do presente estudo. Desta forma, sugere-se que em estudos posteriores seja considerada tanto a diferenciação de idades, como do estatuto

relacional, pois seria relevante compreender o impacto destas variáveis nas concepções e reações à infidelidade.

A terceira limitação prende-se com alguns dos baixos índices de consistência interna, nomeadamente dos coeficientes Alfa de *Cronbach*, nos fatores emergentes no questionário de concepções pessoais acerca das causas da infidelidade. O reduzido número de itens (4 no máximo) que compõem os fatores pode ser apontado como o principal motivo para a reduzida consistência interna observada, pelo que em estudos futuros se considera pertinente aumentar o número de itens do questionário de modo a colmatar esta limitação.

A quarta limitação é imposta pela questão da confiabilidade na utilização de cenários de infidelidade imaginários, obrigando assim a ponderar se as atribuições e reações daí resultantes seriam as mesmas experienciadas no caso de os participantes terem experienciado efetivamente uma infidelidade do parceiro. Neste sentido, uma das sugestões para estudos posteriores seria a seleção de uma amostra que tenha experienciado uma situação de infidelidade, o que contribuiria também para compreender de que forma a utilização de cenários imaginados vs. situação real determina as respostas dos participantes.

Por fim, a quinta limitação pode estar associada ao facto de o questionário das concepções acerca das causas da infidelidade não facultar uma possibilidade de resposta aberta na qual os participantes poderiam acrescentar outras atribuições que, do seu ponto vista, poderiam ter também contribuído para a ocorrência da infidelidade. Poderá ser pertinente disponibilizar esta oportunidade aquando de futuras investigações, uma vez que poderá dar azo ao conhecimento de outras concepções não consideradas.

Apesar das limitações referidas, acredita-se que o questionário concebido para este estudo pode ter potencialidades e fornecer resultados viáveis em estudos futuros, podendo também funcionar como um ponto de partida ao nível da investigação neste âmbito em Portugal, fornecendo possíveis direções ao nível da intervenção em contexto terapêutico. Aconselha-se a aplicação do instrumento a uma amostra representativa da população portuguesa. Com isto, poder-se-á obter resultados mais completos, que poderão assumir uma elevada pertinência no planeamento de intervenções fundamentadas e úteis no âmbito da influência das concepções pessoais nas reações à infidelidade. Sugere-se também o aprofundamento do papel da classe socioeconómica, religiosidade e posicionamento político na influência sobre as concepções acerca das causas da infidelidade e sobre as reações à mesma.

Referências Bibliográficas

- Afonso, C. M. C. G. (2011). *Estilo de vinculação e relações extra-diádias: satisfação relacional e atitudes como mediadoras*. Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia, Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Ahrndt, S. M. (2005). *Distress in response to infidelity: An Examination of the Evolutionary Perspective* (Tese de Doutoramento). Retirado de <https://campuskickoff.com/letsci/communication/graduate/upload/shannon.pdf> a 28 de Abril de 2014.
- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of Attachment: A Psychological Study of the Strange Situation*. New Jersey: Lawrence Erlbaum.
- Allen, E. S., & Baucom, D. H. (2004). Adult attachment and patterns of extradyadic involvement. *Family Process*, 43(4), 467-488. doi:10.1111/j.1545-5300.2004.00035.x
- Allen, E. S., Atkins, D. C., Baucom, D. H., Snyder, D. K., Gordon, K. C., & Glass, S. P. (2005). Intrapersonal, interpersonal, and contextual factors in engaging in and responding to extramarital involvement. *Clinical Psychology: Science and Practice*, 12(2), 101-130. doi:10.1093/clipsy/bpi014
- Almeida, T. D. (2007). *Ciúme romântico e infidelidade amorosa entre paulistanos: incidências e relações* (Dissertação de Mestrado). Retirado de <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47132/tde-06032007-173046/> a 29 de Abril de 2014.
- Almeida, T. D., Rodrigues, K. R. B., & Silva, A. A. D. (2008). O ciúme romântico e os relacionamentos amorosos heterossexuais contemporâneos. *Estudos de Psicologia*, 13(1), 83-90.
- Andrade, M. N., Mello, I. S. B., & Dias, C. M. S. B. (2009). Sentimentos relacionados à infidelidade conjugal: um estudo com universitários. *Revista de Enfermagem*, 3(4), 882-889. doi:10.5205/reuol.581-3802-1-RV.0304200912

- Atkins, D. C., Baucom, D. H., & Jacobson, N. S. (2001). Understanding infidelity: correlates in a national random sample. *Journal of Family Psychology, 15*(4), 735. doi:10.1037//0893-3200.15.4.735
- Atkins, D. C., & Kessel, D. E. (2008). Religiousness and infidelity: Attendance, but not faith and prayer, predict marital fidelity. *Journal of Marriage and Family, 70*(2), 407-418.
- Barta, W. D., & Kiene, S. M. (2005). Motivations for infidelity in heterosexual dating couples: The roles of gender, personality differences, and sociosexual orientation. *Journal of Social and Personal Relationships, 22*(3), 339-360. doi:10.1177/0265407505052440
- Bartholomew, K. (1990). Avoidance of intimacy: An attachment perspective. *Journal of Social and Personal Relationships, 7*(2), 147-178.
- Bauerle, S. Y., Amirkhan, J. H., & Hupka, R. B. (2002). An attribution theory analysis of romantic jealousy. *Motivation and Emotion, 26*(4), 297-319. doi:10.1023/A:1022871104307
- Bauman, Zygmunt. (2004). *O Amor Líquido* [Documento PDF]. Retirado de <http://xa.yimg.com/kq/groups/15637165/839053622/name/BAUMAN,%252BZygmunt%252B-%252BAmor%252BL%2525C3%2525ADquido.pdf> a 31 de Maio de 2014.
- Berman, W., & Sperling, M. (1994). The Structure and Function of Adult Attachment. In M. Sperling & W. Berman (Eds.), *Attachment in Adults: Clinical and Developmental Perspectives* (pp. 3-28). [On-line] Retirado de <http://www.google.pt/books>.
- Bernard, M. E. (1984). Childhood Emotion and Cognitive Behavior Therapy: A Rational-Emotive Perspective. In P. C. Kendall (Ed.), *Advances in Cognitive-Behavioral Research and Therapy* (pp. 213-253). Orlando: Academic Press.
- Betzig, L. (1989). Causes of conjugal dissolution: a cross-cultural study. *Current Anthropology, 30*(5), 654-676.

- Blow, A. J., & Hartnett, K. (2005a). Infidelity in Committed Relationships I: A Methodological Review. *Journal of Marital and Family Therapy*, 31(2), 183-216. doi:10.1111/j.1752-0606.2005.tb01555.x
- Blow, A. J., & Hartnett, K. (2005b). Infidelity in Committed Relationships II: A Substantive Review. *Journal of Marital and Family Therapy*, 31(2), 217-233. doi:10.1111/j.1752-0606.2005.tb01556.x
- Bogaert, A. F., & Sadava, S. (2002). Adult attachment and sexual behavior. *Personal Relationships*, 9(2), 191-204. doi:10.1111/1475-6811.00012
- Bowlby, J. (1973/1975). *Attachment and loss. Vol. 2: Separation: anxiety and anger*. Harmondsworth: Penguin Books.
- Bradbury, T. N., & Fincham, F. D. (1990). Attributions in marriage: review and critique. *Psychological Bulletin*, 107(1), 3-33.
- Brand, R., Markey, C., Mills, A., & Hodges, S. (2007). Sex differences in self-reported infidelity and its correlates. *Sex Roles*, 57, 101-109. doi:10.1007/s11199-007-9221-5
- Brennan, K. A., Clark, C. L., & Shaver, P. R. (1998). Self-report measurement of adult attachment. In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp. 46-76). New York: Guilford Press.
- Bretherton, I., & Munholland, K. A. (1999). Internal Working Models in Attachment Relationships: A Construct Revisited. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Ed.), *Handbook of Attachment: Theory, Research, and Clinical Applications* (pp. 89-111). New York: Guilford.
- Brown, E. M. (2001). *Affairs – Um guia para sobreviver às repercussões da infidelidade*. Lisboa: Sílabo.
- Burdette, A. M., Ellison, C. G., Sherkat, D. E., & Gore, K. A. (2007). Are There Religious Variations in Marital Infidelity? *Journal of Family Issues*, 28(12), 1553-1581. doi:10.1177/0192513X07304269

- Buss, D. M. (1991). Conflict in married couples: personality predictors of anger and upset. *Journal of Personality*, 59(4), 663-687. doi:10.1111/j.1467-6494.1991.tb00926.x
- Buss, D. M. (2002). Human mate guarding. *Neuroendocrinology Letters*, 23(4), 23-29. doi:10.1007/BF02820844
- Buss, D. M., & Shackelford, T. K. (1997). Susceptibility to infidelity in the first year of marriage. *Journal of Research in Personality*, 31(2), 193-221. doi:10.1006/jrpe.1997.2175
- Buss, D. M., Larsen, R. J., & Westen, D. (1996). Sex differences in jealousy: not gone, not forgotten, and not explained by alternative hypotheses. *Psychological Science*, 7(6), 373-375.
- Buss, D. M., Larsen, R. J., Westen, D., & Semmelroth, J. (1992). Sex differences in jealousy: evolution, physiology, and psychology. *Psychological Science*, 3(4), 251-255.
- Buunk, B. (1980). Extramarital sex in the Netherlands. *Alternative Lifestyles*, 3(1), 11-39. doi:10.1007/BF01083027
- Buunk, B. (1982). Strategies of jealousy: Styles of coping with extramarital involvement of the spouse. *Family Relations*, 31(1), 13-18. doi:10.2307/584196
- Buunk, B. (1984). Jealousy as related to attributions for the partner's behavior. *Social Psychology Quarterly*, 47(1), 107-112.
- Buunk, B. (1994). Social Comparison Processes under Stress: Towards an Integration of Classic and Recent Perspectives. *European Review of Social Psychology*, 5(1), 211-241. doi:10.1080/14792779543000066
- Buunk, B. P. (1995). Sex, self-esteem, dependency and extradyadic sexual experience as related to jealousy responses. *Journal of Social and Personal Relationships*, 12(1), 147-153. doi:10.1177/0265407595121011
- Buunk, B. P., Angleitner, A., Oubaid, V., & Buss, D. M. (1996). Sex differences in jealousy in evolutionary and cultural perspective: tests from the Netherlands,

Germany, and the United States. *Psychological Science*, 7(6), 359-363.
doi:10.1111/j.1467-9280.1996.tb00389.x

Buunk, B. P., & Bakker, A. B. (1995). Extradyadic sex: the role of descriptive and injunctive norms. *Journal of Sex Research*, 32(4), 313-318.
doi:10.1080/00224499509551804

Buunk, B., & Dijkstra, P., (2004). Men, women, and infidelity: sex differences in extradyadic sex and jealousy. In J. Duncombe, K. Harrison, G. Allan & D. Marsden (Eds.), *The state of affairs: Explorations in infidelity and commitment* (pp. 103-120). Mahwah, NJ, USA: Lawrence Erlbaum.

Buunk, B., & Hupka, R. B. (1987). Cross-cultural differences in the elicitation of sexual jealousy. *Journal of Sex Research*, 23(1), 12-22.
doi:10.1080/00224498709551338

Cann, A., Mangum, J. L., & Wells, M. (2001). Distress in response to relationship infidelity: the roles of gender and attitudes about relationships. *Journal of Sex Research*, 38(3), 185-190. doi:10.1080/00224490109552087

Castro, M. G., Poeschl, G., & Coimbra, J. L. (2010). Fidelidade e infidelidade nas relações amorosas: Padrões discursivos. In *Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia*, Braga.

Choi, K.-H., Catania, J. A., & Dolcini, M. M. (1994). Extramarital Sex and HIV Risk Behavior Among US Adults: Results from the National AIDS Behavioral Survey. *American Journal of Public Health*, 84, 2003-2007.
doi:10.2105/AJPH.84.12.2003

Collins, N. L., & Read, S. J. (1990). Adult attachment, working models, and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58(4), 644-663. doi:10.1037/0022-3514.58.4.644

Cosmides, L., & Tooby, J. (2000). Evolutionary Psychology and the Emotions. In M. Lewis & J. M. Haviland-Jones (2nd Ed.), *Handbook of Emotions* (pp. 91-115). New York: Guilford.

- Creasey, G., & Hesson-McInnis, M. (2001). Affective responses, cognitive appraisals, and conflict tactics in late adolescent romantic relationships: associations with attachment orientations. *Journal of Counseling Psychology, 48*(1), 85-96. doi:10.1037//0022-O167.48.1.85
- Crowell, J. A., & Waters, E. (1994). Bowlby's theory grown up: the role of attachment in adult love relationships. *Psychological Inquiry, 5*(1), 31-34. doi:10.1207/s15327965pli0501_4
- Daly, M., & Wilson, M. (1988). Evolutionary Social Psychology and Family Homicide. *Science, 242*, 519-524. doi:10.1126/science.3175672
- Davis, D., Shaver, P. R., & Vernon, M. L. (2003). Physical, emotional, and behavioral reactions to breaking up: the roles of gender, age, emotional involvement, and attachment style. *Personality and Social Psychology Bulletin, 29*(7), 871-884. doi:10.1177/0146167203252884
- DeSteno, D. A., & Salovey, P. (1996). Evolutionary origins of sex differences in jealousy? Questioning the “fitness” of the model. *Psychological Science, 7*(6), 367-372. doi:10.1111/j.1467-9280.1996.tb00391.x
- DeSteno, D., Bartlett, M. Y., Braverman, J., & Salovey, P. (2002). Sex differences in jealousy: evolutionary mechanism or artifact of measurement?. *Journal of Personality and Social Psychology, 83*(5), 1103-1116. doi:10.1037//0022-3514.83.5.1103
- Dewitte, M., & De Houwer, J. (2008). Proximity and distance goals in adult attachment. *European Journal of Personality, 22*(8), 675-694. doi:10.1002/per.696
- Drigotas, S. M., Safstrom, C. A., & Gentilia, T. (1999). An investment model prediction of dating infidelity. *Journal of Personality and Social Psychology, 77*(3), 509-524.
- Ellsworth, P.C., & Scherer, K.R. (2003). Appraisal processes in emotion. In R.J. Davidson, K.R., Scherer, & H.H. Goldsmith (Eds.), *Handbook of affective sciences* (pp. 572-595). Retirado de <http://people.ict.usc.edu/~gratch/CSCI534/EllsworthScherer03.PDF> a 2 de Maio de 2014.

- Epstein, S. (1990). Cognitive-Experiential Self-Theory. In L. A. Pervin (Eds.), *Handbook of Personality: Theory and Research* (pp. 165-192). New York: Guilford Press.
- Farinha, S. I. (2010). *A natureza do ciúme*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Lisboa.
- Feeney, J. (2008). Adult Romantic Attachment: Developments in the Study of Couple Relationships. In J. Cassidy & P. R. Shaver (2nd Ed.), *Handbook of Attachment: Theory, Research, and Clinical Applications* (pp. 456-481). New York: Guilford Press.
- Feeney, J. A., & Noller, P. (1990). Attachment style as a predictor of adult romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58(2), 281-291.
- Feeney, J., & Noller, P. (1996). *Adult attachment*. Thousand Oaks: Sage.
- Feldman, S. S., & Cauffman, E. (1999). Sexual betrayal among late adolescents: perspectives of the perpetrator and the aggrieved. *Journal of Youth and Adolescence*, 28(2), 235-258. doi:10.1023/A:1021605532205
- Fenigstein, A., & Peltz, R. (2002). Distress over the infidelity of a child's spouse: A crucial test of evolutionary and socialization hypotheses. *Personal Relationships*, 9(3), 301-312. doi:10.1111/1475-6811.00021
- Folkman, S., & Lazarus, R. S. (1980). An analysis of coping in a middle-aged community sample. *Journal of Health and Social Behavior*, 21(3), 219-239.
- Fonseca, M., Soares, I., & Martins, C. (2006). Estilos de vinculação, orientação para o trabalho e relações profissionais. *Psicologia*, XX, 187-208.
- Fontinha, J. M. G. M. (2009). *Faz a ti mesmo aquilo que farias aos outros: Estilo de vinculação como determinante da compaixão e auto-compaixão*. Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia, Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Forste, R., & Tanfer, K. (1996). Sexual exclusivity among dating, cohabiting, and married women. *Journal of Marriage and the Family*, 58, 33-47. doi:10.2307/353375

- Gibson, D. M. (2008). Relationship betrayal and the influence of religious beliefs: A case illustration of couples counseling. *The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families*, 16(4), 344-350. doi:10.1177/1066480708323085
- Glass, S. P. (2002). Couple Therapy after the Trauma of Infidelity. In A. S. Gurman & N. S. Jacobson (3rd Ed.), *Clinical Handbook of Couple Therapy* (pp. 488-507). New York: Guilford Press.
- Glass, S. P., & Wright, T. L. (1985). Sex differences in type of extramarital involvement and marital dissatisfaction. *Sex Roles*, 12(9-10), 1101-1120. doi:10.1007/BF00288108
- Glass, S. P., & Wright, T. L. (1992). Justifications for Extramarital Relationships: The Association between Attitudes, Behaviors, and Gender. *Journal of Sex Research*, 29(3), 361-387. doi:10.1080/00224499209551654
- Gratch, J., Mao, W., & Marsella, S. (2006). Modeling Social Emotions and Social Attributions. In R. Sun (Ed.), *Cognitive Modeling and Multi-agent Interaction: From Cognitive Modeling to Social Simulation* (pp. 219-251). New York: Cambridge University Press.
- Green, M. C., & Sabini, J. (2006). Gender, Socioeconomic Status, Age, and Jealousy: Emotional Responses to Infidelity in a National Sample. *Emotion*, 6(2), 330-334. doi:10.1037/1528-3542.6.2.330
- Halevy, N., Weisel, O., & Bornstein, G. (2011). In-group love and out-group hate in repeated interaction between groups. *Journal of Behavioral Decision Making*. doi:10.1002/bdm.726
- Hall, J. H., & Fincham, F. D. (2006). Relationship dissolution following infidelity: The roles of attributions and forgiveness. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 25(5), 508-522.
- Hall, J. H., & Fincham, F. D. (2013). Relationship Dissolution Following Infidelity. In M. A. Fine, & J. H. Harvey (Eds.), *Handbook of divorce and relationship dissolution* (pp. 1-34). Retirado de <http://www.fincham.info/papers/Infidelity%20chapter%20revised.pdf> a 25 de Junho de 2014.

- Hansen, G. L. (1987). Extradyadic relations during courtship. *Journal of Sex Research*, 23, 382–390.
- Harris, C. R. (2002). Sexual and romantic jealousy in heterosexual and homosexual adults. *Psychological Science*, 13(1), 7-12. doi:10.1111/1467-9280.00402
- Harris, C. R. (2004). The evolution of jealousy. *American Scientist*, 92(1), 62-71. doi:10.1511/2004.1.62
- Harris, C. R., & Christenfeld, N. (1996). Gender, jealousy, and reason. *Psychological Science*, 7, 364-366.
- Harrison, K. (2004). The role of female friends in the management of affairs. In J. Duncombe, K. Harrison, G. Allan & D. Marsden (Eds.), *The state of affairs: Explorations in infidelity and commitment* (pp. 203-222). New Jersey: Lawrence Erlbaum.
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52(3), 511-524.
- Hazan, C., & Shaver P. (1994). Deeper into attachment theory. *Psychological Inquiry*, 5(1), 68-79.
- Heider, F. (1944). Social perception and phenomenal causality. *Psychological Review*, 51, 358–374.
- Kelly, G. A. (1955). *The Psychology of Personal Constructs: a theory of personality*. New York: W.W. Norton & Company.
- Kuppens, P., Van Mechelen, I., Smits, D. J., & De Boeck, P. (2003). The appraisal basis of anger: specificity, necessity and sufficiency of components. *Emotion*, 3(3), 254-269. doi:10.1037/1528-3542.3.3.254
- Lamela, D., Figueiredo, B., & Bastos, A. (2010). Adaptação ao divórcio e Relações Coparentais: Contributos da Teoria da Vinculação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23(3), 562-574.

- Landolfi, J. F., Geher, G., & Andrews, A. (2007). The role of stimulus specificity on infidelity reactions: Seeing is disturbing. *Current Psychology, 26*(1), 46-59. doi:10.1007/s12144-007-9001-y
- Lazarus, R. S. (1982). Thoughts on the Relations Between Emotion and Cognition. *American Psychologist, 37*(9), 1019-1924.
- Lazarus, R. S. (1991). Progress on a cognitive-motivational-relational theory of emotion. *American Psychologist, 46*(8), 819-834. doi:10.1037/0003-066X.46.8.819
- Lazarus, R. S. (2006). Emotions and interpersonal relationships: toward a person-centered conceptualization of emotions and coping. *Journal of Personality, 74*(1), 9-46. doi:10.1111/j.1467-6494.2005.00368.x
- Leal, A. (2009). “De pequenino se torce o pepino”: Processos de mediação entre as experiências de infância e as relações de casal. Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia, Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Leeker, O., & Carlozzi, A. (2014). Effects of sex, sexual orientation, infidelity expectations, and love on distress related to emotional and sexual infidelity. *Journal of Marital and Family Therapy, 40*(1), 68-91. doi:10.1111/j.1752-0606.2012.00331.x
- Lieberman, B. (1988). Extrapremarital intercourse: attitudes toward a neglected sexual behavior. *Journal of Sex Research, 24*, 291-299. doi:10.1080/00224498809551427
- Liu, C. (2000). A theory of marital sexual life. *Journal of Marriage and Family, 62*(2), 363-374. doi:10.1111/j.1741-3737.2000.00363.x
- Lopes, P. N., Brackett, M. A., Nezlek, J. B., Schütz, A., Sellin, I., & Salovey, P. (2004). Emotional intelligence and social interaction. *Personality and Social Psychology Bulletin, 30*(8), 1018-1034. doi:10.1177/0146167204264762
- Main, M., Kaplan, N., & Cassidy, J. (1985). Security in infancy, childhood, and adulthood: a move to the level of representation. *Monographs of the Society for*

Research in Child Development, 50(1-2), 66-104. doi:10.1111/1540-5834.ep11889989

- Martins, A. (2012). *Comportamentos extra-diádicos offline e online nas relações de namoro: Diferenças de género nos motivos, prevalência e correlatos*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia, Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Martins, A., Pereira, M., & Canavarro, M. C. (2014). Comportamentos extra-diádicos nas relações de namoro: Diferenças de sexo na prevalência e correlatos. *Análise Psicológica*, 32(1), 45-62. doi:10.14417/ap.740
- Mattingly, B. A., Wilson, K., Clark, E. M., Bequette, A. W., & Weidler, D. J. (2010). Foggy faithfulness: Relationship quality, religiosity, and the Perceptions of Dating Infidelity Scale in an adult sample. *Journal of Family Issues*, 31(11), 1465-1480. doi:10.1177/0192513X10362348
- McAnulty, R., & Brineman, J. (2007). Infidelity in dating relationships. *Annual Review of Sex Research*, 18(1), 94-114. doi:10.1080/10532528.2007.10559848
- Mikulincer, M. (1998). Attachment working models and the sense of trust: an exploration of interaction goals and affect regulation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74(5), 1209-1224.
- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2007). *Attachment in adulthood: Structure, dynamics, and change*. New York: Guilford Press.
- Miller, S. L., & Maner, J. K. (2008). Coping with romantic betrayal: sex differences in responses to partner infidelity. *Evolutionary Psychology*, 6(3), 413-426.
- Moreira, J. M. (1999). A razão de erros-padrões: Um critério objectivo para o teste do “cotovelo” na determinação do número de factores na análise em componentes principais. *Revista Portuguesa de Psicologia*, 34, 111-147.
- Moreira, J. M., Lind, W., Santos, M. J., Moreira, A. R., Gomes, M. J., Justo, J., Oliveira, A. P., Filipe, L. A., & Faustino, M. (2006). “Experiências em Relações Próximas”, um questionário de avaliação das dimensões básicas dos estilos de vinculação nos adultos: Tradução e validação para a população Portuguesa. *Laboratório de Psicologia*, 4, 3-27.

- Nannini, D. K., & Meyers, L. S. (2000). Jealousy in sexual and emotional infidelity: an alternative to the evolutionary explanation. *Journal of Sex Research, 37*(2), 117-122. doi:10.1080/00224490009552028
- Negash, S., Cui, M., Fincham, F. D., & Pasley, K. (2014). Extradysadic involvement and relationship dissolution in heterosexual women university students. *Archives of Sexual Behavior, 43*, 531-539. doi:10.1007/s10508-013-0213-y
- Newman, H. M., & Langer, E. J. (1981). Post-divorce adaptation and the attribution of responsibility. *Sex Roles, 7*(3), 223-232. doi:10.1007/BF00287537
- Oatley, K., & Johnson-Laird, P. N. (2014). Cognitive approaches to emotions. *Trends in Cognitive Sciences, 18*(3), 134-140. doi:10.1016/j.tics.2013.12.004
- Olson, M. M., Russell, C. S., Higgins-Kessler, M., & Miller, R. B. (2002). Emotional processes following disclosure of an extramarital affair. *Journal of Marital and Family Therapy, 28*(4), 423-434. doi:10.1111/j.1752-0606.2002.tb00367.x
- Orzeck, T., & Lung, E. (2005). Big-five personality differences of cheaters and non-cheaters. *Current Psychology, 24*(4), 274-286. doi:10.1007/s12144-005-1028-3
- Parrott, W. G. (1991). The emotional experience of envy and jealousy. In P. Salovey (Ed.), *The psychology of jealousy and envy* (pp. 3-30). [Online] Retirado de <http://www.google.pt/books>.
- Peluso, P. R. (2007). *Infidelity: A Practitioners Guide to Working with Couples in Crisis*. New York: Routledge.
- Phillips, A. (2010). Indignation or insecurity: The influence of mate value on distress in response to infidelity. *Evolutionary Psychology, 8*(4), 736-750.
- Pietromonaco, P. R., Greenwood, D., & Barrett, L. F. (2004). Conflict in Adult Close Relationships: An Attachment Perspective. In W. S. Rholes & J. A. Simpson (Ed.), *Adult Attachment: Theory, Research, and Clinical Implications* (pp. 267-299). New York: Guilford Press.

- Platts, H., Tyson, M., & Mason, O. (2002). Adult Attachment Style and Core Beliefs: Are They Linked?. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, 9(5), 332-348. doi:10.1002/cpp.345
- Ponte, J. P. (1992). Concepções dos professores de matemática e processos de formação. In *Educação Matemática: Temas de Investigação*, Lisboa.
- Rusbult, C. E. (1980). Commitment and satisfaction in romantic associations: A test of the investment model. *Journal of Experimental Social Psychology*, 16, 172-186. doi:10.1016/0022-1031(80)90007-4
- Rusbult, C. & Buunk, B. (1993). Commitment processes in close relationships: an interdependence analysis. *Journal of Social and Personal Relationships*, 10(2), 175-204. doi:10.1177/026540759301000202
- Sabini, J., & Green, M. C. (2004). Emotional responses to sexual and emotional infidelity: constants and differences across genders, samples, and methods. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 30(11), 1375-1388. doi:10.1177/0146167204264012
- Schneider, B. (1987). The people make the place. *Personnel Psychology*, 40(3), 437-453.
- Shackelford, T. K., Buss, D. M., & Bennett, K. (2002). Forgiveness or breakup: Sex differences in responses to a partner's infidelity. *Cognition and Emotion*, 16(2), 299-307. doi:10.1080/02699930143000202
- Shackelford, T. K., LeBlanc, G. J., e Drass, E. (2000). Emotional reactions to infidelity. *Cognition and Emotion*, 14(5), 643-659. doi:10.1080/02699930050117657
- Simpson, J. A. (1990). Influence of attachment styles on romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59(5), 971-980.
- Simpson, J. A., & Gangestad, S. W. (1991). Individual differences in sociosexuality: evidence for convergent and discriminant validity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 60(6), 870-883.

- Simpson, J. A., Rholes, W. S., & Nelligan, J. S. (1992). Support seeking and support giving within couples in an anxiety-provoking situation: the role of attachment styles. *Journal of Personality and Social Psychology*, *62*(3), 434-446.
- Simpson, J. A., Rholes, W. S., & Phillips, D. (1996). Conflict in close relationships: an attachment perspective. *Journal of Personality and Social Psychology*, *71*(5), 899-914.
- Sousa, D. L., Santos, R. B., & Almeida, T. (2009). Vivências da infidelidade conjugal feminina. *Pensando Famílias*, *13*(2), 197-214.
- Spanier, G. B., & Margolis, R. L. (1983). Marital separation and extramarital sexual behavior. *Journal of Sex Research*, *19*(1), 23-48. doi:10.1080/00224498309551167
- Tashiro, T. Y., & Frazier, P. (2003). "I'll never be in a relationship like that again": Personal growth following romantic relationship breakups. *Personal Relationships*, *10*(1), 113-128. doi:10.1111/1475-6811.00039
- Thompson, A. P. (1983). Extramarital sex: a review of the research literature. *Journal of Sex Research*, *19*(1), 1-22.
- Thompson, A. P. (1984). Emotional and sexual components of extramarital relations. *Journal of Marriage and the Family*, *46*(1), 35-42. doi:10.2307/351861
- Træen, B., Holmen, K., & Stigum, H. (2007). Extradyadic sexual relationships in Norway. *Archives of Sexual Behavior*, *36*(1), 55-65. doi:10.1007/s10508-006-9080-0
- Treas, J., & Giesen, D. (2000). Sexual infidelity among married and cohabiting americans. *Journal of Marriage and Family*, *62*(1), 48-60. doi:10.1111/j.1741-3737.2000.00048.x
- Vandello, J. A., & Cohen, D. (2003). Male honor and female fidelity: implicit cultural scripts that perpetuate domestic violence. *Journal of Personality and Social Psychology*, *84*(5), 997-1010. doi:10.1037/0022-3514.84.5.997

- Vaughn, P. (2002). *Help for Therapists (and their Clients) in dealing with affairs*. [Documento PDF] Retirado de <http://www.dearpeggy.com/free-pdfs/help-for-therapists.pdf> a 17 de Junho de 2014.
- Viegas, T. & Moreia, J. M. (2013). Julgamentos de infidelidade: Um estudo exploratório dos seus determinantes. *Estudos de Psicologia, 18*(3), 411-418.
- Vilhena, B. M. L. G. R. (2010). *O papel da vinculação e do apoio social na recuperação de doentes alcoólicos*. Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia, Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Weerth, C., & Kalma, A. P. (1993). Female aggression as a response to sexual jealousy: a sex role reversal?. *Aggressive Behavior, 19*(4), 265-279.
- Weiss, & R. (1999). The attachment bond in childhood and adulthood. In C. M. Parkes, J. Stevenson-Hinde & P. Marris (Eds.), *Attachment across the life cycle* (pp. 66-76). London: Routledge.
- Whisman, M. A., Gordon, K. C., & Chatav, Y. (2007). Predicting sexual infidelity in a population-based sample of married individuals. *Journal of Family Psychology, 21*(2), 320-324. doi:10.1037/0893-3200.21.2.320
- White, G. L. (1981). Jealousy and partner's perceived motives for attraction to a rival. *Social Psychology Quarterly, 44*(1), 24-30.
- Widmer, E. D., Treas, J., & Newcomb, R. (1998). Attitudes toward nonmarital sex in 24 countries. *The Journal of Sex Research, 35*(4), 349-358.
- Wiederman, M. W., & LaMar, L. (1998). "Not with him you don't!": Gender and emotional reactions to sexual infidelity during courtship. *Journal of Sex Research, 35*(3), 288-297.
- Winek, J. L., & Craven, P. A. (2003). Healing rituals for couples recovering from adultery. *Contemporary Family Therapy, 25*(3), 249-266.

ANEXOS

ANEXO A

Declaração de Consentimento informado

Caro participante,

Eu, Diana Sofia Teixeira Marcos aluna do 5º ano da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, encontro-me a realizar um projeto de investigação para a minha dissertação de mestrado, sob orientação do Professor Doutor João Manuel da Silva Moreira.

Com esta investigação pretende-se compreender as diferentes conceções pessoais relativamente à infidelidade A a maneira como essas podem influenciar as reações à mesma.

Neste sentido, pretendemos conhecer as suas conceções pessoais A eventuais reações a uma situação (hipotética) de infidelidade por parte do seu parceiro/a. Para isso, solicitamos que responda ao conjunto de questionários que se seguem. Todas as questões colocadas terão como referência cenários imaginados. Não existem questões relativas a comportamentos reais de infidelidade, seus ou do seu parceiro.

É muito importante que responda a todas as questões, pois não será possível submeter o questionário caso não o tenha feito.

Para participar terá de ter idade igual ou superior a 18 anos. A sua colaboração demorará cerca de 20 minutos A é voluntária, pelo que poderá interrompê-la a qualquer momento. Se, por qualquer razão, não quiser participar, tem todo o direito de o fazer.

Não existem riscos para a sua saúde ou bem-estar, conhecidos ou que seja possível antecipar, relacionados com a participação neste estudo. O seu anonimato será mantido, não sendo registado o seu nome ou qualquer outro elemento que o possa identificar. As informações recolhidas são estritamente anónimas A confidenciais, sendo utilizadas exclusivamente para o presente estudo.

Após a entrega da dissertação, esta ficará integralmente disponível no repositório da Universidade de Lisboa (*repositorio.ul.pt*), caso pretenda consultá-la, bastando pesquisar pelo meu nome.

Caso esteja interessado/a em receber, no final na investigação, um resumo dos resultados em linguagem não técnica, ou para qualquer outra questão relativa ao estudo, poderá contactar-me para diana.marcos@campus.ul.pt ou ao meu orientador, para joao.moreira@campus.ul.pt.

Ao clicar na seta abaixo, estará por esse ato a declarar que é maior de 18 anos, que leu, compreendeu A concordou com as indicações acima contidas, A que aceita colaborar livre A voluntariamente nesta investigação.

Muito obrigado pela sua atenção A colaboração!

ANEXO B

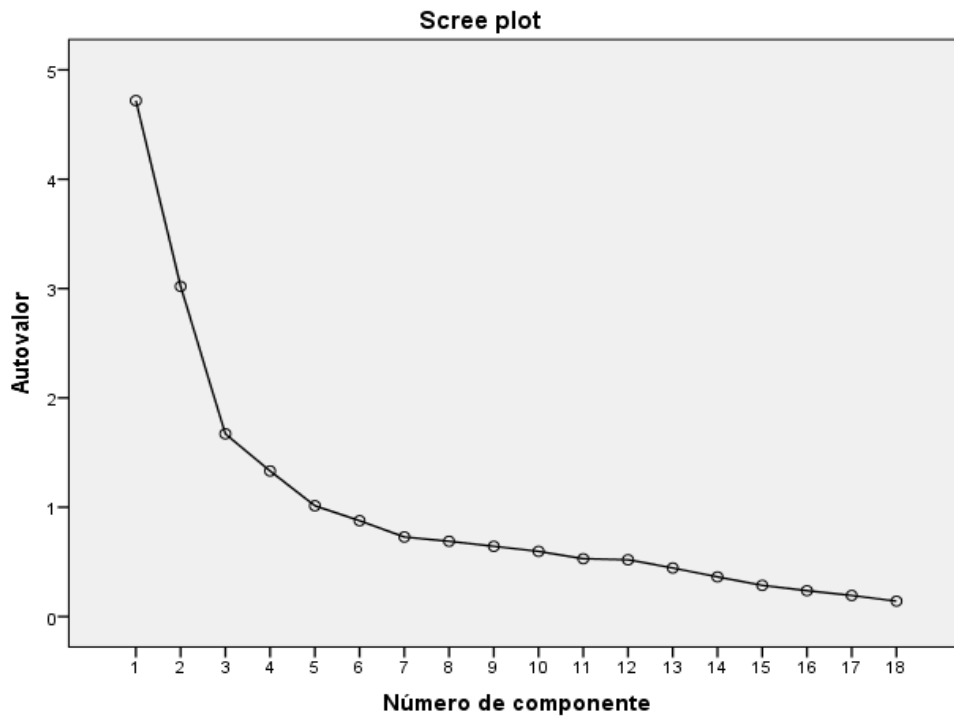


Figura B.1. Gráfico dos valores próprios correspondente às conceções no cenário IE do sexo masculino.

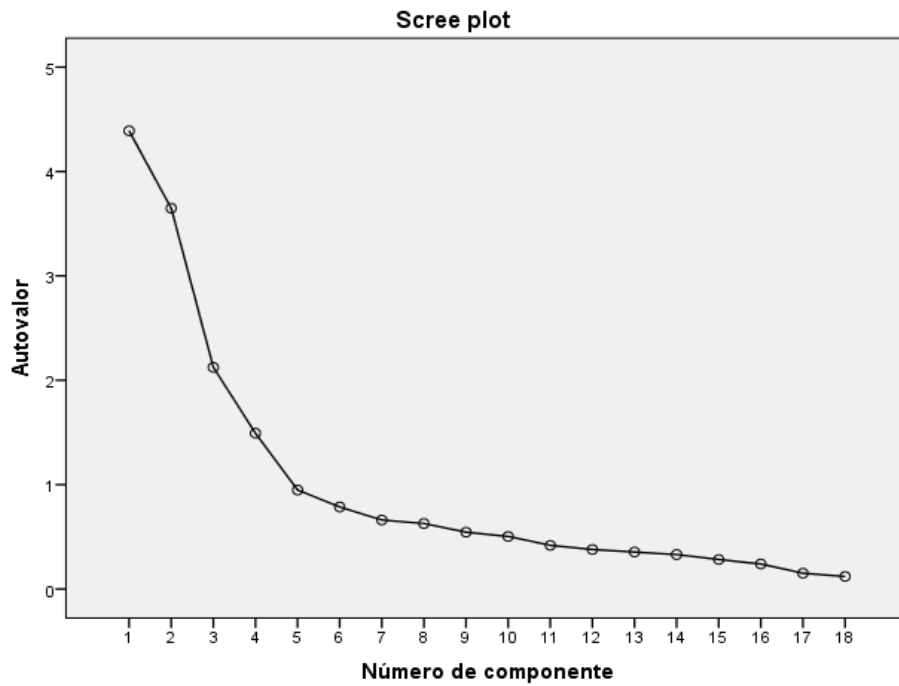


Figura B.2. Gráfico dos valores próprios correspondente às conceções no cenário ISC do sexo masculino.

ANEXO C

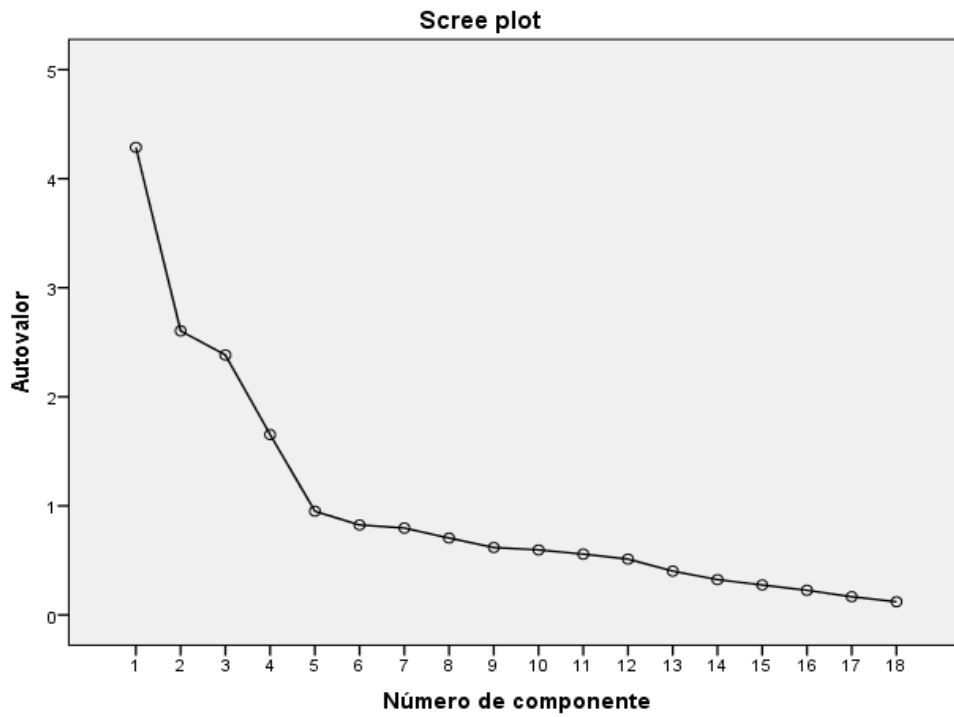


Figura C.1. Gráfico dos valores próprios correspondente às conceções no cenário ISO do sexo feminino.

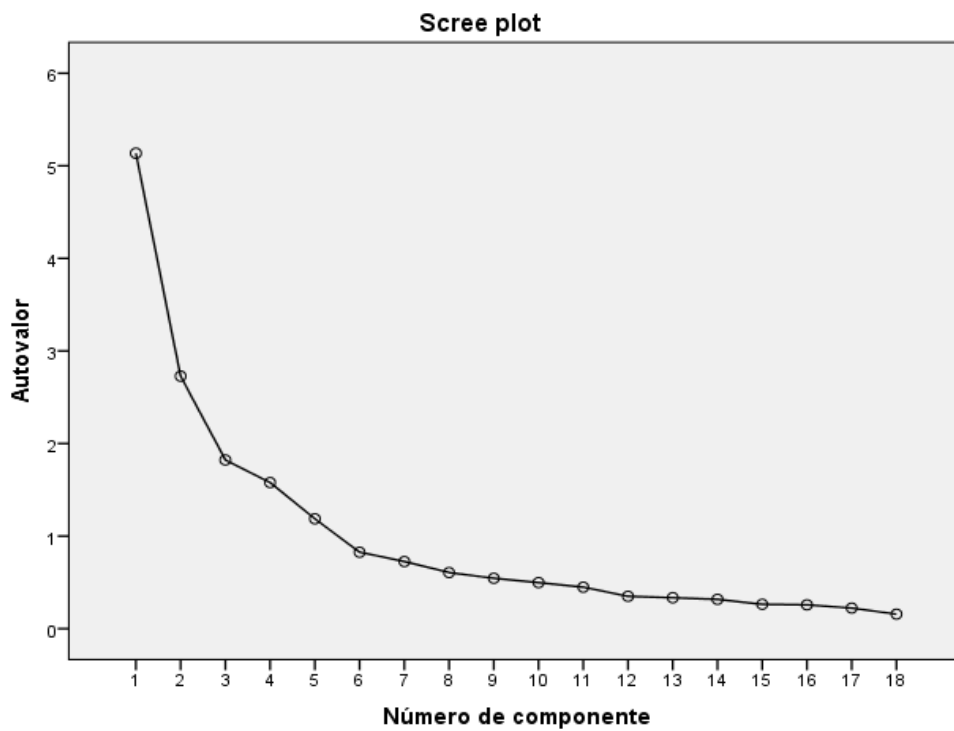


Figura C.2. Gráfico dos valores próprios correspondente às conceções no cenário IE do sexo feminino.

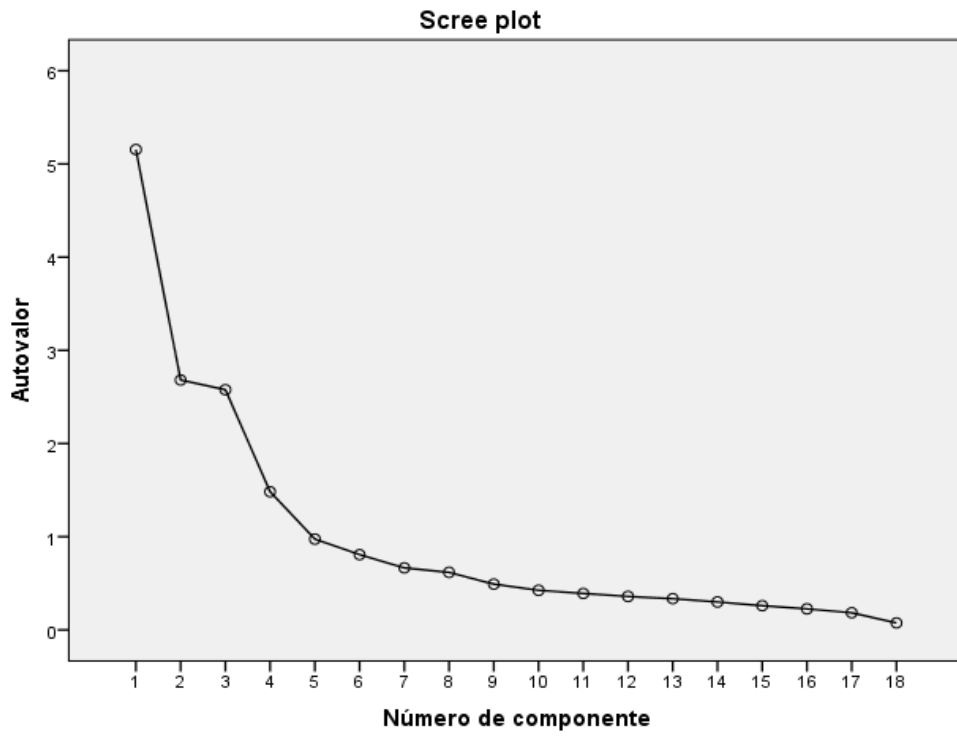


Figura C.3. Gráfico dos valores próprios correspondente às conceções no cenário ISC do sexo feminino.

ANEXO D

Quadro D.1

Itens das concepções para o cenário IE do sexo masculino: Matriz dos componentes após rotação

	Masculino				
	1	2	3	4	5
1. Deve ter-se criado uma química forte entre a A. e o O	-,09	,05	,01	,24	<u>,83</u>
2. A A. deve ter algumas necessidades que não estão a ser satisfeitas no seu casamento.	-,05	<u>,70</u>	-,01	,00	,12
3. As mulheres deixam-se levar facilmente por estas situações.	<u>,83</u>	,06	,15	-,06	,19
4. O marido da A. não tomou precauções para que a situação fosse evitada.	,17	<u>,71</u>	,08	-,10	,16
5. As mulheres têm uma tendência muito forte para se envolver neste género de situações.	<u>,82</u>	,15	,24	-,11	,08
6. A A. deve ter grande tendência para se envolver neste género de situações.	<u>,78</u>	,09	-,01	,07	,03
7. Devia haver alguns desentendimentos entre a A. e o marido.	,03	<u>,73</u>	,00	,19	-,26
8. Estas situações fazem, inevitavelmente, parte da natureza humana.	,05	,04	<u>,81</u>	,14	-,09
9. A A. deve ser uma pessoa irresponsável.	<u>,82</u>	-,05	-,18	,07	-,17
10. As mulheres não conseguem controlar-se quando um homem se mostra disponível.	<u>,83</u>	,03	,13	-,12	,02
11. A A. deve ser uma pessoa que não tem valores morais.	<u>,75</u>	-,02	-,19	,14	-,25
12. O O. deve ser uma pessoa muito atraente.	,25	,18	,18	<u>,66</u>	-,02
13. As circunstâncias em que a A. se encontrou foram fortes demais.	,10	,16	,43	,50	,18
14. A A. deve ter dificuldade em se autocontrolar.	<u>,74</u>	-,08	-,06	,30	-,20
15. O O. devia ter algo que fosse especialmente atraente para a A.	-,15	,08	,01	<u>,78</u>	,25

(Quadro continua)

Quadro D.1 (continuação)

	Masculino				
	1	2	3	4	5
16. A A. já não deve sentir-se atraída pelo marido.	-,01	,55	-,09	,20	,39
17. Estas coisas acontecem, não é possível evitar.	-,04	,05	<u>,85</u>	,07	,05
18. A A. deve estar saturada da rotina da sua vida.	,01	<u>,69</u>	,20	,24	-,10

Nota. Designar-se-á o agente ativo (parceiro infiel) pela letra A e à outra pessoa (pessoa com quem é praticada a infidelidade) será atribuída a letra O.

Quadro D.2

Itens das concepções para o cenário ISC do sexo masculino: Matriz dos componentes após rotação

	Masculino			
	1	2	3	4
1. Deve ter-se criado uma química forte entre a A e o O.	-,05	,17	,05	<u>,60</u>
2. A A. deve ter algumas necessidades que não estão a ser satisfeitas no seu casamento.	-,12	<u>,78</u>	-,04	,10
3. As mulheres deixam-se levar facilmente por estas situações.	<u>,84</u>	,05	,27	,01
4. O marido da A. não tomou precauções para que a situação fosse evitada.	,17	,57	,28	,15
5. As mulheres têm uma tendência muito forte para se envolver neste género de situações.	<u>,83</u>	,05	,33	-,11
6. A A. deve ter grande tendência para se envolver neste género de situações.	<u>,76</u>	,02	-,24	,22
7. Devia haver alguns desentendimentos entre a A. e o marido.	-,03	<u>,79</u>	,07	,12
8. Estas situações fazem, inevitavelmente, parte da natureza humana.	,02	,04	<u>,76</u>	,22
9. A A. deve ser uma pessoa irresponsável.	<u>,72</u>	-,09	-,51	,10
10. As mulheres não conseguem controlar-se quando um homem se mostra disponível.	<u>,82</u>	,00	,27	-,06
11. A A. deve ser uma pessoa que não tem valores morais.	<u>,74</u>	,05	-,43	,02
12. O O. deve ser uma pessoa muito atraente.	,13	,10	,10	<u>,73</u>
13. As circunstâncias em que a A. se encontrou foram fortes demais.	,10	,13	,56	,52
14. A A. deve ter dificuldade em se autocontrolar.	<u>,62</u>	-,01	-,39	,31
15. O O. devia ter algo que fosse especialmente atraente para a A.	,03	,15	,12	<u>,79</u>

(Quadro continua)

Quadro D.2. (continuação)

	Masculino			
	1	2	3	4
16. A A. já não deve sentir-se atraída pelo marido.	,18	<u>,76</u>	-,06	,13
17. Estas coisas acontecem, não é possível evitar.	-,03	,11	<u>,79</u>	,09
18. A A. deve estar saturada da rotina da sua vida.	-,05	<u>,74</u>	,11	,08

Nota. Designar-se-á o agente ativo (parceiro infiel) pela letra A e à outra pessoa (pessoa com quem é praticada a infidelidade) será atribuída a letra O.

ANEXO E

Quadro E.1

Itens das concepções para o cenário ISO do sexo feminino: Matriz dos componentes após rotação

	Feminino			
	1	2	3	4
1. Deve ter-se criado uma química forte entre o A. e a O.	-,08	-,09	-,01	,63
2. O A. deve ter algumas necessidades que não estão a ser satisfeitas no seu casamento.	,06	,70	,14	,03
3. Os homens deixam-se levar facilmente por estas situações.	,81	,15	,35	-,04
4. A mulher do A. não tomou precauções para que a situação fosse evitada.	,04	,64	,16	-,10
5. Os homens têm uma tendência muito forte para se envolver neste género de situações.	,82	,08	,36	-,02
6. O A. o deve ter grande tendência para se envolver neste género de situações.	,73	,05	-,09	,04
7. Devia haver alguns desentendimentos entre o A. e a mulher.	,04	,66	-,39	,06
8. Estas situações fazem, inevitavelmente, parte da natureza humana.	,12	-,16	,73	,03
9. O A. deve ser uma pessoa irresponsável.	,65	,12	-,42	-,12
10. Os homens não conseguem controlar-se quando uma mulher se mostra disponível.	,79	,02	,31	,00
11. O A. deve ser uma pessoa que não tem valores morais.	,66	,17	-,43	-,04
12. A O. deve ser uma pessoa muito atraente.	,05	,05	,05	,86
13. As circunstâncias em que o A. se encontrou foram fortes demais.	-,04	,31	,45	,47
14. O A. deve ter dificuldade em se autocontrolar.	,54	,17	-,16	,33
15. A O. devia ter algo que fosse especialmente atraente para o A.	,10	,06	,01	,90

(Quadro continua)

Quadro E.1. (continuação)

	Feminino			
	1	2	3	4
16. O A. já não deve sentir-se atraído pela mulher.	,24	<u>,61</u>	-,51	,08
17. Estas coisas acontecem, não é possível evitar.	,08	,18	<u>,68</u>	,01
18. O A. deve estar saturado da rotina da sua vida.	,21	<u>,66</u>	-,05	,09

Nota. Designar-se-á o agente ativo (parceiro infiel) pela letra A e à outra pessoa (pessoa com quem é praticada a infidelidade) será atribuída a letra O.

Quadro E.2

Itens das concepções para o cenário ISC do sexo feminino: Matriz dos componentes após rotação

	Feminino			
	1	2	3	4
1. Deve ter-se criado uma química forte entre o A. e a O.	-,14	-,04	-,02	,64
2. O A. deve ter algumas necessidades que não estão a ser satisfeitas no seu casamento.	-,02	,75	,09	,10
3. Os homens deixam-se levar facilmente por estas situações.	,55	,09	,70	,03
4. A mulher do A. não tomou precauções para que a situação fosse evitada.	,10	,61	,22	,06
5. Os homens têm uma tendência muito forte para se envolver neste género de situações.	,56	,05	,73	,03
6. O A. deve ter grande tendência para se envolver neste género de situações.	,76	,29	,06	-,02
7. Devia haver alguns desentendimentos entre o A. e a mulher.	,13	,83	-,11	,07
8. Estas situações fazem, inevitavelmente, parte da natureza humana.	-,28	-,13	,66	,29
9. O A. deve ser uma pessoa irresponsável.	,83	,15	-,06	-,06
10. Os homens não conseguem controlar-se quando uma mulher se mostra disponível.	,59	,02	,58	-,01
11. O A. deve ser uma pessoa que não tem valores morais.	,85	,11	-,08	-,05
12. A O. deve ser uma pessoa muito atraente.	,20	,26	,11	,79
13. As circunstâncias em que o A. se encontrou foram fortes demais.	,00	,14	,17	,63
14. O A. deve ter dificuldade em se autocontrolar.	,75	,16	,03	,26
15. A O. devia ter algo que fosse especialmente atraente para o A.	,10	,07	,06	,87

(Quadro continua)

Quadro E.2. (continuação)

	Feminino			
	1	2	3	4
16. O A. já não deve sentir-se atraído pela mulher.	,27	<u>,81</u>	-,14	,07
17. Estas coisas acontecem, não é possível evitar.	-,20	,04	<u>,76</u>	,10
18. O A. deve estar saturado da rotina da sua vida.	,22	<u>,77</u>	-,04	,11

Nota. Designar-se-á o agente ativo (parceiro infiel) pela letra A e à outra pessoa (pessoa com quem é praticada a infidelidade) será atribuída a letra O.

ANEXO F

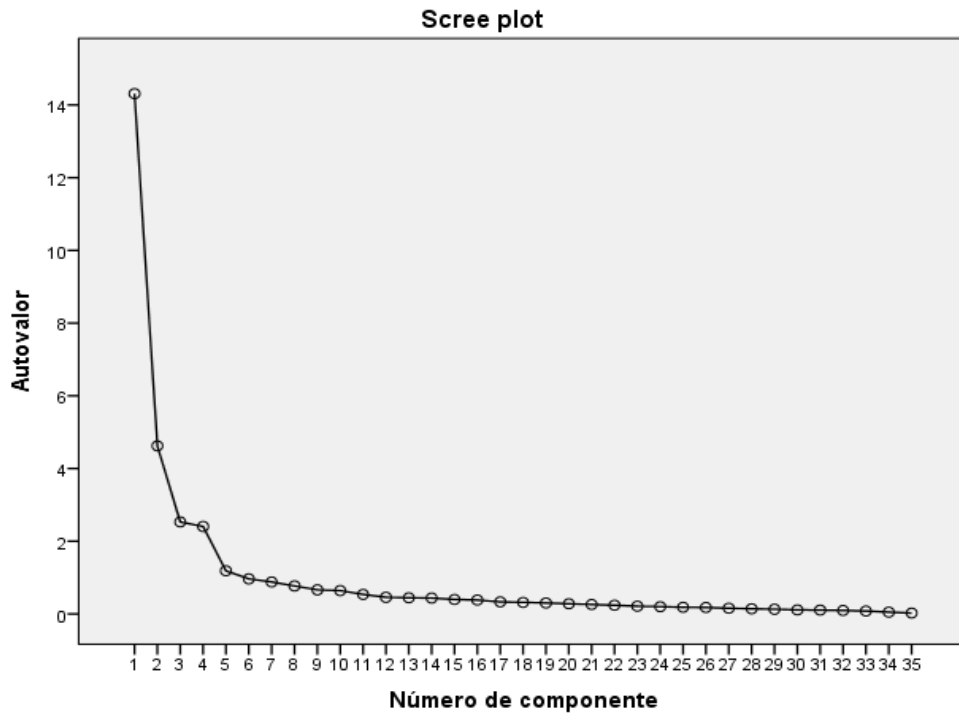


Figura F.1. Gráfico dos valores próprios correspondente às reações emocionais no cenário ISC do sexo masculino.

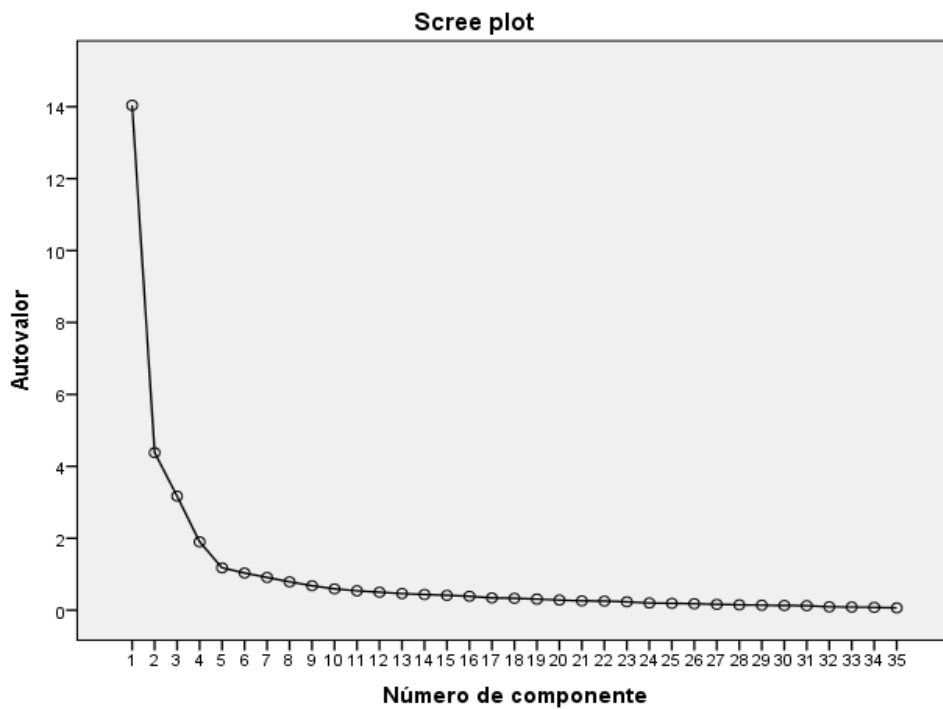


Figura F.2. Gráfico dos valores próprios correspondente às reações emocionais no cenário IE do sexo masculino.

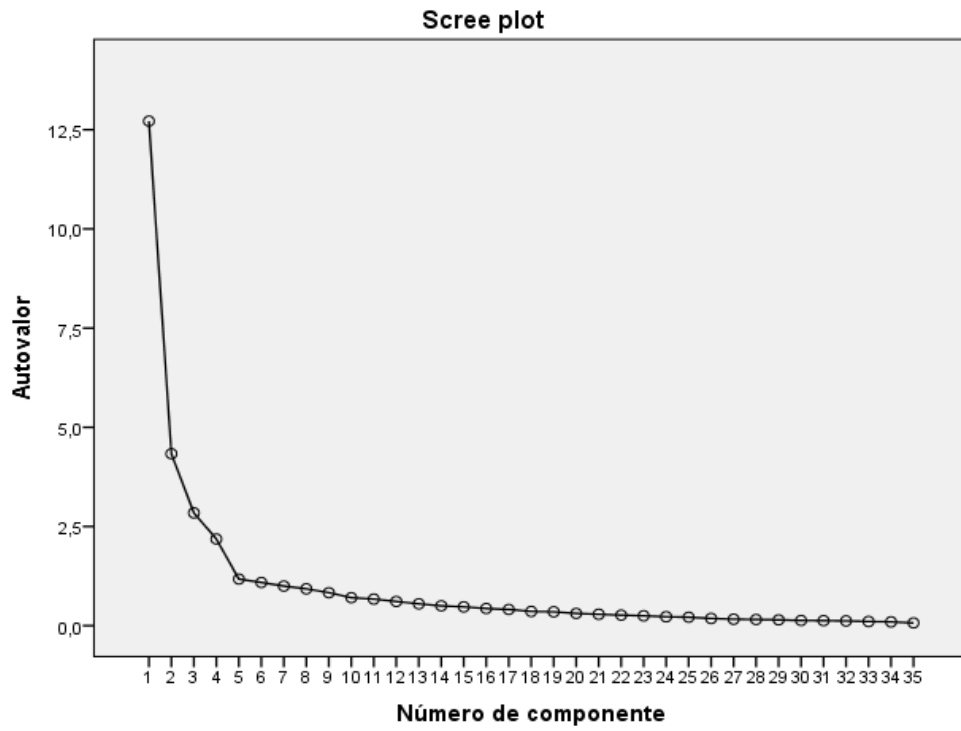


Figura F.3. Gráfico dos valores próprios correspondente às reações emocionais no cenário ISC do sexo masculino.

ANEXO G

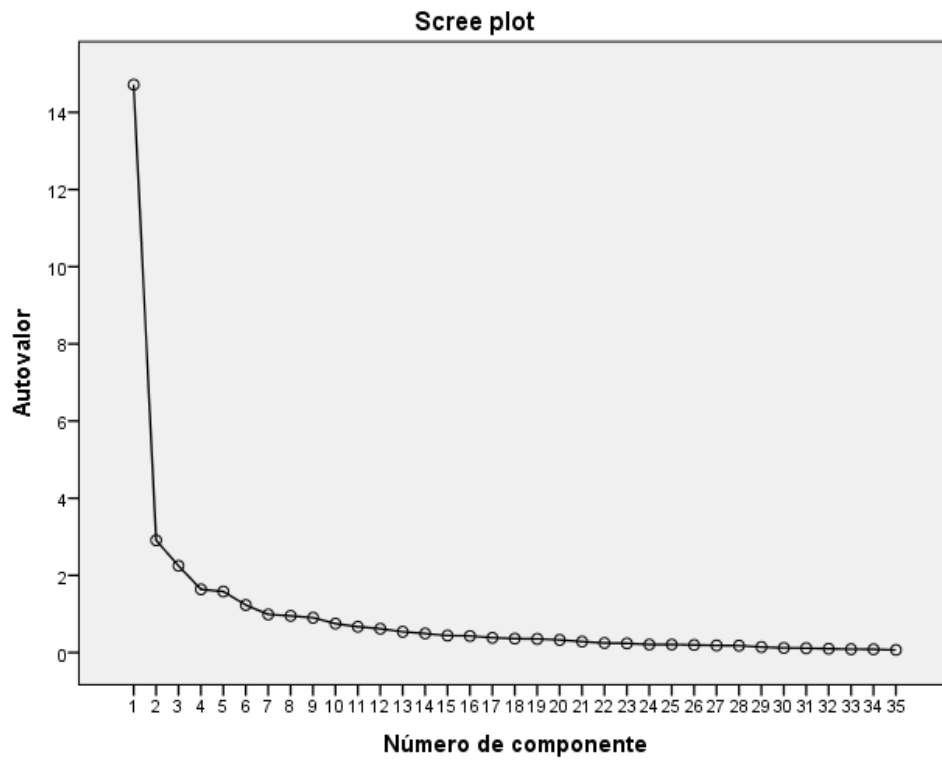


Figura G.1. Gráfico dos valores próprios correspondente às reações emocionais no cenário ISO do sexo feminino.

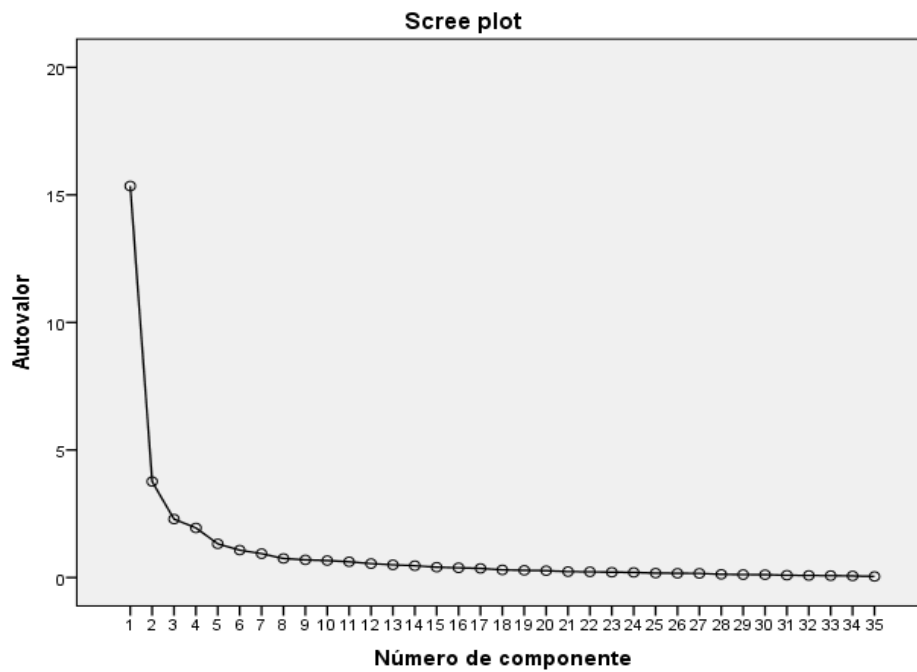


Figura G.2. Gráfico dos valores próprios correspondente às reações emocionais no cenário IE do sexo feminino.

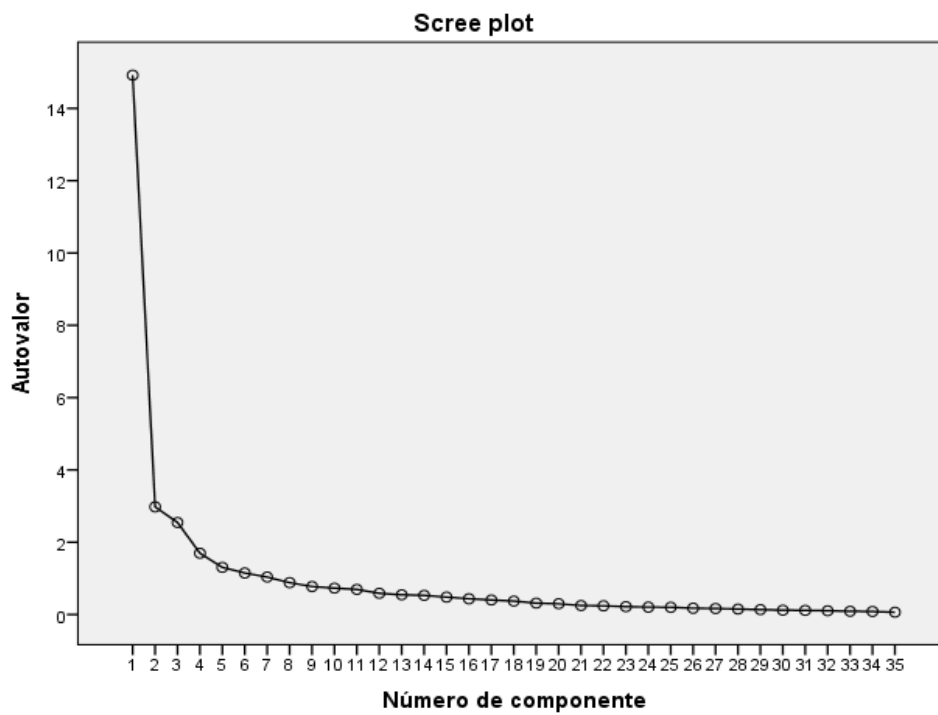


Figura G.3. Gráfico dos valores próprios correspondente às reações emocionais no cenário ISC do sexo feminino.

ANEXO H

Quadro H.1

Item das reações no cenário IE para ambos os sexos: matriz de componentes após rotação

	Feminino				Masculino			
	1	2	3	4	1	2	3	4
Abalada	,45	,70	,02	-,19	,53	,55	,03	-,15
Aflita	,56	,35	,11	,08	,75	,22	,05	,04
Agressiva	,29	,25	,80	-,05	,26	,32	,81	,03
Alegre	-,01	-,06	,05	,92	-,02	-,05	,03	,93
Amargurada	,55	,50	,29	-,13	,62	,47	,25	-,08
Chocada	,19	,70	,22	,13	,22	,79	,06	-,02
Chorosa	,47	,61	-,03	,01	,59	,21	,11	,07
Ciumenta	,40	,53	,07	-,10	,45	,42	,13	-,09
Com ódio	,25	,32	,76	-,07	,29	,31	,80	,08
Com vontade de matar	,26	,11	,73	,16	,23	,04	,80	,11
Contente	-,02	-,02	-,01	,87	,01	-,14	,01	,89
Deprimida	,73	,44	,01	-,16	,68	,36	,16	-,09
Desamparada	,72	,43	,14	-,01	,77	,30	,05	-,09
Desapontada	,28	,73	,21	-,09	,18	,76	,22	-,18
Desesperada	,61	,45	,29	,04	,79	,17	,16	,02
Desiludida	,30	,81	,13	-,11	,16	,76	,23	-,22
Encantada	,07	-,04	,17	,63	-,02	-,09	,08	,87
Enganada	,21	,74	,34	-,13	,14	,74	,36	-,07

(Quadro continua)

Quadro H.1. (continuação)

	Feminino				Masculino			
	1	2	3	4	1	2	3	4
Feliz	,02	,01	-,16	,63	-,04	-,13	-,01	,91
Inadequada	,70	,15	,26	,17	,79	-,05	,12	-,01
Incompetente	,71	,06	,44	,03	,73	-,06	,27	-,01
Indesejada	,70	,45	,16	-,05	,66	,35	,08	-,03
Infeliz	,55	,52	,15	-,15	,56	,44	,18	-,20
Inferior	,74	,25	,22	-,01	,82	,11	,12	-,04
Insignificante	,84	,14	,22	-,06	,82	,10	,27	-,01
Isolada	,69	,31	,25	,13	,77	,16	,13	-,08
Pasmada	,25	,72	,29	,00	,31	,66	,09	,01
Rancorosa	,32	,30	,74	-,09	,31	,34	,78	,03
Rejeitada	,59	,58	,19	-,06	,64	,43	,27	-,02
Satisfeita	,03	-,08	-,01	,92	,01	-,01	,13	,78
Sem Valor	,78	,19	,24	-,01	,79	,05	,35	-,03
Serena	-,13	-,17	-,23	,40	-,17	-,09	-,34	,39
Traída	,17	,75	,37	-,12	,12	,70	,42	-,06
Vazia	,80	,27	,16	-,03	,73	,31	,21	,02
Vingativa	,20	,21	,82	-,11	,21	,28	,85	,03

Quadro H.2

Item das reações no cenário ISC para ambos os sexos: matriz de componentes após rotação

	Feminino				Masculino			
	1	2	3	4	1	2	3	4
Abalada	,52	,67	,07	,03	,38	,70	,12	-,10
Aflita	,64	,32	,27	,06	,74	,04	,24	,04
Agressiva	,22	,22	,82	-,14	,17	,20	,85	-,01
Alegre	-,02	-,12	,09	,70	,02	-,21	,02	,91
Amargurada	,53	,48	,26	-,10	,55	,47	,32	,03
Chocada	,26	,74	,32	-,02	,19	,68	,17	-,08
Chorosa	,67	,47	-,03	-,02	,65	,27	,15	-,09
Ciumenta	,52	,42	,16	,04	,45	,26	,37	-,07
Com ódio	,24	,25	,75	-,23	,24	,18	,85	,02
Com vontade de matar	,36	,03	,71	,03	,17	,01	,75	,03
Contente	,10	-,01	-,16	,67	,00	-,36	,00	,79
Deprimida	,78	,37	,04	-,10	,76	,35	,10	,00
Desamparada	,74	,36	,16	-,02	,78	,16	,13	,07
Desapontada	,29	,83	,12	-,02	,08	,85	,06	-,18
Desesperada	,72	,32	,27	,06	,74	,08	,18	-,01
Desiludida	,34	,72	-,02	-,18	,09	,87	,20	-,12
Encantada	,00	-,02	,21	,08	,00	-,17	,06	,82
Enganada	,28	,74	,10	-,25	,15	,81	,08	-,14
Feliz	,06	-,36	,03	,25	-,06	-,01	-,12	,60

(Quadro continua)

Quadro H.2. (continuação)

	Feminino				Masculino			
	1	2	3	4	1	2	3	4
Inadequada	<u>,73</u>	,04	,29	,00	<u>,73</u>	-,03	,12	-,05
Incompetente	<u>,79</u>	,06	,24	,14	<u>,72</u>	-,03	,21	-,03
Indesejada	<u>,73</u>	,28	-,01	-,16	<u>,72</u>	,19	,13	-,07
Infeliz	<u>,74</u>	,40	,00	-,15	,58	,51	,03	-,04
Inferior	<u>,85</u>	,20	,03	-,02	<u>,82</u>	,14	,13	-,12
Insignificante	<u>,83</u>	,12	,21	-,09	<u>,80</u>	,11	,23	-,04
Isolada	<u>,80</u>	,10	,17	,00	<u>,80</u>	,14	,10	-,06
Pasmada	,34	<u>,67</u>	,27	,08	,22	,39	,32	,00
Rancorosa	,26	,26	<u>,71</u>	-,26	,40	,22	<u>,72</u>	-,03
Rejeitada	<u>,75</u>	,30	,13	-,09	<u>,66</u>	,23	,06	-,03
Satisfeita	,00	-,11	-,08	<u>,80</u>	-,09	,00	-,04	<u>,75</u>
Sem Valor	<u>,86</u>	,09	,21	-,02	<u>,83</u>	,00	,17	-,05
Serena	-,19	-,11	-,09	,49	-,06	-,10	-,31	,14
Traída	,19	<u>,66</u>	,12	-,18	,08	<u>,82</u>	,22	-,20
Vazia	<u>,75</u>	,20	,26	-,05	<u>,73</u>	,20	,13	,05
Vingativa	,17	,12	<u>,85</u>	-,16	,22	,13	<u>,87</u>	,01